



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA – PPGEDUC**

EDSON PANTOJA NUNES

“QUE CRESCAM COMO GENTE”: As comunidades cristãs e a formação de lideranças em Cametá (décadas de 1970-1990)

**CAMETÁ – PARÁ
2020**

EDSON PANTOJA NUNES

“QUE CRESÇAM COMO GENTE”: As comunidades cristãs e a formação de lideranças em Cametá (décadas de 1970-1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, na linha de pesquisa Políticas e Sociedade, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, como exigência à obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura, sob a orientação do Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes.

CAMETÁ – PARÁ
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

EDSON PANTOJA NUNES

“QUE CRESÇAM COMO GENTE”: As Comunidades Cristãs e a formação de lideranças em Cametá (décadas de 1970-1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, na linha de pesquisa Políticas e Sociedade, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, como exigência à obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura, sob a orientação do Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes
PPGEDUC/UFPA – Orientador

Prof. Dr. José do Espírito Santo Dias Júnior
PPGEH/UFPA – Avaliador Externo

Prof. Dr. Eraldo Souza do Carmo
PPGEDUC/UFPA – Avaliador Interno

CAMETÁ – PARÁ
2020

Dedico (*in memoriam*) a meu pai, João Manoel, e a todos os padres holandeses, como também ao padre brasileiro, natural da cidade de Baião, José Coutinho Favacho, que muito cedo nos deixou, a D. José Elias e ao cônego Davi Laredo.

A minha mãe, Maria das Graças, a meus filhos, Pedro Vítor e Maria Júlia, com muito amor.

A todos os comunitários da Diocese de Cametá, e também ao padre Geraldo Gommers, que se encontra em sua terra natal, Holanda.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Pará, Campus Cametá, pelo empenho em fazer deste curso de pós-graduação uma realidade para muitos que não possuem condições de se deslocar para outro lugar.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), pela contribuição acadêmica que possibilitou contribuir com este trabalho.

Aos professores avaliadores, Prof. Dr. Eraldo Souza do Carmo e Prof. Dr. José do Espírito Santo Dias Júnior, pelas orientações, que proporcionaram uma dinâmica qualitativa a este trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes, pelas orientações, que dinamizaram este trabalho.

À minha família, aos meus irmãos, Raimundo Nonato, Lucia Helena, que sempre estão ao meu lado em todos os momentos.

À Diocese de Cametá, pela oportunidade de permitir o acesso aos seus documentos.
A Geraldo Frencken, pelas orientações a este trabalho.

Por fim, a Deus, que nos move com sua energia, não deixando o desânimo nos contaminar.

A estes, meus sinceros agradecimentos!

O que é Comunidade Eclesial de Base?

“Um desafio lançado à Igreja pela esperança de libertação dos povos latino-americanos. Através de suas comunidades de base, de seus agentes pastorais, descobrir a maneira mais evangélica de tornar essa esperança uma prática eficaz de transformação da história e busca do mundo de justiça e amor”.

Frei Betto.

RESUMO

A presente dissertação analisa o processo de formação de lideranças desenvolvido pela Prelazia de Cametá a partir dos anos de 1970, cujo desdobramento proporcionou um engajamento social nos diversos movimentos sociais, que compreenderam a luta por melhores condições de vida. Os resultados dessa nova pastoral serão as chamadas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), conhecidas na Prelazia de Cametá como Comunidades Cristãs (CCs), que com isso desempenharam um papel muito importante na história da Igreja no Brasil e, em destaque, na Prelazia de Cametá. Destaca-se ainda a importância das Conferências de Medellín e Puebla no continente latino-americano e a criação de uma nova teologia, denominada Teologia da Libertação, que influenciou as CEBs no seu agir na sociedade. Essa teologia será a diretriz de pastoral para as CCs. Dessa maneira, haverá dentro da Igreja um novo modo de trabalho pastoral, não somente o espiritual, mas que problematizará sobre o que gera a pobreza dentro de um sistema capitalista excludente. Para entender esse processo no ambiente de atuação da Igreja em Cametá, analisamos os documentos produzidos pelo acervo da Prelazia de Cametá, assim como, através de entrevistas, procuramos ouvir os agentes sociais e religiosos envolvidos a respeito da atuação das CCs e sua relação com a Teologia da Libertação, em um movimento que promoveu a formação de lideranças em Cametá, assim como o trabalho dos padres holandeses da Congregação de São Vicente, os lazaristas, que compreenderam que era a hora de a Igreja assumir um compromisso para com os excluídos, e ainda as ações de formação de seus fiéis, proporcionando um posicionamento crítico perante uma realidade de exploração. Portanto, as CCs na Prelazia de Cametá foram a sementeira de uma formação, tanto para o desenvolvimento de lideranças, quanto para a constituição dos movimentos sociais.

Palavras-chave: Comunidade Cristã. Comunidade Eclesial de Base. Lideranças. Movimentos sociais. Padres lazaristas.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the Leadership formation process developed by the Diocese of Cametá from the 1970s onwards, whose development provided a social engagement in the various social movements that comprise the struggle for better living conditions. This purpose that the Catholic Church in Cametá embraced was the result of a great movement of commitment to a Pastoral and expressed in the guidelines of the Second Vatican Council. This new pastoral will be called Base Ecclesial Communities (CEBs) and in the Diocese of Cametá known as Christian Communities (CCs), which, with this, had a very important role in the history of the Church in Brazil and in the interior of the State of Pará. It also highlights the importance of the Medellín and Puebla Conferences in the Latin American continent and the creation of a new theology, called Liberation Theology, which will influence the CEBs in their actions in society. This theology will be the pastoral guideline for CCs. In this way, the Church will have a new way of pastoral work, not only the spiritual, but it will problematize what generates poverty within an exclusive capitalist system. To understand this process in the environment where the Church works in Cametá, we analyzed the documents produced by the Diocese and which make up the collection of the Prelature of Cametá, as well as, through interviews, we tried to listen to the social and religious agents involved. The role of the CCs and their relationship with Liberation Theology in a movement that promoted the formation of leaders in Cametá, as well as the work of the Dutch priests of the Congregation of São Vicente, the Lazarists, who understood that it was time for the Church to assume a commitment to the excluded, as well as training actions for their faithful, providing a critical position in the face of a reality of exploitation, are the central objects of observation.

Key words: Christian Community. Base Ecclesial Community. Leadership. Social movements. Lazarist Fathers.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ação Católica
CCs	Comunidades Cristãs
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CNBB	Conferência dos Bispos do Brasil
CELAN	Conselho Episcopal Latino-Americano
CPT	Comissão Pastoral da Terra
ECAS	Equipe Central Ampliada com Setores
FASE	Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
IPAR	Instituto de Pastoral Regional
JEC	Juventude Estudantil Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
MODEST	Movimento do Desenvolvimento do Baixo Tocantins
PC	Partido Comunista
PT	Partido dos Trabalhadores
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
TL	Teologia da Libertação

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Cursos oferecidos pela Prelazia de Cametá, 1970	57
Figura 1 – A nova forma de se organizar para conquistar direitos	62
Figura 2 – Uma análise de como o povo era manipulado	63
Figura 3 – Panfleto intitulado “A Igreja do Satanás”, distribuído na cidade de Cametá em 1980 para colocar o povo contra os padres holandeses.....	69
Figura 4 – Panfleto intitulado “Cuidado com Eles”, distribuído na cidade de Igarapé Miri em 1978 e alusivo aos “padres estrangeiros” (holandeses).....	70
Figura 5 – Missa celebrada pelo bispo D. José Elias e padre Leônides, em 25 de julho de 1984.....	71
Figura 6 – Durante protesto, discurso do comunitário e animador de comunidade Francisco, conhecido como Chicão, 1984.....	71
Figura 7 – Passeata pelas ruas da cidade de Cametá, 1984.....	72
Figura 8 – A nova opção de Igreja, agora pelos pobres.....	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 IGREJA EM CONTEXTO DE ATUAÇÃO POLÍTICA	16
2.1 A IGREJA NA AMÉRICA LATINA E O CONCÍLIO VATICANO II	16
2.2 CONFERÊNCIAS DE MEDELLÍN E PUEBLA	19
2.3 CRIAÇÃO DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL	21
2.4 UMA IGREJA ATENTA ÀS CAUSAS SOCIAIS.....	24
3 UMA IGREJA EM CRISE QUE SE APROXIMA DAS CAUSAS SOCIAIS.....	26
3.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS RELACIONADOS AO MOVIMENTO SOCIALISTA NO BRASIL.....	26
3.2 SURGIMENTO DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NO BRASIL.....	28
3.3 AS CEBS E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO	33
3.4 AS CEBS E O ENGAJAMENTO SOCIAL.....	37
3.5 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS CEBS.....	39
3.6. ASPECTOS DO PAPEL DA LIDERANÇA	42
3.7 O CAPITALISMO NA FRONTEIRA DA AMAZÔNIA TOCANTINA	44
4 COMUNIDADES CRISTÃS NA PRELAZIA DE CAMETÁ E A FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS POLÍTICAS.....	47
4.1 A CRIAÇÃO DA PRELAZIA DE CAMETÁ E O PRIMEIRO PRELADO	47
4.2 AS CCS NA PRELAZIA DE CAMETÁ	50
4.3 ANIMADORES DE COMUNIDADES E FORMAÇÃO SOCIAL	55
4.4 COMUNIDADE CRISTÃ E ENGAJAMENTO SOCIAL.....	60
4.5 PERÍODO DE D. JOSÉ ELIAS CHAVES	74
4.6 DE UM POVO SUBALTERNO A SUJEITOS HISTÓRICOS.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	83
APÊNDICES	91
ANEXOS.....	93

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho dissertativo tem como objetivo analisar a formação de lideranças a partir das Comunidades Cristãs no município de Cametá,¹ no período de 1970 a 1990. Nesse período, é importante destacar a presença dos padres da Congregação da Missão, chamados lazaristas,² quase todos oriundos da Holanda, além do entendimento do significado de *liderança*, principalmente em relação à Igreja, termo muito controverso e muito vago, mas que ganha importância nesse cenário.

Outro aspecto relevante é a trajetória do pesquisador deste trabalho, como participante ligado aos movimentos sociais, militante político de esquerda, professor concursado do município de Cametá, e também um agricultor rural atuante. Essas relações provocaram-me a inquietude ao escrever este trabalho. Segundo Thompson (1977), é preciso que os trabalhadores tenham a compreensão de escrever a sua história, não mais a partir dos dominadores, e recuperar uma história alternativa, que supõe sempre polemizar com a ideologia dominante.

Nesse cenário, trago a Igreja Católica para o debate, em que, diferente de muitas outras partes do Brasil, estará empenhada com a classe social dos trabalhadores. O seu processo de organização não se limitará aos limites religiosos, como também aos movimentos sociais ligados estreitamente às comunidades.

E todo esse movimento irá estruturar-se a partir de uma conjuntura, que parte da Igreja advogará a partir do Concílio Vaticano II, na Europa, e também na América Latina, com as Conferências de Medellín e de Puebla. Assim, como forma de atuação de pastoral, surgirá uma nova pastoral, que será conhecida como Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e na Prelazia de Cametá, Comunidades Cristãs (CCs). Como suporte metodológico ao trabalho das CEBs, terá a Teologia da Libertação como diretriz metodológica de pastoral. Dessa maneira, surgirá dentro da Igreja um novo trabalho pastoral, não somente espiritual, mas com uma abordagem teológica de crítica ao sistema capitalista (BETTO, 1978).

¹ O município de Cametá, conforme o Censo do IBGE (2010), possui uma população de 120.896 habitantes, distribuídos numa área de 3.108,2 km², sendo que 52.838 residem na cidade e 68.058 residem na zona rural. Está situado na mesorregião do Nordeste Paraense. A cidade de Cametá, sede do município, está a aproximadamente 146 km de Belém em linha reta. É cortada pelo rio Tocantins, que ao longo de seu curso em forma de arquipélago, existem mais de 100 ilhas interligadas pelas águas.

² Seus membros são conhecidos como padres e irmãos vicentinos ou lazaristas porque a primeira casa da Congregação, em Paris, chamava-se Casa de São Lázaro.

De acordo com Libânio (1982), ao invés deste novo jeito de agir da Igreja, desta nova pastoral ser difundida em todos os campos de atuação e ocupar predominantemente o lugar das pastorais tradicionais, e devido também à trágica situação política implantada pelo regime militar no Brasil, ela encontrará obstáculos com o regime autoritário, que por sua vez fechará os canais mais visíveis. Isso sem mencionar a resistência de setores conservadores dentro da Igreja, que, além de não aplicarem as novas diretrizes vaticanas, apoiavam o governo militar. Foi por isso que – o autor esclarece – somente uma parte da Igreja, denominada progressista, implementará essa pastoral de matriz crítico-social.

Betto (1984) discorre sobre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que nas décadas de 1970 e 1980 desempenharam importante papel na conjuntura brasileira. Foram sementeiras de lideranças populares que criaram movimentos sociais e revitalizaram o sindicalismo combativo. Com isso, favoreceram a capilaridade nacional do Partido dos Trabalhadores, embora jamais tivessem caráter partidário e sempre abrigassem militantes de diferentes partidos.

É no contexto de atuação da Igreja Católica de Cameté, de embates internos e de necessidade de organizar os seus comunitários, que se apresenta esta dissertação, destacando-se, nesse processo, a presença dos padres holandeses, que aqui estiveram desde o ano de 1936, mas com intensa presença a partir dos anos de 1960.

A base teórica usada neste trabalho será o materialismo histórico-dialético, analisado enquanto epistemologia no processo da construção social do sujeito histórico, que visa à transformação social a partir do ponto de vista dos trabalhadores, com base na experiência de suas lutas anteriores.

Nessa compreensão, para a elaboração deste trabalho essa base teórica das ciências sociais faz compreender a história da formação das lideranças, o que faziam, qual o sentido de lutar por condições melhores de vida, como também seu aspecto dialético no sentido da dúvida, da crítica como meio de direcionar a forma como se trabalhava. Esse aspecto é algo difícil no processo de lutas, quando é mais cômodo criticar o sistema capitalista. A dúvida era um pressuposto em que Marx acreditava. Certa ocasião, indagado por sua filha em um questionário, respondeu: “duvidar de tudo” (KONDER, 1998, p. 83). Portanto, a característica da dialética é o espírito crítico e autocrítico, os dialéticos devem estar sempre dispostos a rever as interpretações em que se baseiam para atuar, segundo Konder (1998).

Esta dissertação irá trilhar esse caminho, no sentido de trazer a análise dos trabalhadores rurais, em geral, que participaram das Comunidades Cristãs no município de

Cametá no período de 1970-1990, e até que ponto esse processo contribuiu para a formação desses trabalhadores enquanto sujeitos históricos inseridos no contexto socioeconômico-político, e a contribuição para a atuação de lideranças, seja na comunidade, na política, nos movimentos sociais, nas associações ou mesmo em ideologia contrária à dos trabalhadores.

Assim, Gramsci (1978) expressa que o intelectual não pode saber sem compreender e sem estar apaixonado pelo objeto do saber, sem sentir as paixões elementares do povo e relacioná-las dialeticamente às leis da história. Nesse sentido, é importante essa aproximação com o objeto da pesquisa, aqui entendida como a necessidade de compreender a atuação da Igreja, através das CEBs, o que pressupõe analisar a documentação de época, mas também ouvir os agentes socialmente envolvidos nesse processo, conhecer estes informantes no seu cotidiano de ação.

Como técnica indispensável, adotarei a análise documental, por meio da qual será analisado todo e qualquer documento que se julgar importante. Segundo Ludke e André (1986, p. 38), “a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse”. Constitui-se num rico instrumento de pesquisa, pois fundamenta afirmações de outros autores que sejam utilizados; mesmo necessitando de tempo e disponibilidade do pesquisador para seleção e análise dos documentos, eles evidenciam afirmações e declarações importantes e são uma fonte natural de informação (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Será adotada também a entrevista como instrumento para captar informações através das falas dos atores sociais que fazem parte do contexto pesquisado, não sendo um procedimento sem objetivos; sendo ela estruturada ou não, deve revelar importantes elementos sociais e culturais do cotidiano de uma unidade particular, que podem ser informações a nível individual ou particular ou ainda coletiva, permitindo um diálogo aberto e rico em interações sociais. Neste aspecto, o pesquisador busca obter informes contidos nas falas dos atores sociais, o que “não significa uma conversa despreziosa e neutra, [...] se insere como meio de coleta dos dados relatados pelos atores, enquanto sujeitos – objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada” (NETO, 2002, p. 57).

As pessoas entrevistadas são “comunitários” que participaram do processo de formação nas Comunidades Cristãs a partir de 1970. Nesse caso, far-se-á o confronto das diferentes posições levantadas pelos informantes, e num momento posterior procederemos à análise das informações levantadas pelas entrevistas e às constatações feitas pelas

observações. A análise e a interpretação dos dados devem ser feitas de forma interativa com a coleta acompanhando todo o processo de investigação. Após a análise dos conteúdos das entrevistas serão elaboradas as conclusões e as variáveis colhidas que poderão ser avaliadas de forma relacionada ao objeto de estudo.

Do ponto de vista da estrutura do trabalho, dividimo-lo em cinco seções, incluída esta seção 1, Introdução. A seção 2 aborda os antecedentes históricos que fundamentaram as mudanças na Igreja e os fatos que marcaram essas mudanças, como a realização do Concílio Vaticano II, no período de 1961-1965. Em seguida, as Conferências na América Latina – Medellín na Colômbia, em 1968, e Puebla no México, em 1979. Estas duas conferências propuseram fazer uma opção pelos pobres, pois são eles o resultado visível de um sistema capitalista excludente. Nestes aspectos, optamos por analisar estes dois eventos na perspectiva de compreender as novas orientações a ser seguidas por parte da Igreja, assim como os novos significados vinculados a esta e à atuação política.

A seção 3 analisa as ações da Igreja como estratégia de se fazer presente no interior das comunidades e organizações sociais. As duas conferências, de 1968 e 1979, colocaram como método desse trabalho as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que irão envolver-se com as causas sociais. Neste aspecto, a atuação das CEBs ganha relevo nessa seção.

Na seção 4 se trata, em particular, das Comunidades Cristãs (CCs) na Prelazia de Cametá, com forte presença dos padres holandeses e de D. Elias Chaves. O olhar para esse grande movimento de base, em especial em Cametá, possibilita verificar como as Comunidades Cristãs contribuíram para a formação de lideranças no campo social do movimento, seja de ordem comunitária, política e sindical, num protagonismo que, nas palavras do padre Geraldo Gommers, deve associar a ideia de uma formação que permita que os homens “cresçam como gente”.

A seção 5 traz as Considerações Finais.

2 IGREJA EM CONTEXTO DE ATUAÇÃO POLÍTICA

O verdadeiro cristianismo rejeita a ideia de que uns nascem pobres e outros ricos, e que os pobres devem atribuir a sua pobreza à vontade de Deus.

Dom Helder Câmara, 1978

2.1 A IGREJA NA AMÉRICA LATINA E O CONCÍLIO VATICANO II

A frase de D. Helder Câmara, símbolo de resistência ao golpe militar no Brasil, é uma crítica orgânica dentro da estrutura capitalista de acumulação de riqueza, e, ao mesmo tempo, uma crítica à Igreja, que no continente americano referendou a escravidão, entre outras mazelas sociais (MATOS, 2001). Essa crítica ao capitalismo latino-americano surge com a Igreja na América Latina. Segundo Gutierrez (1984), para estes novos ares que sopravam na América Latina, a origem da pobreza estaria na estrutura de exploração do capitalismo, e caberia saber que não é Deus, mas a própria condição humana utilitarista, que provocaria esta situação. Nesse sentido, abriam-se brechas para um debate que se pautava pela necessidade de mudança de rumos, através do combate ao capitalismo, em que a Igreja deveria assumir um papel de protagonista neste processo.

Nesta seção vamos verificar uma Igreja contraditória, que acompanhou os europeus no continente, no interesse ao domínio das coroas portuguesa e espanhola, em tudo que causaram ao continente latino-americano, segundo Matos (2001). Porém, a partir do Concílio Vaticano II, haverá um novo rumo ao lado dos pobres, o que, segundo Comblin (1969), se constituía em uma forma que parte da Igreja encontrou para contribuir, não mais ao lado dos exploradores, mas ao lado dos explorados.

O depoimento de bispo que participou do Concílio Vaticano II, cardeal D. Aloísio Lorscheider, revela bem este momento:

O discurso de abertura do Concílio do Papa João XXIII impressionou muito. Ele disse: “Nós estamos aqui não para condenar, definir, ou repetir o que os outros Concílios já disseram, mas para expor a verdade da fé, hoje, que deve ser vivida pelo mundo, e por isso hoje precisamos adaptá-la à compreensão das pessoas. [...] Começou-se a considerar mais positivamente o que pode desenvolver a pessoa humana, que a se sentir realmente responsável participante da história dos homens. A estes valores nós, cristãos católicos, devemos acrescentar nossa visão de fé. Este foi o grande propósito. (TURSI; FRENCKEN, 2008, p. 43).

Importante é perceber que o Concílio Vaticano II foi um grande passo da Igreja em face dos acontecimentos da sociedade moderna. Porém, em seus documentos não se expressa

a palavra “pobre”, o que, segundo Tursi e Frencken (2008), constituiu uma grande ausência, pois foi somente um grupo de bispos e padres que selou o famoso “Pacto das Catacumbas”, documento redigido e assinado em 16 de novembro de 1965, após a celebração eucarística na catacumba de Domitila em Roma, e daí se optou pela exclusão de uma vida burguesa. Esses religiosos também se comprometeram a levar uma vida de pobreza, rejeitando todos os símbolos e privilégios de poder e colocando os pobres no centro de seu ministério pastoral. Dos quarenta bispos que se comprometeram, oito eram do Brasil, um deles, D. Helder Câmara. Esse pacto dos quarenta bispos do mundo marcará a Igreja na América Latina, e em especial no Brasil.

A presença da Igreja Católica na América Latina é muito controversa, o que faz desta instituição algo singular na história do mundo ocidental. É importante ressaltar os vários acontecimentos que marcaram a Igreja no continente americano, principalmente o seu protagonismo na catequese aos nativos (índios), o apoio às monarquias em seus aspectos controversos. Inclui, ainda, a parceria de dominação com os “descobridores” europeus, que em nome desta religião protagonizaram um nefasto trauma aos povos nativos deste continente.

A chegada dos europeus à América Latina foi marcada, portanto, por conflitos sangrentos, que tiveram o apoio da Igreja. Foi o início de um processo dramático de extermínio, segundo Arroo (1998, p. 96). Para o português José Saramago, prêmio Nobel de Literatura em 1998, trata-se de um momento em que se corromperam “as culturas, destruiu as civilizações que lhes haviam dado origem. Os primeiros que chegaram à América, o fizeram como descobridores e imediatamente passaram a exploradores” (MATOS, 2001, p. 20). O depoimento do índio Lourenço Ewororo da nação bororo, citado por Matos (2001, p. 20), expressa bem este difícil momento, quando revela que “o homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma do meu povo, e os rios cresceram e o mar se tornou mais salgado, porque as lágrimas da minha gente foram muitas”.

Nesse sentido, com todos esses fatos que marcaram a Igreja ao longo dos séculos, houve um momento de reflexão interior desta instituição. Por uma necessidade, talvez, de permanecer nos debates modernos, foi que a Igreja, a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), não deixou dúvidas ao dizer que a abordagem histórica é indispensável para um verdadeiro conhecimento da instituição, pois esta atua diretamente como agente histórico de transformação social. Segue-se a consequência lógica de que não podemos estudar a Igreja

como se ela funcionasse desligada deste mundo, como se fosse um elemento solto e sem conexão com o mundo (MATOS, 2001).

Foi nesse momento conciliar da Igreja, sob a inspiração da constituição dogmática *Lumen Gentium* (1964), que houve uma abertura para uma renovação interior, e ao mesmo tempo, para o mundo (CONSTITUIÇÃO Pastoral..., 1997). Esse mundo, para a Igreja, seria o mundo moderno, da ciência e da técnica, mundo da sociedade industrial, mundo da problemática “fé e ciência”, mundo da secularização e da “morte de Deus”. É a esse mundo que a Igreja se volta, para tentar compreender e não apenas hostilizá-lo, como vinha fazendo. Dessa maneira, vai tentar apresentar a sua doutrina, a sua mensagem de salvação sem se desvincular dos interesses materiais terrenos.

Nesse período, na América Latina, crescia o movimento de contestação aos países desenvolvidos, no sentido de romper a exploração capitalista. É importante destacar que a tomada de consciência passa pelo entendimento de que a causa da pobreza está na estrutura capitalista. Esses fatos, que estão em movimento, colocarão a Igreja à frente de uma missão profética de enfrentamento a esse sistema, que vinha excluindo o pobre. O Vaticano II e, principalmente, as duas conferências episcopais latino-americanas, Medellín e Puebla, reafirmarão esse compromisso com os pobres.

Nessa linha de raciocínio, o Concílio Vaticano II, segundo Favacho (1984), vai dizer que significou o “aggiornamento” da Igreja, que seria uma abertura para uma renovação interior, e também uma abertura para a relação com o mundo. Esse concílio foi um marco na história da Igreja. Representou uma ruptura com a cristandade medieval, sobretudo no levante da Reforma Protestante (1521) e no caráter emancipatório da Revolução Francesa (1879): no que antes era seu domínio hegemônico, em períodos anteriores, agora era obrigada a dividir espaços na esfera da sociedade.

Assim, o esforço dessa renovação eclesial indicado pelo Concílio rompeu, em parte, com a mentalidade “conservadora” da tradição cristã, para instaurar o auxílio de novos instrumentos de análise da realidade, que, por sua vez, implicaram a autocompreensão de sua atuação no mundo.

Enquanto se realizava o concílio em Roma, na Itália, na América Latina ocorria, segundo a análise de Favacho (1984), um ponto-chave na história do continente latino-americano. Em vários países do continente crescia um movimento de contestação aos países desenvolvidos, visando a romper com a relação entre pobreza e subdesenvolvimento do continente, que estava na estrutura capitalista. Essa visão de embate estava em movimento

na América Latina, como ponto crítico ao sistema capitalista, e repercutiria de forma abrangente dentro da Igreja, levando muitos bispos a aderir essa causa em favor dos pobres.

Nesse sentido, o Concílio Vaticano II provocará mudanças dentro da instituição Igreja. Uma das mudanças veio a ser o ritual da missa, antes celebrada em latim e de costas para o povo; a partir do concílio, será celebrada de frente para o povo e na língua nacional. Assim, diversos bispos irão comprometer-se nesse engajamento social de uma Igreja profética,³ em que o pobre assume protagonismo, não como vítima, mas como sujeito.

É importante destacar que esse Concílio foi para a Igreja do Brasil “um fato imprevisto”, segundo Comblin (1966). Isto explica, pois, que o concílio não se tenha reunido a partir dos problemas brasileiros, não sendo o resultado da evolução espontânea de uma teologia ou de uma pastoral brasileira, mas uma provocação que veio por conta de fatores socioeconômicos e políticos da sociedade brasileira. Por isso, não é de espantar que vários sacerdotes e leigos se sentiram perturbados e até frustrados por um acontecimento que não prepararam e nem desejaram, nem mesmo suspeitavam que fosse possível (COMBLIN, 1966, p. 600).

No Brasil, destaca Comblin (1966), já havia movimentos, como a Ação Católica Brasileira (ACB) e o Movimento de Educação de Base (MEB), que tinham certa influência em determinadas áreas, principalmente da população católica. A partir desses dois movimentos, no final da década de 1950 e início dos anos 1960, foi que se criaram as condições favoráveis à introdução do que se havia discutido e decidido no Concílio Vaticano II. Neste contexto, surgem as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

2.2 CONFERÊNCIAS DE MEDELLÍN E PUEBLA

A Conferência Latino-Americana realizada em Medellín, Colômbia, no ano de 1968, a primeira após o Concílio Vaticano II, marca uma Igreja que tem como desdobramento o compromisso com os mais necessitados, e inicia sua crítica ao sistema econômico, refletindo que:

No campo econômico implantaram-se sistemas que encaram só as possibilidades dos setores com alto poder aquisitivo. Esta falta de adaptação ao que é próprio e às possibilidades de nossa população, origina, por sua vez, uma frequente instabilidade política e a consolidação de instituições puramente formais. A tudo isto deve-se acrescentar a falta de solidariedade, que provoca no campo individual e social, verdadeiros pecados, cuja cristalização aparece evidente nas estruturas

³ Evangelho de São Lucas, capítulo 4, 18-19.

injustas que caracterizam a situação da América Latina. (MEDELLÍN, 1973, Seção 3).

Observa-se que a Igreja latino-americana sinalizava para uma pastoral ligada aos problemas sociais da população, criticando principalmente o que causava o mal-estar do povo, gerado pela estrutura do sistema capitalista. Além do mais, no aspecto político, observa-se uma elite comprometida com os capitalistas dos países desenvolvidos. Daí vem o alerta para organizar o povo a lutar por seus direitos. Segundo Favacho (1984, p. 86-87),

Enquanto a Igreja Universal procura reconciliar-se com o mundo moderno, a Igreja Latino-Americana vai sentindo cada vez mais claramente que é necessário romper com o Capitalismo; enquanto a Igreja Universal se preocupa com a “morte de Deus” a Igreja Latino-americana se vê envolta com o problema da “morte do homem”.

Esse ponto antecipa que na América Latina já havia essa tomada de consciência a partir dos pobres no direcionamento crítico ao capitalismo latino-americano. Assim, temos no processo uma conferência preocupada com o bem-estar do povo em sociedade, dos seus direitos negados. Nesse sentido, Medellín ganha aspectos inovadores no continente americano, que a partir do Concílio Vaticano II se adapta à sua realidade, e uma realidade muito conflituosa, pois naquele período já se realizavam os golpes militares no continente americano, principalmente na América Latina. No Brasil, já estava em curso o golpe de 1964, os direitos à liberdade cerceados, impedidos na base universal, que é o direito de ser livre.

Aproximadamente dez anos após a Conferência de Medellín, os bispos latino-americanos se reúnem novamente em Puebla de los Angeles, no México, de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Nesse momento, reafirmam sua opção pelos pobres e excluídos e o modelo de Comunidades Eclesiais de Base. Nas palavras do cardeal brasileiro Aloísio Lorscheider, na época presidente do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano):

O modelo da ação evangelizadora foi o das Comunidades Eclesiais de Base, não tanto na sua estrutura, quanto mais em seu espírito que deve informar a estrutura. Mais decisivo que a estrutura é o espírito que impregna a estrutura, o espírito que deve estar presente em toda parte onde o cristão tem uma tarefa a cumprir. A responsabilidade nova da América Latina, – um continente de raiz cristã – é o aprofundamento da fé, que deve ser mais operativa, e isto através da família, da juventude e das Comunidades Eclesiais de Base com mentalidade missionária. Trata-se de um empenho mais evangélico da Igreja, num diálogo permanente com as mesmas culturas vivas no continente latino-americano e com a nova civilização que se vai formando pelo fluxo do mundo técnico-científico. (PUEBLA, 1979, p. 39).

Nesse espírito, temos uma Igreja que procura a todo momento um compromisso social para com os cristãos. Esse compromisso é o de deixar a alienação, percebendo que é hora de o espírito missionário desmascarar as mazelas sociais que afligem os pobres.

O documento de Puebla vai muito além, e em suas reflexões o padre Beni dos Santos, doutor em teologia, resume-o da seguinte forma:

O documento se desdobra em cinco partes: visão pastoral da realidade da América Latina (primeira parte); desígnio de Deus sobre a América Latina (segunda parte); a evangelização na Igreja da América Latina: comunhão e participação (terceira parte); a Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina (quarta parte); opções pastorais (quinta parte). Não se trata de uma justaposição de partes, pois elas possuem uma estrutura e um eixo. A estrutura se desenvolve segundo o método teológico-pastoral de ver a realidade analiticamente (primeira parte), julgá-la com os critérios da fé (segunda parte) e agir pastoralmente para transformá-la (terceira, quarta e quinta parte). (EVANGELIZAÇÃO..., 1979, p. 41).

Percebe-se que Puebla é um documento comprometido com as causas sociais, a Igreja se coloca ao lado dos sem voz, dos excluídos. Entretanto, apesar dos avanços dos bispos latino-americanos, é importante ressaltar que uma grande parte da Igreja referendou os golpes militares na América Latina. Isto significa que ainda havia uma Igreja nostálgica do passado, comprometida com o poder.

Dessa forma, teremos um antagonismo na estrutura da Igreja. Ficam evidentes dois grupos: a ala progressista e a ala conservadora. Além do mais, a Igreja progressista tomará por base a nova teologia, que nasce no continente, que é a Teologia da Libertação, que traz para sua base teológica elementos do socialismo. Porém, essa matriz de abordagem extraída das ciências sociais pelos teólogos da libertação serviria para entender melhor a realidade social e política, análise que a teologia em si não teria condições de fazer. Nesse aspecto, muitos conservadores de dentro da Igreja traçarão suas ferozes críticas a essa teologia. É nesse momento que as CEBs surgem em muitas dioceses e prelazias, como expressão das opções dos seus bispos, sempre na direção progressista e conservadora. Portanto, o grande destaque é que na América Latina haverá muitos bispos aderindo ao movimento da libertação. Como exemplo temos a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no Brasil e o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) para a América Latina.

2.3 CRIAÇÃO DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

O surgimento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) está fortemente ligado à Ação Católica, vinculada aos padres e leigos. Formou-se aí no episcopado certa elite habituada à utilização de estudos sérios de situações concretas do país. Esses estudos eram preparados por pessoal técnico e colocados à disposição dos bispos.

Segundo Regan (1986), a Ação Católica brasileira tinha essa preocupação constante, com estatutos próprios desde 1935, organizados de acordo com o modelo francês. Neste sentido, diversas denominações fariam parte dos movimentos, engajados como leigos cristãos, com as denominações Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Operária Católica (JOC).

Assim, vemos a Ação Católica como uma plataforma de lançamentos de uma organização permanente da pastoral da Igreja e do país: uma conferência episcopal. Um desses aspectos será o caráter não clerical de uma organização de leigos (REGAN, 1986, p. 184). Está aí um aspecto importante, o de uma Igreja clerical (padres, religiosos, bispos) para uma Igreja com maior participação dos não consagrados, dos leigos, contribuindo de certa forma para uma efetivação da participação dos cristãos. Daí termos dentro da estrutura da CNBB um corpo de assessores vindos da Ação Católica, muitos dos quais permaneceram por 25 anos como membros dedicados, como assessores e secretários executivos da CNBB, destaca Regan (1986).

Enfim, a CNBB começou a existir, de fato, no dia 14 de outubro de 1952, antes do Concílio Vaticano II. No caso, reunia, a princípio, apenas os arcebispos, numa imitação dos moldes franceses. No decorrer dos anos, teve vários estatutos. O primeiro, em 1958, e o mais concreto, o pós-conciliar de 1965, que pela primeira vez usaram a palavra “pastoral” em vez de “apostolado”. Foram preparados em Roma nas etapas finais da votação do Concílio sobre a Igreja, *Lumen Gentium*. Os bispos do Brasil chegaram à conclusão de que a CNBB estaria a serviço do “povo de Deus” como um todo, e não a serviço do episcopado. Os estatutos de 1971 substituíram a Comissão Central por uma comissão representativa, composta por membros eleitos: os membros da presidência da nova Comissão Episcopal de Pastoral e um bispo eleito por cada grupo regional da conferência formavam a nova comissão. Essa organização da CNBB ganhou grande prestígio, fazendo frente ao governo totalitário dos militares, pois a maioria dos seus bispos representava a ala progressista da Igreja, o que incomodava a ala conservadora (REGAN, 1986, p. 186-187).

Entretanto, é importante destacar que a CNBB, em 31 de março de 1964, dia do golpe militar no Brasil, lançou nota a favor dos militares (FREITAS, 1997, p. 175):

Ao rendermos graças a Deus, que atendeu às orações de milhões de brasileiros e nos livrou do perigo comunista, agradecemos aos militares que, com grave risco de suas vidas, se levantaram em nome dos supremos interesses da nação, e gratos somos a quantos concorreram para libertaram-na do abismo iminente.

Essa postura não permaneceu por muito tempo: posições opostas dentro da CNBB afloraram, no sentido contrário. Cardeais como D. Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, como tantos outros, opuseram-se abertamente ao regime militar.

Um dos bispos de grande expressão da CNBB foi o arcebispo de Olinda e Recife, D. Helder Câmara.⁴ Foi, sem dúvida, o cardeal de maior prestígio e um combatente crítico do golpe militar, principalmente no exterior, onde denunciava os desmandos do regime em vigor no Brasil. Por outro lado, foi muito perseguido, houve ameaças, atentados a alguns padres – uma estratégia que o regime encontrou para intimidar o religioso. Esse bispo participou efetivamente do Concílio Vaticano II, como também das Conferências de Medellín e Puebla. No Brasil, adotou a Teologia da Libertação como embate crítico, tanto ao sistema capitalista, quanto à ditadura militar. Foi indicado quatro vezes ao Prêmio Nobel da Paz, pelo seu combate à ditadura e às torturas. Os militares não aceitavam a indicação do religioso ao Nobel. Nessa perseguição sistemática, o Serviço Nacional de Informações divulgou, por meio das embaixadas do Brasil em Oslo e em Paris, uma foto de D. Helder quando era integralista, na década de 1930, e tal foto foi difundida na Europa, contribuindo para a difamação de sua imagem. Essa manobra colaborou para que seu nome não tivesse peso suficiente para concorrer ao Nobel (PILETTI; PRAXEDES, 2008, p. 11). O ganhador nesse ano foi Norman Borlaug, criador do milho híbrido. Foi substituído, em 1985, por D. José Cardoso Sobrinho, da ala mais conservadora da Igreja, que, diferentemente de seu antecessor, procurou desmontar o trabalho de D. Helder. É importante ressaltar que esse grande religioso, certamente, fez parte da história de resistência ao regime militar no Brasil.

Assim, temos na CNBB uma instituição avançada, atenta aos problemas reais do país, que na década de 1980 lidou com temas relevantes para as problemáticas da sociedade. Trouxe no ano de 1980 o problema da posse da terra, especialmente nas novas áreas de exploração do país, no caso a Amazônia. O documento dessa assembleia, *A Igreja e o problema da terra*, descrevia a situação em que vinha sofrendo o pequeno posseiro, no conflito com os grandes proprietários de terra. Os bispos lançavam em seus documentos recomendações pastorais, entre as quais os bispos prometiam defender os direitos legítimos dos trabalhadores urbanos de possuírem um teto e fazer alguma coisa sobre a especulação,

⁴ Arcebispo de Olinda e Recife no período 1964-1985.

que tornava os terrenos muito caros para os pobres,⁵ além de comprometer-se a defender os trabalhadores rurais contra o latifúndio, principalmente na Amazônia.

Assim, a CNBB, em pleno regime militar, fez oposição a esse regime, principalmente em grande parte de seus documentos, no uso da análise socioeconômica da realidade brasileira. Alguns desses documentos ficaram conhecidos nacionalmente pelo teor de suas críticas. Um dos mais conhecidos é o Documento dos Bispos do Nordeste, de maio de 1973, intitulado *Eu Ouvi os Clamores do Meu Povo*. No texto, os bispos – entre eles, Dom Hélder – fazem uma análise sociopolítica e econômica do Nordeste, expondo toda a realidade e a conseqüente causa de tantas mazelas sociais, incluindo a eterna “indústria da seca”. Na conclusão, os bispos reafirmam o compromisso da Igreja, que não poderia ficar “indiferente de tudo que foi exposto”.

A classe dominada não tem outra saída para se libertar, senão através da longa e difícil caminhada, já em curso, em favor da propriedade social dos meios de produção. Este é o fundamento principal de gigantesco projeto histórico para a transformação global da atual sociedade, numa sociedade nova, onde seja possível criar condições objetivas para os oprimidos recuperarem sua humanidade despojada, lançarem por terra os grilhões de seus sofrimentos, vencerem o antagonismo de classes, conquistarem por fim a liberdade.⁶

Observa-se nesse texto um compromisso social, que potencializava os pobres a assumirem o seu protagonismo de agentes de transformação. Marca um período clássico das comunidades de base, e da própria Teologia da Libertação no Brasil, sendo que, após a abertura política, no início dos anos 1980, apresenta-se uma nova realidade para o movimento, realidade voltada para ocupar os espaços políticos do poder. É uma realidade relacionada ao enfrentamento político, que terá a participação dos membros das Comunidades Cristãs, movimentos sociais, urbano e rural.

2.4 UMA IGREJA ATENTA ÀS CAUSAS SOCIAIS

Nesse contexto de uma Igreja voltada para as camadas populares, observa-se que muitos bispos começam a comprometer-se nesse direcionamento. No Pará, tivemos a presença de muitos bispos progressistas, e dentre eles destacamos D. Elias Chaves (1980-1999), prelado da Prelazia de Cametá, que foi representante da CNBB Norte II por vários mandatos, membro presidente da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Conselho

⁵ CNBB, 1980.

⁶ Documento dos Bispos do Nordeste, 1978, p. 193-198.

Indigenista Missionário (CIMI). Muito atento a essa problemática da terra, entre os trabalhadores rurais e os latifundiários, entre os índios e seus problemas, tanto às demarcações de suas terras, quanto às invasões de grileiros, fazendeiros e garimpeiros.

Nesse sentido, a CPT nasceu em junho de 1975, durante o encontro de bispos e preladados na Amazônia, convocado pela CNBB, realizado em Goiânia (GO). Ressalte-se que foi fundada em plena ditadura militar, como resposta à grave situação dos trabalhadores rurais, posseiros, explorados em seu trabalho, submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e muitas vezes expulsos das terras que ocupavam.

Além do mais, os bispos da ala progressista da Igreja criaram seu centro de formação, ligado à Teologia da Libertação, o Instituto de Pastoral Regional (IPAR), em Belém do Pará, que formava padres para trabalhar nas devidas dioceses e prelazias da Amazônia, com uma formação voltada para a realidade social do povo e mais ligada à Teologia da Libertação. A formação no IPAR era mais voltada à questão da pastoral social, tanto para a formação do clero quanto para a dos agentes comunitários – formação que incluía uma análise política a partir da fé. Esse instituto incomodava a ala conservadora da Igreja, tanto que teve seus trabalhos encerrados para a formação do clero nos anos de 1990, como também ocorreu com os institutos do Nordeste e do Amazonas, o que representou uma grande vitória para a ala conservadora da Igreja.

3 UMA IGREJA EM CRISE QUE SE APROXIMA DAS CAUSAS SOCIAIS

3.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS RELACIONADOS AO MOVIMENTO SOCIALISTA NO BRASIL

Retroagindo um pouco na história do Brasil, percebemos, principalmente a partir de 1930, uma militância muito forte do Partido Comunista (PC), que sob a liderança de Luís Carlos Prestes alcançou 200 mil filiados. Sua oposição, à época, era contra Getúlio Vargas. Getúlio em 1937 instala o Estado Novo, o que, segundo Konder (2003), a partir desse momento levou à perseguição dos militantes do partido comunista.

É importante destacar que, nesse período, o partido comunista teve apoio de grandes personalidades, tanto artistas quanto intelectuais: pintores como Portinari, Di Cavalcanti; escritores como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Dionélio Machado, Caio Prado Júnior, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade e Álvaro Moreyra. Em Belém do Pará houve a militância de João Amazonas, que ingressou em 1935 no Partido Comunista, sendo responsável pelo trabalho sindical de massas, um dos organizadores e principal dirigentes do Movimento Unificado dos Trabalhadores (MUT), em 1945 (KONDER, 2003).

Nesse período de efetivação do pensamento socialista no Brasil, observa-se que já havia membros da Igreja Católica atuando junto aos trabalhadores. Em 1950, foi fundada a Juventude Universitária Católica (JUC). Após dez anos, já no pontificado do papa João XXIII, alguns ativistas destacados da organização resolveram mergulhar na solidariedade aos oprimidos, entrando em conflito com a ala conservadora da Igreja. Percebe-se uma presença tímida de alguns militantes da Igreja nas causas dos operários.

Todo esse movimento foi ganhando maturidade no país e, ao mesmo tempo, despertando suspeitas, principalmente da elite brasileira, que percebia ameaças ao seu *status quo*. O cenário político propiciava a chegada do PC ao poder. No Rio de Janeiro, já havia maioria no parlamento municipal, além de grande representação na Câmara Federal (KONDER, 2003, p. 67). Observa-se que muitas lideranças eram ligadas de certa maneira à universidade, agregando o pensamento socialista à militância política.

O golpe de 1964 pôs fim a esse projeto político, o que desmobilizou praticamente todo o PC, inclusive sendo cassado o seu registro. O que vem após esse episódio é toda uma sangrenta e sistemática eliminação das lideranças políticas trabalhadoras, pondo fim à representação parlamentar de aspecto socialista.

Além do mais, pôs fim ao método de Paulo Freire, que tinha notoriedade nacional em 1961, quando alfabetizou na cidade de Angicos, no interior do estado do Rio Grande do Norte, 300 trabalhadores rurais em 45 dias com seu método, baseado nas palavras geradoras, a silabação, as palavras novas e a conscientização. Seu método dava significado para a vida dos trabalhadores. Com isso, aprenderam a ler o mundo. Em seguida, seu método ganhou repercussão nacional. Foi chamado pelo presidente João Goulart, em 1963, para expandir seu método para todo o Brasil. Já no governo Federal, implementou a meta no Plano Nacional de Alfabetização, que previa a formação de educadores em massa e a implementação de 20 mil núcleos (os círculos de cultura) pelo país, visando à aplicação de seu método, que propunha alfabetizar 16 milhões de adultos num período de quatro anos. Seu método recorria a uma consciência política, utilizando material e temas extraídos da vida cotidiana dos alfabetizados (KONDER, 2003, p. 75).

Entretanto, com o golpe militar, ocorrido em 31 março de 1964, Paulo Freire foi preso, acusado de subversivo e inimigo da nação. Ribeiro (2015) vai dizer que os militares estiveram a serviço da elite do país, pois temiam uma mudança na estrutura política brasileira, com o crescimento de diversas lideranças ligadas ao Partido Comunista. Com isso, mataram grande parte das lideranças políticas do país, como também exilaram muitas, no caso, o professor Paulo Freire, Darci Ribeiro e muitos outros.

Após a abertura política a partir de 1980 é que surge o Partido dos Trabalhadores (PT), fundado naquele ano, já com uma presença mais para o lado do sindicato dos metalúrgicos, com a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva, com uma nova estrutura plural de várias vertentes de lideranças: da Igreja, dos sindicatos dos trabalhadores, de intelectuais ligados ao antigo Partido Comunista, etc. (KONDER, 2003, p. 84-85). Também irá reunir diversas classes, os sindicalistas formados nas duras condições da ditadura militar, as novas tendências cristãs, no caso as CEBs, estimuladas pela Teologia da Libertação, grupos provenientes do trotskismo,⁷ enfim, uma reunião plural. Terá também apoio de grandes intelectuais, como Sérgio Buarque de Holanda, Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Caio Prado Júnior e Paul Singer. Konder (2003, p. 88) cita Antônio Cândido em relação à composição do PT:

Acho que corresponde a uma tentativa de socialismo democrático, desta vez partindo dos próprios operários, o que é uma coisa totalmente nova no Brasil. Acho

⁷ Leon Trótski foi um intelectual marxista e revolucionário bolchevique, organizador do Exército Vermelho e, após a morte de Lenin, rival de Stalin na disputa pela hegemonia do Partido Comunista da União Soviética. Tornou-se figura central da vitória bolchevique na Guerra Civil Russa.

que no PT existe a possibilidade de um socialismo democrático combativo, não de um mero reformismo, por causa da sua alta consciência sindical.

A análise de Cândido indica um partido plural que agora quer chegar ao poder através dos mecanismos democráticos, porém, com um prejuízo nesse processo de vinte anos de ditadura, durante a qual houve todo um desmonte de grande parte das lideranças políticas, com resultado de mais de 400 pessoas mortas, mil desaparecidas, outras tantas sem identificação.⁸

Assim, é importante destacar, nesta pequena sinopse, que antecede a fundação do PT, que já havia desde a década de 1930 uma organização muito forte do PC, que após sucessivas perseguições, vindo em seguida a Guerra Fria,⁹ após a Segunda Guerra Mundial – quando o mundo se dividiu entre as potências dos Estados Unidos e a da União Soviética, a primeira representando o bloco capitalista, e a segunda o bloco socialista –, e se materializou ainda mais na América Latina, principalmente com a Revolução Cubana, em 1959, liderada por Fidel Castro e Che Guevara. Dessa maneira, as tensões apenas cresciam entre os socialistas brasileiros e as elites brasileiras, estas com o apoio dos militares.

O importante nesse cenário é o papel que Igreja progressista apresentará com as CEBs, que aos poucos começaram a ganhar espaços na sociedade, com lideranças que militarão em seguida, na política, movimentos sociais, como também na própria comunidade. Com isso se percebe que as CEBs irão ocupar um espaço muito importante, no país, de combate ao governo militar, ganhando um formato crítico ao sistema econômico-político (KONDER, 2003, P. 87) e também mantendo viva a crítica ao sistema capitalista, muito voraz, pelos militantes do PC. Certamente, são dois grupos antagônicos, os militantes da Igreja e os socialistas, mas com um propósito em comum: a crítica ao sistema de produção capitalista.

3.2 SURGIMENTO DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NO BRASIL

Na realidade, quando abordamos a temática das CEBs no Brasil, há uma grande dificuldade de sintonizar cronologicamente sua gênese, pois não existem documentos, nem assembleias, congressos que marquem o início do surgimento das CEBs. No campo da

⁸ BRASIL, 2014.

⁹ A Guerra Fria, que teve seu início logo após a Segunda Guerra Mundial (1945) e durou até a extinção da União Soviética (1991), é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, que disputavam a hegemonia política, econômica e militar no mundo.

pesquisa, encontramos experiências concretas que se espalharam por todo o Brasil. Já quanto aos fatores históricos, ocorridos na América Latina, o modelo de Igreja será voltado para uma renovação, que coloca o pobre como protagonista desse processo, e marcará a passagem, segundo Boff (1987), do religioso para o político. Assim, nasce a partir do político uma reflexão da fé que exige mudanças. Dessa forma, os pobres se tornariam os agentes históricos de mudanças, e as CEBs o lugar do exercício da democracia.

As CEBs, segundo Betto (1981), são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. As primeiras comunidades surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, Arquidiocese de Natal, ou em Volta Redonda, segundo alguns pesquisadores. No Brasil, as CEBs constituíam um meio de evangelização que respondia aos desafios de uma prática libertária no contexto sociopolítico dos anos da ditadura militar, e, ao mesmo tempo, como uma forma de adequar as estruturas da Igreja às resoluções pastorais do Concílio Vaticano II, no mais, uma reflexão teológico-política no contexto da fé. Assim, encontraram sua cidadania eclesial na expressão do cardeal Aloísio Lorscheider: “As CEBs no Brasil são Igreja — um novo modo de ser Igreja”, um espaço de formação política, que recebe e dá voz a um conjunto de sujeitos que sempre foram excluídos.

Os bispos do Brasil já haviam feito a opção pelas “comunidades de base” desde 1966, para tornar a Igreja mais viva, mais corresponsável e mais integrada. As CEBs foram consideradas atividade “urgente” pelos bispos para renovar as paróquias. Esse plano foi sistematizado e lançado em 1968 pelo padre Raimundo Caramuru Barros (BARROS, 1968), que relata a experiência de vinte comunidades de base no Brasil. Elas surgem primeiramente nas áreas rurais, mas logo em seguida em zonas urbanas, crescendo e se espalhando rapidamente por todo o Brasil. Em 1975 realizou-se o primeiro encontro Intereclesial de Comunidades de Base, em Vitória (Espírito Santo). No final dos anos 1980, calculava-se em 100 mil o número de comunidades em todo o país.

Entretanto, esse movimento começará a estremecer com o papado de João Paulo II, que convocou o Sínodo¹⁰ Extraordinário aos Bispos em 1985, uma convocação para tratar de determinado problema, convocatória que se realizou em Roma e para a qual foi tomada a seguinte proposição:

¹⁰ Segundo o *Dicionário Aurélio*, a palavra *sínodo* tem sua origem no idioma grego – *sýnodos* – e quer dizer “caminhar juntos”. Em um sínodo diocesano, trata-se de uma “assembleia de eclesiásticos” e leigos “convocados pelo seu prelado ou outro superior” que se reúnem com o propósito de “caminhar juntos”, seguindo um determinado plano.

Sendo que a Igreja é comunhão, as novas ‘comunidades eclesiais de base’, se verdadeiramente vivem em unidade com a Igreja, são uma verdadeira expressão de comunhão e início para construir uma comunhão mais profunda. Por isso, são motivo de grande esperança para a vida da Igreja.

Percebe-se nas observações papais certa sutileza em querer enquadrar o movimento das comunidades. Essa esperança estaria ligada à Igreja hierárquica¹¹ ou às camadas populares? Em sentido contrário, as CEBs traçam um caminho inverso, que começa com a situação concreta do pobre, um ponto de questionamento vindo das bases, junto com os bispos e padres. Segundo Rolim (1980), as camadas pobres introduziram no universo religioso suas condições de vida, suas práticas e o seu papel a desempenhar na sociedade. Esse é um ponto forte que irá ganhar força nas CEBs. Nesse sentido, seria uma Igreja voltada para as camadas sociais, não tanto para o lado hierárquico da Instituição. Esse ponto seria um aspecto intrigante para os conservadores da Igreja.

Assim, o teólogo Leonardo Boff (1977, p. 35), discorre sobre o termo “eclesial” das CEBs:

O adjetivo ‘eclesial’ é mais importante do que o substantivo ‘comunidade’ porque ele é o princípio constituinte e estruturante da comunidade. A inspiração religiosa e cristã aglutina o grupo e confere a todos os seus objetivos, também aqueles sociais e libertadores, características evangelizadoras. A consciência e a explicitação cristã constitui, portanto, a característica das CEBs e o elemento de discernimento face a outros tipos de comunidade.

Nessa análise de pensamento sobre as CEBs, é fato prático que a forma de se estruturar essa organização religiosa privilegiava a presença das pessoas que não possuem a consagração religiosa (padres, freiras, religiosos e diáconos), e principalmente um engajamento nas bases populares. Por isso, não foi uma iniciativa de leigos contra bispos, mas de um setor de bispos, padres e leigos numa mesma direção, e esse é um ponto-chave nessa discussão. Nesse sentido, segundo (RUIZ, 1997, p. 71):

Fruto deste conflito de imaginários, houve uma tentativa explícita dos setores mais conservadores da Igreja de normalizar e reprimir as comunidades de base, fazendo com que estas se identificassem plenamente com o imaginário da Igreja-Instituição. Esta tentativa de normatização das comunidades de base teve sua cristalização na Conferência Latino – Americana em Puebla, em 1979. Foi em Puebla que os bispos introduziram o conceito “eclesial” para definir as comunidades de base. (PUEBLA, 1979, p. 247-253).

As CEBs, dessa maneira, são fruto da eclesiologia¹² do Vaticano II e também de fatores sociais que provocaram a Igreja a se adaptar ao mundo atual, o que teve profundas

¹¹ O termo *hierarquia* na Igreja Católica é usado para se referir aos membros da Igreja que desempenham a função de governar na fé e guiar nas questões morais e de vida cristã os fiéis católicos. A Igreja é formada por leigos e pelo clero, que é constituído por "ministros sagrados que receberam o sacramento da Ordem", podendo estes dois grupos ter como membros pessoas consagradas.

¹² Ramo da teologia cristã que trata da doutrina da Igreja, do seu papel, origem e disciplina.

implicações na Igreja e na sociedade. Essas implicações tiveram direcionamento no modo de atuar dessa Igreja, principalmente no Brasil. Entretanto, esse novo direcionamento não foi aceito por parte da Igreja, que fez questão da normatização para o nome eclesial, no sentido de um enquadramento, uma forma de subordinação das CEBs à estrutura da Igreja.

Nesse campo de fatores sociopolítico-econômicos, vivenciados no continente latino-americano e no contexto específico da sociedade brasileira, conturbada por uma ditadura militar de exceção, é que as CEBs se tornaram uma plataforma válida e eficiente para as mudanças sociais, apresentando as bases de uma nova sociedade.

No entanto, essa forma de organização das CEBs gerou conflitos, principalmente, como já apontado, com o papado de João Paulo II, eleito em 1978. A postura do novo papa ficou evidente no seu discurso de abertura da III Conferência Episcopal Latino-Americana em Puebla, México (1979). Outro fato foi, em visita à Nicarágua em 1983 – governada pelos sandinistas¹³ desde a vitória da revolução em 1979 –, que o papa recriminou em público um dos quatro ministros padres. João Paulo II, originário da Polônia, um país do bloco soviético, não compreendeu a luta da Igreja latino-americana contra a justiça social, que possui raízes no sistema capitalista e na dominação imperial dos Estados Unidos. Seu pontificado criou sérias dificuldades para os bispos, padres e leigos comprometidos com a libertação das maiorias oprimidas do continente americano, enquanto a CNBB, a conferência mais importante da região, teve muita pressão por parte do Vaticano. Nesse caso, esta instituição sofria pressão de ambos os lados: do regime militar no Brasil e do Vaticano em Roma. Pelo menos 30 bispos sofreram alguma forma de advertência do Vaticano em razão de sua atuação no campo sociopolítico. Portanto, nas comunidades cristãs surgia o despertar da consciência crítica do povo, a crítica à ordem social injusta. Este seria o sentido contraditório entre uma Igreja da Cristandade¹⁴ no formato moderno de Neocristandade (o novo formato de alinhamento ao poder) e uma Igreja comprometida com os excluídos, crítica ao modo de produção capitalista, como apontado pela Teologia da Libertação.

Nesse sentido, é importante observar, como análise de fatos, a ambiguidade da Igreja, com uma parte de seus membros alinhada aos opressores, mas também com uma outra

¹³ A Revolução Nicaraguense ou Sandinista foi a revolução popular ocorrida na Nicarágua entre 1979 e 1990, sob a égide da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) – assim chamada em memória ao líder de esquerda Augusto César Sandino, morto em 1934. A revolução pôs fim a uma ditadura instaurada no país desde 1936, ao depor o então presidente Anastasio Somoza Debayle. A FSLN foi a primeira revolução que aliou o cristianismo de libertação e o marxismo, e governou o país por onze anos.

¹⁴ Cristandade: período da Idade Média em que a Igreja tinha hegemonia política na sociedade. Neocristandade: a Igreja cuja estrutura institucional se apoia no aparelho político e administrativo do Estado.

ala, próxima aos pobres. Nessa encruzilhada, Romano (1979, p. 219) apontará alguns questionamentos a essa postura:

A divisão da sociedade em opressores e oprimidos, em proprietários de bens de produção e em homens frustrados dos frutos de seu trabalho, em classes sociais antagônicas, arrasta a enfrentamentos, lutas e violências. Como, pois, viver a caridade evangélica com a opção em favor de uma classe social? Aliás, a unidade é uma das notas da Igreja e a luta de classes divide os homens. Unidade da Igreja e luta de classes são compatíveis?

Esse ponto de reflexão rompe com a unidade, o que torna a situação paradoxal, uma vez que a Igreja, mesmo no âmbito do discurso, busca construir unidade. Neste aspecto, como conviver com uma parte que apoia o Estado enquanto poder, e outra que incentiva as manifestações, os questionamentos por direitos sociais? Nesse direcionamento, parte da Igreja apoiará os movimentos sociais, que são fiéis membros da Comunidade Cristã. Segundo Pucci (1985), é no processo educativo que as bases educam seus dirigentes. Já Grzybowski (1987) vai posicionar-se em posição contrária à de Romano, ao dizer que seria errôneo pensar que a Igreja se apresentasse no campo de forma única, apesar da força de coesão de seu corporativismo, de sua hierarquia e da unidade da fé. O autor ainda diz que o trabalho da Igreja se expressa na diversidade de organizações, como: CIMI, CPT, pastorais rural e urbana, etc. As CEBs, nesse sentido, são exemplos de espaços onde o povo é chamado a participar, a decidir, a acreditar no seu saber e na sua capacidade de resolver os problemas que enfrenta (PERANI, 1978).

Assim, podemos discorrer que a base das Comunidades Cristãs é a realidade explorada, que despertará nos dirigentes da Igreja uma ação libertadora. Mas o que estaria por trás dessa Igreja que opta pelos pobres? Doimo (1984) também lança questionamentos: estaria a Igreja incentivando a organização popular para, através dela, reproduzir sua nova estruturação? Ou tal incentivo criaria as condições para a promoção das transformações mais profundas na sociedade? Assim, segundo Doimo (1981, p. 35), o trabalho de base da Igreja estaria não só preparando o povo como força viva nos movimentos, mas, sobretudo, conferindo a ele o processo de tomada de decisões – de baixo para cima – inaugurando uma nova fase no caráter dos movimentos sociais, caracterizada basicamente pela democracia interna e pela autonomia e independência em relação ao Estado e aos partidos e organizações políticas. Esse é o ponto importante, que possibilita aos membros da Igreja um engajamento consciente do seu compromisso social, seja no partido político, na associação, nos grupos de bairros, no sindicato – onde, na realidade, se faça necessária a transformação social.

Essa contribuição das CEBs aos movimentos sociais dá-se a partir de uma Igreja progressista, que produziu sensíveis transformações no cotidiano das relações sociais, nos valores e metas culturais, e na postura política entre participantes de movimentos sociais (DOIMO, 1984). No entanto, esse cenário introduz as CEBs nos movimentos sociais, na militância política e nas associações. Nesse aspecto, as CEBs estarão ligadas a todos os domínios, o que perpassa as classes sociais, tanto as dominantes quanto as dominadas, que disputam hegemonia, conforme analisa Rolim (1980, p. 72):

Ao dizermos que os conflitos básicos perpassam os níveis ideológicos e políticos, isto não significa que a classe dominada esteja sempre sob o império da ideologia dominante. A ideologia dominada, sob a força principalmente de práticas políticas, gera em seu próprio espaço áreas de questionamentos e de contestação. É a germinação e o nascimento de um tipo de hegemonia que confere à classe dominada fundamental certo poder de se medir com a ideologia dominante e de lhe recusar certas e determinadas propostas.

Esse diferencial proposto pelo autor coloca as CEBs com esse ponderamento questionador no campo ideológico da classe dominante, exercendo uma função no contexto de uma teologia libertadora, que reflete as causas que conduziram à dominação da classe trabalhadora nos diversos níveis: trabalhadores rurais, professores, carpinteiros, pescadores, feirantes, etc. Veremos agora como as CEBs utilizaram como pano de fundo a análise metodológica da Teologia da Libertação.

3.3 AS CEBS E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Ao discorrer sobre as CEBs, é necessário revisitar a Teologia da Libertação como matriz de análise teológico-social que nasceu na América Latina como teoria que contribuiu com as comunidades de base e também com a fundamentação das lutas políticas. Essa abordagem tornou-se um instrumento teórico eficaz para a compreensão da realidade social. A primeira geração de “teólogos da libertação” (Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Clodovis Boff, Enrique Dussel, Jon Sobrino, Frei Betto, entre outros) foi formada nas universidades europeias (Lovaina, Munique e outras), nas quais sofreu influências de importantes teólogos europeus (franceses e alemães), principalmente de um brilhante teólogo que mais tarde assumiria o papado como Bento XVI, o cardeal Joseph Ratzinger, que foi também um dos jovens assessores do Concílio Vaticano II. Esses teólogos estavam envolvidos com as discussões sobre o posicionamento da Igreja diante da secularização¹⁵ da vida moderna. Na

¹⁵ É o processo através do qual a religião perde a sua influência sobre as variadas esferas da vida social.

América Latina esses teólogos depararam-se com uma realidade muito diferente, em que as questões mais importantes eram a miséria social e a opressão. A partir do contato com essa realidade e com os movimentos que emergem dessa conjuntura, os teólogos procuraram desenvolver uma teoria que os auxiliasse nesse processo. Na formulação de seus métodos, utilizaram como mediação o instrumental de análise das ciências sociais e buscaram desvincular a ideologia materialista da metodologia. Segundo o teólogo Clodovis Boff (2000), esse instrumental era uma

mediação socioanalítica, isto é, serviam como instrumentos de análise social da realidade... Elas (as ciências sociais, inclusive marxistas) só ajudaram a decodificar analiticamente texto-social, que deveria em seguida ser retomado do ponto de vista da fé, caso se quisesse produzir realmente teologia.

Nessa perspectiva, a Teologia da Libertação ganha espaço fértil numa abordagem sociológica em que os excluídos, os que estão à margem da sociedade capitalista, são deslocados a assumirem o papel de protagonistas. De acordo com Gutiérrez (1981), nos anos 1960 aconteceu o despertar, no que diz respeito à “irrupção dos pobres em busca da libertação”, através dos movimentos sociais, buscando sempre o protagonismo da sua história. Para este teólogo, isso se refletiu profundamente na Igreja Católica, que através de seus movimentos de base teria possibilitado locais de reflexão e produção de consciência política. Assim, a Teologia da Libertação possibilitou, no circuito das comunidades, “uma tentativa de leitura desses sinais dos tempos, reflexão crítica à luz da palavra de Deus”. Para tanto, Boff (1986), com base em Gutiérrez (1981), definiu a Teologia da Libertação como atuação que, “ao mesmo tempo, reflete o de uma práxis anterior e uma reflexão sobre essa práxis”.

Nessa definição, a Teologia da Libertação, de acordo com Gutiérrez (1981), se constituiu em uma reflexão crítica sobre a práxis. É uma reflexão que começa com a crítica aos conceitos de *pobre* e de *pobreza* pregados pela Igreja aos fiéis. Nesse sentido, o pobre deixa de ser visto individualmente (como infeliz, sofredor, pobre de espírito, que o paraíso é do pobre...), superando-se, assim, a filosofia personalista. Para Gutiérrez (1981), o complexo mundo do pobre não inclui só o socioeconômico, mas uma forma (modo) de viver. Essa forma de opressão na América Latina se manifesta também como uma destruição cultural, étnica e de gênero. Nesse contexto, é necessária uma ampliação da compreensão do mundo do pobre.

Segundo Boff (1978), o pecado social apresenta-se como desamor, como relação pessoal (negativa) do homem com Deus, criticando como insuficiente uma visão fixista

(pecado como mancha da alma), legalista (infração da lei) ou moralista (não seguir a própria consciência). A sua definição, mais ainda como um mal humano que adquire uma experiência exterior à consciência dos indivíduos e se impõe a ela, sendo as estruturas de pecado não coisas, mas um modo de relação entre coisas que se deixa perceber, principalmente, nos hábitos sociais. Por exemplo, os preconceitos raciais, religiosos, políticos, ideológicos etc., nas leis que legitimam práticas sociais perversas, como a escravidão, o poder arbitrário etc.

Na dimensão de pecado, a Teologia da Libertação traz a categoria de pecado estrutural, que é aplicado às estruturas capitalistas, e implica para os cristãos o imperativo ético escatológico da transformação desse sistema, em uma atuação pastoral que não se dirija apenas às transformações das pessoas, mas também das estruturas sociais. Concomitante a uma nova visão de teologia, Gutierrez (1981) reafirma que é preciso lançar a crítica às políticas desenvolvimentistas e reformistas do continente, que não atacam os problemas sociais em sua raiz sistêmica. Lança mão de uma concepção dinâmica e histórica do homem. Com fortes influências dos trabalhos de Karl Marx, Freud, Marcuse, entende a história do homem “como conquista de novas formas de ser homem, em vista de uma realização plena de si mesmo, solidariamente com toda a coletividade” (GUTIERREZ, 1981, p. 36).

Essa nova teologia latino-americana implicava uma tomada de consciência do lugar onde se é explorado, e como esse instrumental de exploração se manifestava, e a forma de se contrapor a essa estrutura. As comunidades de base apoiavam-se nessa teologia, dentro dos grupos de base, tendo formação teológica e política, chamada “conscientização”, feita em cursos e encontros promovidos pelos “teólogos orgânicos”. A formação era baseada em textos bíblicos do Antigo Testamento (principalmente os livros do Êxodo e Profetas), do Novo Testamento (Evangelhos, Cartas dos Apóstolos e Apocalipse), e com o auxílio do instrumental analítico de Karl Marx, Max Weber e da teoria pedagógica de Paulo Freire. Os teólogos buscavam unir fé e política numa visão popular, que pudesse, através da tomada de consciência e análise das estruturas sociais, criar condições para uma efetiva mudança na sociedade. Portanto, para Boff (1978), as CEBs reinventam a Igreja. É uma autocompreensão que tem suas bases teológicas no Vaticano II e nos Concílios de Medellín e Puebla. Nesses concílios desenvolveram-se uma *ecclesiologia comunitária*, na qual a Igreja é comunidade, e uma *ecclesiologia popular*, na qual a Igreja é povo de Deus. Para tanto, os teólogos, baseando-se nesses documentos, definiram as CEBs como um “movimento eclesial”. Avançam ainda mais, definindo as CEBs como sujeitos coletivos de transformação eclesial e social.

Portanto, é importante ressaltar que os teólogos da libertação, como ficaram conhecidos, ao lançarem as bases de uma nova teologia criada no continente americano ao longo dos anos, encontraram barreiras, tanto da Igreja conservadora quanto perseguições de forças políticas, também conservadoras. Nesse momento, é importante a reflexão filosófica, principalmente de Foucault (1995), segundo o qual todo o discurso contém procedimentos de seleção e exclusão que estabelecem os limites do permitido e do proibido, do que é aceito e rejeitado, do que é considerado verdadeiro ou falso em certa configuração histórico-cultural. Sendo assim, o modo como pensamos afeta profundamente a vida social, considerando nosso comportamento e experiência, nossa visão de mundo e, por fim, o próprio mundo que ajudamos a criar. Afirma ainda que a formação e a transformação das relações de significado e produção de saber e expressões nos discursos, nas análises genealógicas, enfatizam as relações de poder investidas nesses discursos. Dessa maneira, saber e poder, para o filósofo, não existem separados um do outro: “não há relações de poder sem constituição correlativa de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relação de poder” (FOUCAULT, 1995, p. 12).

Assim, no caso da sociedade moderna, o discurso verdadeiro é identificado com o saber científico, que produz efeitos de poder devido à objetividade e à neutralidade atribuídas à ciência e às instituições que a promovem. O reconhecimento do discurso científico e de suas qualidades neutralizam-no como verdade impessoal, racional e livre de todo o questionamento, elevam-no a uma posição de hegemonia social e transferem-lhe o poder de valorizar e ajudar os demais saberes.

Dessa forma, todo o discurso, segundo Foucault (1995), expressa uma vontade de poder que aspira e luta para ser reconhecida como “verdade” sobre um determinado campo em um certo contexto histórico. Esta verdade favorece a legitimação social dos discursos quando multiplica efeitos de poder e mascara a intenção de domínio nela contida.

Portanto, nos discursos de poder, na visão que envolve a dinâmica da Igreja, há antagonismo, de um lado a efervescência de uma nova teologia, no caso, a Teologia da Libertação, e a reafirmação do Vaticano, Roma, em manter seu *status quo*, principalmente a partir do papado de João Paulo II. A própria Teologia da Libertação teve sua gênese no continente americano, o que foge à regra da visão eurocêntrica (europeia) de que tudo tem sua origem nesse espaço. Mas a dinâmica histórica provou o contrário. Sobre a questão, destaca Boff (2011, não p.):

A Teologia da Libertação participa da profecia de Simeão a respeito do menino (Jesus): ela será motivo de queda e de elevação, será um sinal de contradição (Lc 2,34). Efetivamente a Teologia da Libertação é uma teologia incompreendida, difamada, perseguida e condenada pelos poderes deste mundo. E com razão. Os poderes da economia e do mercado a condenam porque cometeu um crime para eles intolerável: optou por aqueles que estão fora do mercado e são zeros econômicos. Os poderes eclesiais a condenaram por cair numa “heresia” prática ao afirmar que o pobre pode ser construtor de uma nova sociedade e também de outro modelo de Igreja. Antes de ser pobre, ele é um oprimido ao qual a Igreja deveria sempre se associar em seu processo de libertação. Isso não é politizar a fé mas praticar uma evangelização que inclui também o político. Conseqüentemente, quem toma partido pelo pobre-oprimido sofre acusações e marginalizações por parte dos poderosos seja civis, seja religiosos. Por outro lado, a Teologia da Libertação representa uma benção e uma boa nova para os pobres. Sentem que não estão sós, encontraram aliados que assumiram sua causa e suas lutas. Lamentam que o Vaticano e boa parte dos bispos e padres construam no canteiro de seus opressores e se esquecem que Jesus foi um operário e pobre e que morreu em consequência de suas opções libertárias a partir de sua relação para com o Deus da vida que sempre escuta o grito dos oprimidos.

Esse questionamento de Boff (2011) marca um mecanismo relacionado ao materialismo histórico, com fortes raízes de ateísmo. Esse ponto será o elo de crítica dos oponentes dessa teologia. Principalmente com o papa emérito Bento XVI, à época prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (antiga Santa Inquisição), que, uma vez interrogado, disse que não era contra a Teologia da Libertação, era contra a falsa teologia de abordagem marxista. Mas não compreendiam que seria uma maneira apenas de compreender a sociedade com esse instrumental, com o foco na Bíblia, principalmente no livro do Êxodo, nos Evangelhos de Mateus, Marcos, João e Lucas, no Apocalipse, enfim, uma abordagem sociológica com foco na teologia. Com isso, havia um entendimento de caráter social de que as CEBs fariam parte.

3.4 AS CEBS E O ENGAJAMENTO SOCIAL

Como exposto acima, os católicos já participavam de movimentos de conscientização junto às classes populares. Agora, a partir da década de 1970, irão inserir-se em um conjunto de ações a partir das comunidades de base, que estarão presentes nas periferias, principalmente nas dioceses cujos bispos se declaravam da ala progressista da Igreja, principalmente em São Paulo e Recife.

É importante destacar que, segundo Sader (1988, p. 151),

O efeito imediato do golpe militar de 1964 sobre a Igreja foi de amortecer as iniciativas mais populares. De um lado, a repressão se abateu sobre os núcleos militares da Ação Católica e mesmo no MEB e sindicalistas rurais. De outro, no interior da hierarquia católica, os setores conservadores desbancaram os renovadores e abandonaram à própria sorte os grupos então perseguidos. E, no

entanto, enquanto a ala conservadora não encontrava (ou não produzia) um espaço social por onde recuperar a influência perdida da Igreja, novas levas de militantes católicos preferiam lançar-se a atividade nas quais se opunham à ordem vigente, correndo os mesmos riscos que a militância de esquerda.

Nesse contexto de crise de identidade da Igreja Católica e golpe militar no Brasil, percebe-se todo um antagonismo de grupos de poder: da Igreja, de que os conservadores não aceitavam as mudanças a partir do Concílio Vaticano II e se opunham à ala progressista, que queria uma Igreja mais assentada em bases populares; dos militares, que ao lado da elite brasileira e alinhados aos Estados Unidos, temiam o avanço do socialismo no Brasil. Nesse cenário é que as CEBs irão inserir-se, agregando muitas pessoas, principalmente das classes populares. Assim, tomarão uma posição contrária ao regime militar. Seu surgimento ocorreu principalmente nas periferias das grandes cidades. No caso da cidade de São Paulo, com o cardeal arcebispo D. Paulo Evaristo Arns, terão um caráter crítico, pois irão reunir-se a partir de uma luta popular, de uma novena, ou de um mutirão, ou até mesmo de um encontro para refletir o Evangelho.

As bases teóricas utilizadas pelas CEBs estão na seguinte proporção: “Ver – Julgar e Agir”. *Ver* era observar a realidade social em que a comunidade estava inserida. *Julgar* implicava uma relação com a realidade e os valores do Cristianismo. Por fim, o *Agir*, o que a comunidade poderia fazer mediante aquele problema (SADER, 1988, p. 158).

É importante destacar, nesse contexto, que a mudança de discurso da Igreja com as CEBs irá ganhar outra notoriedade. Dizer que as coisas são assim porque Deus quer, e se propor a mudar, irá trazer mais prejuízos, irá reverter-se no contexto das CEBs. Ainda Sader (1988) irá dizer que, quando a instituição da Igreja sacramentou os sentimentos populares, a vontade de mudança encontrou um lugar e um modo de ser proclamada. Daí a importância que os próprios membros das CEBs atribuíram à presença dos agentes da Igreja. Para tanto, esse movimento afetará também a Igreja no seu discurso.

Já no primeiro encontro das CEBs, em 6 a 8 de janeiro de 1975, o editorial do SEDOC fala de uma *Igreja que nasce do povo*. Esse novo seria, segundo Boff (1978), a passagem de uma estratégica da caridade para outra da libertação. Nesse caso, temos uma Igreja que se compromete com a libertação de seu povo, porém, convertido ao cristianismo, um traço contrário ao dos socialistas, que tinham uma postura materialista, muitas vezes negando o papel da Igreja. Esses sinais de libertação são um aspecto forte nas comunidades que iniciam a tomada de consciência da realidade, quando, segundo Sader (1988), o povo começa a perceber a sua força, no aspecto da união, e assim vai formando grupos solidários, as pessoas vão aprendendo a decidir juntas a renovação da Igreja e a comunidade de base,

que é esse o fruto da própria renovação, sair do egoísmo para a libertação, agora em comunidade.

3.5 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS CEBS

Devido à compreensão a respeito da Teologia da Libertação exposta anteriormente, vamos abordar a definição de movimentos sociais, que de certa maneira se relacionam com as CEBS. O que seria, enfim, uma definição desse tema de teorização, seria um novo paradigma que atende a múltiplas faces? Nessa busca por definições um pouco mais amplas, temos a percepção de Tarrow (1998, p. 28), que vai buscar em Marx e Engels a seguinte visão:

Não teria ocorrido aos primeiros teóricos dos movimentos sociais, Marx e Engels, indagar sobre o que faz os indivíduos se engajarem em ações coletivas. Ou melhor, eles teriam colocado o problema como resultado do desenvolvimento estrutural da sociedade e não como uma escolha individual. Mas, embora considerassem que a ação coletiva esteja enraizada na estrutura social, Marx e Engels subestimaram seriamente os recursos necessários para o engajamento, suas dimensões culturais e a importância da política.

Nesse contexto de movimento, Marx compreenderá, na história das sociedades, que sempre houve o conflito de classes, e que seu engajamento irá depender do aspecto social econômico da sociedade, sendo que é imprescindível a organização dos trabalhadores em classes:

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. (Manifesto do Partido Comunista).

Homens livres e escravos, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, tem vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta.

Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. Na Roma antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores, vassallos, mestres, companheiros, servos; e em cada uma destas gradações especiais. A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de opressão, novas formas de luta às que existiram no passado.

Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametricamente opostas: a burguesia e o proletariado. (FERNANDES, 2001, p. 365).

Essa definição histórica demonstra que sempre houve a luta de classes; no entanto, a burguesia simplificou essa luta em dois grandes grupos, os burgueses e os proletariados, sabendo que não existem somente duas classes, mas, sim, várias.

Assim, podemos na base da história discorrer que, no instante em que houver a exploração de uma classe sobre a outra, na busca de dominação e exploração, haverá revoltas, por ora suprimidas, mas não totalmente extintas. O surgimento dos movimentos sociais faz parte da linha do provocador, aquele que não aceita determinada imposição. A compreensão de Marx, observada por Fernandes (2001), expressava um alerta para os trabalhadores, posto que não bastaria somente tomar o poder da burguesia, seria preciso romper a estrutura do poder para implantar um novo regime, que seria o socialismo. Tarrow (1998) elenca que o Estado, percebendo as revoltas, criou mecanismos de repressão a todo o tipo de movimento. Foi o que ocorreu na Inglaterra, quando atiraram nos trabalhadores em 1928, em razão de estarem reivindicando seus direitos, e sucessivos fatos, aqui mesmo no Brasil, onde os movimentos no período da ditadura militar foram perseguidos e muitos líderes assassinados.

Dessa maneira, podemos entender a definição a respeito dos movimentos sociais, quanto a não conseguir responder à temática, pois isso está limitado a conceitos. Gohn (2014, p. 27) inicia a apresentação do tema chamando a atenção para cinco grandes questões que permanecem na produção acadêmica, como lacunas ou como problemas não resolvidos:

1. O primeiro conceito de movimentos sociais: afinal, o que são esses movimentos?
2. O que os qualifica como novos?
3. O que os distingue de outras ações coletivas ou de algumas organizações sociais como as ONG's?
4. O que ocorre de fato quando uma ação coletiva expressa num movimento social se institucionaliza?

O entendimento de conceitos sempre se mostra suficiente para o estudo de um caso específico e não para análise que abranja o estudo dos movimentos sociais como um todo. A grande dinâmica está em estudar os movimentos sociais enquanto movimento em ação, desatrelado do que chamamos instituição, livre para podermos observar o incomodo perante qualquer estrutura de poder. Nesse foco, serve como o equilíbrio democrático provocador.

Ainda segundo Gohn (1992, p. 19):

O exercício da prática cotidiana nos movimentos sociais leva ao acúmulo de experiências, onde tem importância a vivência do passado e no presente para a construção do futuro. Experiências vivenciadas no passado, como opressão, negação de direitos etc., são resgatadas no imaginário coletivo do grupo de forma a fornecer elementos para a leitura do presente. A fusão do passado e do presente transforma-se em força social coletiva organizada (Thompson, 1979). Aprende-se a não ter medo de tudo aquilo que foi inculcado como proibido e inacessível.

Aprende-se a acreditar no poder da fala e das ideias, quando expressas em lugares e ocasiões adequadas.

Com isso, podemos elencar que a teorização a respeito dos movimentos sociais continua sendo uma tarefa difícil para os teóricos das ciências sociais. Entretanto, a construção do conceito deve ser aberta na abrangência de sua atuação. Importante destacar que os movimentos sociais tiveram um ponto de partida com as CEBs, em lugares em que os bispos faziam parte da frente progressista da Igreja Católica. Exemplo é o caso da Arquidiocese de São Paulo, com D. Paulo Evaristo, D. Helder Câmara em Olinda e Recife, e também com D. Elias na Prelazia de Cametá, que direcionaram a Igreja ao engajamento social. Segundo Gohn (1992), várias favelas, no final da década de 70, contaram com o apoio de setores da Igreja Católica, atuando através das CEBs. A Igreja se mobilizou com seus padres e inúmeros agentes de pastoral para residirem nas favelas ou proximidades e formou vários agentes de pastoral leigos, sendo esta ação denominada “Pastoral das Favelas” (GOHN, 1992, p. 34).

Nesse processo de engajamento, o projeto dos movimentos comunitários é dado por assessores com ideias libertárias (caso principalmente da ala anárquica), ideias do pensamento liberal clássico (caso dos assessores religiosos), ideias do materialismo histórico, nas formulações gramscianas (assessores político-partidários) e ideias neoidealistas, originárias de filósofos contemporâneos (presentes em assessores provindos do meio universitário) (GOHN, 1992, p. 40).

Essas características dos movimentos comunitários promoveram uma consciência coletiva de luta por direitos, perante um Estado neoliberal, que mantém privilégios das elites, na contramão dos direitos negados às classes trabalhadoras.

Nesse aspecto, há uma relação estreita dos movimentos sociais com as comunidades de base, em efeito concreto, na elaboração de projetos comunitários. Gohn (1992), em um primeiro momento, irá destacar o aspecto qualitativo, que resulta na construção de casas por meio de mutirões, projetos das mais diferentes espécies sendo desenvolvidos. No segundo momento, a autora lança a pergunta: esses movimentos contribuíram para a organização das pessoas? Nesse sentido, a resposta é positiva. Os movimentos sociais dentro das comunidades de base geraram organização e conscientização nas pessoas, no sentido de acreditarem em si próprias, de servirem de exemplo para os demais, negando os modelos clientelistas de espera de favores e benevolência (GOHN, 1992, p. 41).

É importante observar que os movimentos sociais se cruzam com os movimentos das Comunidades Eclesiais de Base no bojo de sua dinâmica. Essas ações ocorriam

juntamente com outras no plano de uma sociedade mais global, de luta contra o regime militar e o autoritarismo. Nesse sentido, podemos dizer que as CEBs formaram um trabalho que permitiu com que os agentes de pastoral se engajassem em outros setores da sociedade, como partidos políticos, sindicatos, diversos movimentos por direitos dos negros, das mulheres, de moradia, de terra, dos índios, etc.

Para tanto, Gohn (1997) prefere classificar os movimentos sociais em categorias independentes da contemporaneidade ou não de suas reivindicações e formas de atuação. Nesse sentido, vamos ter movimentos construídos a partir da origem social da instituição que apoia ou abriga seus mandatários (GOHN, 1997, p. 268). Essa premissa parte de que todo movimento social é formado por agrupamentos humanos, coletivos sociais, e decorre disso que estão de uma forma ou de outra inseridos na sociedade, e as CEBs fazem parte desse espaço, no engajamento que desencadeou uma Igreja que refletia os problemas sociais.

Segundo Brandão (apud WANZELER, 2015, p. 57), nas comunidades humanas onde não se observa uma rigorosa divisão social do trabalho entre classes desiguais, ou onde o exercício social do poder não foi centralizado por uma classe como um Estado, existem ações educativas que não se desenvolvem nos espaços da escola nem têm a escola como lócus de aprendizagem. Esta reflexão sinaliza o trabalho das Comunidades Cristãs no processo de formação e união com os movimentos sociais, unidos nos sindicatos, nas associações, etc.

Portanto, queremos responder, nesse momento: o que realmente as CEBs pretendiam, o que achavam que estavam fazendo, e o que realmente fizeram? Estas são questões a que procuraremos responder na seção 4.

3.6. ASPECTOS DO PAPEL DA LIDERANÇA

O universo de estudos sobre líderes e lideranças é enorme. Afinal, a questão não é só parte constitutiva, mas formativa e normativa dentro do processo relacional da sociedade. O objeto de estudo deste trabalho a respeito da formação de lideranças se restringe ao ambiente das Comunidades Cristãs da Prelazia de Cametá.

O líder é a pessoa no grupo à qual foi atribuída, formal ou informalmente, uma posição de destaque para dirigir e coordenar as atividades relacionadas a uma determinada tarefa. Ressalta-se, também, a maneira ou a forma pela qual uma pessoa numa posição de líder irá influenciar e determinar as diretrizes no grupo.

Minicucci (1983) define o processo de liderança como influência interpessoal numa situação para que, por intermédio do processo de comunicação interpessoal, seja atingida uma meta, ou metas especificadas. A liderança sempre envolve influência por parte do líder (influenciador) para afetar o comportamento de um seguidor (influenciado) ou seguidores numa determinada situação. Nesse aspecto se verifica a importância de três elementos: líder, seguidor e situação, de modo que o processo de influência interpessoal ocorre por intermédio da comunicação, cuja finalidade é atingir uma meta ou metas especificadas.

Além do mais, o perfil das lideranças está associado à trajetória pessoal. Importa saber sobre as diferentes experiências que tiveram em outras organizações (políticas, sindicatos, igrejas, universidades, etc.) e sobre o capital educacional que o indivíduo possui (se tem boa formação escolar ou acesso a cursos de formação política, tende a desenvolver algumas habilidades que o líder deve ter, como, por exemplo, discursar, escrever, debater, dialogar com elites externas, etc.). É importante conhecer os elementos que contribuíram para a sua formação, fornecendo-lhe os recursos, as habilidades e, algumas vezes, o conhecimento e o interesse pela causa defendida.

Podemos dizer que os contextos estruturais também formam o líder, segundo Morris e Braine (2000), que identificaram em suas pesquisas três tipos de movimento: primeiro, movimentos de libertação (o movimento dos direitos civis americanos); o segundo tipo diz respeito a demandas de grupos específicos (a favor do aborto, por exemplo); e o terceiro tipo é o dos movimentos pela responsabilidade social (acerca de condições que afetam a população em geral). Nos dois primeiros tipos de movimentos, em que os movimentos se originam de uma causa histórica/social, as pessoas geralmente possuem experiências anteriores de participação (no primeiro exemplo citado, nas igrejas negras; no segundo, a participação em outros movimentos, em geral feministas), sendo influenciadas pelos mesmos. No último caso, há possibilidade de não haver uma organização anterior, sendo a criação do movimento motivada por uma situação imposta (acidentes, catástrofes naturais, etc.). Neste caso, Morris (2000) cita, para exemplificar, um movimento contra a ingestão de bebidas alcoólicas antes de dirigir automóveis, que surgiu nos Estados Unidos na década de 1980, iniciado por Candy Lightner. Assim, Lightner, apesar de não possuir experiências em movimentos, iniciou uma luta por essa conscientização devido à morte de sua filha, atropelada por um motorista embriagado. Como percebemos, há líderes que aprendem a liderar na prática, sem experiências anteriores de participação em outros movimentos.

Por outro lado, é importante verificar, nesse contexto, a influência que as CEBs tiveram no processo de liderança junto aos movimentos populares urbanos e rurais, pois elas, ao articularem princípios religiosos com a prática política, recrutaram participantes e lideranças, que serviram de sementeiras para muitas lideranças políticas, sindicais, como também ativistas sociais (DOIMO, 1983; HERKENHOFF, 1995; COLBARI, 2003). Capacitadas por estas experiências prévias, as pessoas que saíram desses ambientes passaram a atuar em movimentos, sindicatos, associações, sociedade civil, entre outros espaços. Entretanto, a formação é importante tanto no aspecto formal quanto no informal.

Outro ponto importante a respeito da liderança é a ideia que Gramsci recuperou de Marx, segundo o qual o homem, ao transformar a sociedade em que está inserido, se transforma, se forma e se educa. Na afirmação de Marx: “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 1999, p. 52). À medida que os trabalhadores vão organizando-se em associações, sindicatos, em comunidades, em partidos políticos, sua luta contra os capitalistas vai fortalecendo-se; eles vão adquirindo consciência de sua força e, deste modo, vão formando-se como classe antagônica ao capital. No entanto, nessa luta de classes, principalmente da classe dominante para permanecer em domínio, é que surge o protagonismo das classes populares. Esse aspecto ficou evidente quando o capitalismo começou a avançar na Amazônia com a força exploratória do capital transnacional, que impunha uma relação forçada aos povos que habitam esta região.

3.7 O CAPITALISMO NA FRONTEIRA DA AMAZÔNIA TOCANTINA

A Amazônia é uma imensa região com um potencial econômico incalculável, que envolve toda a sua biodiversidade. Além do mais, é a última fronteira do capitalismo moderno, com o detalhe de ser uma espécie de neocolônia a serviço desse capitalismo tardio. Pinto (1995) sintetiza claramente esse avanço:

Na década de setenta, quando começavam realmente as grandes transformações da Amazônia, o governo, que se preocupava muito com a propaganda que fazia, disse que, a partir daquele momento, a história deste século estaria marcada por duas grandes aventuras de conquista: a dos americanos na Lua e a dos brasileiros na Amazônia; e que os americanos na Lua seriam obrigados a ver de lá do céu duas obras humanas, obras de conquista ou de defesa territorial. Uma era a Muralha da China, que foi construída para impedir a invasão dos bárbaros, uma Linha Maginot, primitiva; a outra seria a Transamazônica, que foi feita para dar abertura aos bárbaros na Amazônia. E desde essa época, nós temos na Amazônia a história da barbárie.

Essa análise de Pinto (1995) é uma visão de cima para baixo que todos os governos da esfera federal possuem da Amazônia: uma região para ser explorada a qualquer custo, sem com isso considerar os povos que habitam esta região.

É nesse cenário de implementação dos grandes projetos para a região Amazônica que na região Tocantina, já com a presença dos padres holandeses, se manifestará o despertar da consciência crítica do povo aos problemas que irão enfrentar, também com a presença das Comunidades Cristãs a partir do ano de 1970, com forte manifestação no ano de 1980, com a construção da Hidrelétrica de Tucuruí.

Ainda segundo Pinto (1995), em 1974 os japoneses e a Companhia Vale do Rio Doce, até então pertencente ao Estado brasileiro, anunciaram um conjunto dos maiores empreendimentos feitos na Amazônia e no país: uma fábrica de alumínio em Belém, a qual acabou por fixar-se na cidade de Barcarena, e uma usina hidrelétrica em Tucuruí, no Baixo Tocantins. Essa fábrica, sozinha, representaria 5% do consumo brasileiro de energia elétrica. A Usina Hidrelétrica de Tucuruí teve suas obras iniciadas em 1975 e foi inaugurada em 1984, em um investimento de 5 bilhões e 400 milhões de dólares, um custo muito alto para a época. Essa usina representaria a matriz geradora de todos esses projetos que se instalariam na Amazônia, sem no mínimo considerar os que aqui habitam. É importante ressaltar que foi somente a partir da matriz energética da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no Baixo Tocantins, que esses projetos se impuseram no estado do Pará.

Na realidade, esses grandes projetos não impactaram o desenvolvimento da região, apenas geraram grandes lucros para as empresas internacionais, nesse caso a japonesa, que se beneficiaram, principalmente, da energia gerada em Tucuruí a um custo baixo, deixando para trás um cordão muito grande de pobreza, além dos problemas ambientais. Problemas também de natureza econômica: segundo dados científicos, na região do rio Tocantins, a jusante (que compreende Nazaré dos Patos, Baião, Igarapé Miri, Mocajuba, Cametá e Oeiras do Pará), estão as cidades que ficam mais próximas a Tucuruí e sofreram grandes perdas após essa obra. Tiveram uma redução de seu pescado, passando de 1.188 toneladas, em 1981, para 186 toneladas após o início do funcionamento da Usina Hidrelétrica (JURAS; CINTRA; LUDOVINO, 2004). Na análise de (PINTO, 1995):

Hoje ainda é impossível calcular o valor global dessa sangria. A Amazônia não conseguiu se situar como agente no mercado internacional, na nova divisão internacional desse mercado. Ela é apenas um paciente nesse movimento, ela é apenas uma bola de pingue-pongue, que vai de um lado para o outro conforme batem os dois jogadores, os dois extremos da mesa, mas ela não tem vontade, não

tem iniciativa, é um agente passivo. Esse jogo é um jogo de altíssimo nível, de grandes interesses e, com relação a alguma mercadoria, interesse até fundamental.

A Prelazia de Cametá está inserida no contexto que compreende esse cenário de empreendimentos para a região, pois sua área de abrangência corresponde aos municípios de Tucuruí, Breu Branco, Novo Repartimento e Pacajás, que fazem parte da região da Transamazônica. A cidade de Tucuruí será palco de muitos debates por conta da maneira por que se instalou na região a usina hidrelétrica, de forma autoritária, apenas para servir ao capital internacional, deixando para os povos da região problemas até hoje vivenciados, entre eles, a falta de peixe na região Tocantina, pela razão de não se ter atentado para o momento da piracema,¹⁶ quando os peixes fazem sua reprodução. No momento em que foi represado o rio Tocantins, não havia estudos de impacto ambiental, nem menos o relatório de impactos ambientais, pelo fato de não haver uma legislação ambiental naquela época. Portanto, a região protagonizará muitos problemas sociais, entre os quais o problema de grilagem de terras, problemas com as terras indígenas, e mesmo com as populações atingidas pela construção da usina. Frente a tudo isso, haverá o enfrentamento de classe, mas esse assunto não é objeto de estudo deste trabalho.

Para tanto, temos um cenário que implicará uma participação efetiva dos comunitários da Prelazia. Na seção 4 se tratará da formação dos comunitários nas Comunidades Cristãs e seu desdobramento na consciência crítica, com uma leitura bíblica da realidade.

¹⁶ Piracema é o período de reprodução dos peixes. Durante esse período, eles se deslocam até as nascentes dos rios ou até regiões rasas dos rios com ervas para desovar.

4 COMUNIDADES CRISTÃS NA PRELAZIA DE CAMETÁ E A FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS POLÍTICAS

“Nós somos a Igreja”.

Pe. Geraldo Gommers¹⁷

4.1 A CRIAÇÃO DA PRELAZIA DE CAMETÁ E O PRIMEIRO PRELADO

As palavras do padre Gommers refletem de maneira provocadora essa nova postura que a Prelazia de Cametá adotará na culminância por mudanças de pastoral na Igreja. Nesse contexto histórico, percebemos que, com a chegada dos padres lazaristas ao Baixo Tocantins, essa nova forma de atuar como Igreja refletirá muito na formação do povo ribeirinho.

Essa região, antes dos padres lazaristas, pertencia à Arquidiocese de Belém. Somente em fevereiro de 1932 é que o padre lazarista Guilherme Vaessen, que coordenava os trabalhos dos sacerdotes da Congregação da Missão (Lazaristas) no Norte e Nordeste brasileiros, decidiu começar as missões no Baixo Tocantins, nos lugares por onde o padre passava no máximo uma vez por ano. Assim, o bispo de Belém na época, D. Antônio Lustosa de Almeida, ofereceu aos lazaristas as paróquias de Cametá, Mocajuba e Baião. Em seguida, vieram mais quatro padres da Holanda. O próprio padre Guilherme, em 1935, foi até Tucuruí, localidade chamada então Alcobaça, e seguiu até Marabá num barco chamado “Marabaense” (todo fechado, porque passava por dentro da água em meio às pedras). Na sua volta, permaneceu por uns dias em Baião, Pamplônia, Mocajuba, São Benedito e Vila do Carmo. Tendo também de experimentar as pragas dos trópicos amazônicos, foi acometido por malária, e com isso voltou para Cametá (FRENCKEN, 2010).

Segundo ainda Frencken (2010), neste período vieram mais oito padres, sendo três deles ainda conhecidos de muitos da região: padre Cornélio, mais tarde o primeiro bispo da Prelazia de Cametá, e os padres Pedro Hermans e Tiago Poels, este último uma espécie de protagonista na organização social.

Esse período é marcado por uma religiosidade tradicional de devoções aos santos e às santas (as irmandades supriam, em parte, a falta de padres), e, por outro lado, de uma prática fortemente sacramental. Restavam aos padres as chamadas desobrigas, com muita atenção para a vida matrimonial (FRENCKEN, 2010).

¹⁷ GOMMERS, 1981.

Assim, já com a presença dos primeiros padres lazaristas vindos da Holanda, que, por sinal, já conheciam em parte a região do Tocantins e sabiam da carência muito grande da presença dos religiosos, e, nessa carência religiosa, o povo procurava organizar-se em torno dos santos devotos, por meio de grupos denominados irmandades, segundo Souza (2002, p. 73):

Tais Irmandades (por exemplo: Divino Espírito Santo...), eram também o principal instrumento de mediação da relação entre os camponeses, ribeirinhos e a elite local. A Irmandade se relacionava, numa atitude de colaboração, tanto com o poder público local quanto com a hierarquia católica. A Irmandade, quando assumia alguma função coletiva, além de estritamente religiosa cumpria o papel de mediar às necessidades coletivas no âmbito dos serviços, como a construção de uma sala de aula, ou a contratação de uma professora.

Essa forma de organização foi o que o povo encontrou para se organizar na ausência dos padres. Com a chegada dos padres, essa forma de organização, aos poucos, será substituída por uma nova organização religiosa. Segundo Frencken (2010), sem pressa, os mecanismos burocráticos eclesiais romanos se direcionam a uma decisão concreta, que seria a criação de uma Prelazia. Demorou mais de seis anos até que se criasse a Prelazia de Cametá, em 29 de novembro de 1952. Depois, esperaram-se ainda três anos até que fosse nomeado o primeiro prelado, que seria Dom Cornélio Veerman, em 1955. Ele tomou posse em 24 de junho do mesmo ano na Catedral de Cametá. E, ainda seis anos depois, o papa João XXIII elevou padre Cornélio ao episcopado, tendo este tomado posse em 3 de setembro de 1961.

A maneira de dar assistência ao povo continuava no mesmo estilo: no campo religioso, com especial atenção à importância dos sacramentos e à vivência deles, além de grande importância dada à catequese infantil (preparação para a primeira comunhão). Foram fundados, em diversas paróquias, movimentos como o “Apostolado da Oração”, a “Cruzada Infantil”, os “Vicentinos”, as “Mães Cristãs”, a “Legião de Maria”. No campo social, continuou a luta por mais educação e assistência aos doentes (postos médicos em Tucuruí e Oeiras) (FRENCKEN, 2010). Podemos dizer que se tratava de um trabalho voltado para o assistencialismo.

Nos anos de 1960 foram introduzidas pequenas mudanças na ação pastoral, e este ponto é chave para o que viriam a ser as Comunidades Cristãs. O padre Henrique, em Tucuruí, escreveu: “Durante a novena de São José, puramente religiosa, experimentou-se uma liturgia da palavra em vez de terços tradicionais. Padre Geraldo Gommers, também em Tucuruí, iniciou estudo do Evangelho de Marcos, em círculos bíblicos” (LIVRO..., p. 46).

Nesse sentido, dois elementos foram essenciais para a construção da unidade na Prelazia: desenvolveu-se uma concordância pastoral entre as paróquias, de modo que não haveria divergência na ação pastoral entre uma paróquia e outra. E, quanto aos padres naqueles anos, pode-se dizer que se tratava de um grupo coeso. Na base destes dois elementos, foi possível abrir espaço para novas linhas de trabalhos pastorais a partir de 1964. Favacho (1986) comentou, a respeito do trabalho de Dom Cornélio Veerman, o seguinte:

No último ano de sua estada na Prelazia (1969), dom Cornélio incentivou a nova experiência pastoral que surgia a partir dos cultos dominicais, as CEBs, que desde o primeiro momento foram batizadas na Prelazia de 'Comunidades Cristãs'. [...] Podemos destacar três frases ou três modelos de pastoral assumidos por dom Cornélio, verdadeiro padre da Missão e filho de São Vicente e como tal escreveu em seu brasão "Evangelizar os pobres". Na primeira fase pastoral, predominou a assistência religiosa e social. Seguiu-se um período de labuta para promover o homem da região. Tratava-se da promoção em sentido amplo. Finalmente, nos últimos anos, quando se apresentavam novos tempos em que se impunha defender, organizar e despertar a consciência do povo, como Moisés, dom Cornélio apenas pode contemplar de longe e se alegrar com o que via nascer, uma pastoral libertadora.

Dom Cornélio renunciou ao governo prelatício em 8 de agosto de 1969, por motivos de saúde, e também por não acreditar que as mudanças do Concílio Vaticano II fossem realmente promover mudanças na Igreja, especialmente na Prelazia de Cametá, sendo contrário aos seus colegas, que estavam esperançosos com as mudanças na Igreja. Nessa retomada por uma nova pastoral, temos o fato que antecedeu a renúncia de D. Cornélio, que apontou a sua falta de entendimento das mudanças que estavam acontecendo dentro da Igreja a partir do Vaticano II, e na sua própria congregação, o que fica evidente na carta a seu visitador na Holanda (18-01-1967):

Estamos ansiosos para saber qual resultado o Concílio vai trazer para a Igreja na Holanda. Aqui, por certo, pouco será aproveitado, talvez alguns direcionamentos. Novas ideias chegaram bem devagar aqui e são, em geral, mais destrutivas do que construtivas.¹⁸

Outro fato de grande destaque na Congregação dos Lazaristas foi a Assembleia Geral, marcada para o segundo semestre de 1968, em Roma, que teve como pauta a renovação da congregação, conforme a mentalidade do Concílio Vaticano II, e que todas as províncias dos lazaristas deveriam incluir em suas pautas.¹⁹ Esse é um momento importante, pois colocava os padres lazaristas frente a uma renovação nos aspectos de pastoral, um salto para uma reorganização que aos poucos iria ganhando maturidade em suas práticas pastorais.

¹⁸ Arquivos da Província de Fortaleza dos Padres Lazaristas.

¹⁹ Assembleia Provincial da PFCM. Relatório da Assembleia Provincial de 1968. Arquivo Provincial da PFCM.

Na Circular Anual da Congregação Geral de 1969, o superior, padre James William Richardson, tratou o aspecto da renovação no alinhamento ao Vaticano II:

Temos todos consciência da importância desse momento em que devemos proceder ao *aggiornamento*. Para mim, enquanto cristão, a renovação significa renovar minha visão de Igreja sob todos os aspectos. É verdade que o objetivo imediato desse interesse comum concerne a renovação de uma família vicentina, atingindo nossa vida interior pessoal, nossas relações com cada uma das pessoas que conhecemos e ao trabalho comum [...]. A renovação afeta o que somos, o que pensamos, o que desejamos, o que decidimos, o que dizemos, o trabalho que empreendemos, todo aquilo, afinal, que de uma maneira ou de outra nós realizamos. Restringir a renovação a algumas dessas fases ou atividades, ou então excluir qualquer uma, seria não compreender o que realmente significa a palavra renovação.²⁰

Esse aspecto, é de grande importância para a Congregação da Missão, pois havia uma grande preocupação entre os padres quanto à direção de uma renovação na Igreja. Mas o que seria para eles essa renovação impactante que eles almejavam? Nessa busca por uma renovação, os padres lazaristas holandeses demarcaram na Prelazia de Cametá um trabalho pastoral com as Comunidades Cristãs, que, a princípio, foi uma experiência que antecedeu as CEBs no Brasil, um trabalho inovador, que aos poucos foi ganhando maturidade.

4.2 AS CCS NA PRELAZIA DE CAMETÁ

Podemos constatar que o início das Comunidades Cristãs na Prelazia foi um marco histórico para o povo pobre. É certo que, no início, não havia consenso, porém o entendimento permaneceu no rumo das mudanças. Em uma reunião dos padres com o bispo Cornélio em 1969, o mesmo declarou não saber qual direção dar aos trabalhos pastorais na Prelazia. Na realidade, eles não sabiam que rumo tomar, segundo Frencken (2010), porém, almejavam uma orientação para “mudanças”. A partir desse fato, D. Cornélio renunciou à administração da Prelazia, abrindo oportunidades a um novo administrador que pudesse realizar as mudanças pastorais.

Nesse caso, é importante destacar que as Comunidades Cristãs na Prelazia de Cametá surgem antes das CEBs em grande parte do Brasil. O nome é sugestivo, CCs, enquanto no restante do Brasil se fixou a forma CEBs. Não há ao certo o porquê do nome CCs e não CEBs. O ex-padre lazarista Frencken não soube informar esse detalhe na entrevista que fiz com ele. Porém, mediante as pesquisas realizadas, verifica-se que o nome CCs se

²⁰ Circular Anual do Superior Geral da C.M. Publicado na carta circular de 08-03-1969. Arquivo Provincial da PFCM.

refere a uma “Igreja povo de Deus”, como disse o padre Gommers: *Nós somos a Igreja*. Nesse sentido, permaneceu o nome CCs a CEBs.

Nesse rumo de mudanças, o padre Henrique Riemslog é nomeado administrador apostólico em 11 de julho de 1970, função que exerceu até 24 de setembro de 1980. Teve como destaque não aceitar ser bispo; porém, muitas pessoas questionavam por que ele não aceitou o bispado. Assim respondeu: “Não fujo da minha responsabilidade, mas vejo minha função de coordenar os trabalhos pastorais ... como temporária. Depois que passar meu tempo, desejo voltar a ser simplesmente padre”.²¹ De fato, o depoimento do padre Geraldo Frencken esclarece a questão:²²

Eu posso testemunhar pelos doze anos que convivi com ele como levava vida simples, lia muito, em especial artigos e livros a respeito do novo jeito de ser Igreja e de fazer Teologia. Andava junto conosco, visitava em pé de igualdade as comunidades, ajudava a distribuir as responsabilidades e era muito bem visto pelo povo. Acreditava na importância da Igreja organizar-se em pequenas comunidades, pois assim ela se tornava mais humana, mais consciente de sua missão no mundo, menos paroquial e menos clerical, porém sem desmerecer o sacerdócio exercido por ele mesmo e pelos padres, que sempre deviam ser animadores da fé do povo. padre Henrique se sentia muito à vontade quando estava junto do povo, conversando na beira dos rios e igarapés ou nas pequenas comunidades em terra firme. Faleceu em 22 de outubro de 1995. Na despedida, por ocasião da missa de corpo presente em Igarapé-Miri no dia 24 de outubro, foi o padre Henrique proclamado como “homem do povo!”.

A administração do padre Riemslog, foi de substancial importância para o momento fundacional dos movimentos das Comunidades Cristãs, o que fomentou um processo de formação aos comunitários. Como administrador, permaneceu por dez anos, tempo suficiente para realizar o plano de pastoral de formação de lideranças. A sua concepção estava voltada para uma nova forma de ser Igreja, sempre alinhada às Conferências (Medellín, Puebla). Em seu depoimento à *Revista Missionária*, em 1974, relata:

Ser cristão é uma mentalidade, uma maneira de pensar e de viver e não somente uma aparência. Ser cristão é valorizar mais as pessoas pelo que são do que pelo que têm. Ser cristão significa dar chances a todos. Porque todos têm dons e valores, que devem ter chances de serem vividos em espírito comunitário (RIEMSLAG, 1974, p. 2).

Essa reflexão do padre Riemslog marca uma nova postura de Igreja, não mais aquela estrutura hierárquica, mas de uma Igreja atuante a partir das camadas populares. Nesse novo processo, a Prelazia vai experimentar uma nova experiência com as Comunidades Cristãs.

²¹ Relatório da Diocese de Cametá, 1972.

²² Geraldo Frencken mora atualmente em Fortaleza, atuando como professor na Universidade Federal do Ceará. Hoje, como padre casado, é o último dos holandeses que atuaram na Diocese dessa época.

O início das comunidades, em primeira instância, aconteceu em fevereiro de 1967, em uma reunião com todos os padres da Prelazia, que decidiram dois direcionamentos importantes: primeiro, que fosse fundado o culto dominical sem padres no interior da Prelazia de Cameté e, em seguida, que o padre Geraldo Gommers fosse liberado para o apostolado entre os homens¹⁴. Naquela reunião, o padre Riemslag descreve aos participantes qual era a grande preocupação naqueles tempos:

Pelo tempo do Concílio leu-se e refletiu-se muito, e fizeram-se muitas reuniões. E, com isso, começaram a surgir perguntas, que nos confrontaram com a realidade do povo, a sua vida, sua cultura, seu ambiente, sua tradição. Estudamos o fundo histórico do povo latino-americano e as influências que sofreu. Foi preciso um exame doloroso, a fim de ver objetivamente os valores da nossa pastoral até então. Havia ela levado em conta a existência específica deste povo? O anúncio da mensagem tinha atingido o povo na sua realidade humana? O nosso método tinha contribuído para uma vida social melhor? O povo pagava pelo batismo e o casamento e se sentia bem por um momento quando cantava junto, ouvia uma boa pregação ou assistia a uma bela missa. O povo escutava promessas de uma vida futura melhor. Muito se falava em perdão e numa vida sem doenças, sem fome no céu. Mas **o padre ia embora e o povo ficava novamente sozinho; seus problemas e medos pelo dia de amanhã continuavam**. Alguns poucos remédios acabavam rapidamente, crianças brincavam com os terços e os quebravam e os livrinhos de reza eram consumidos pelas formigas brancas. Novamente havia o vazio e a luta pela sobrevivência.

Chegamos à conclusão de que nos encontrávamos num impasse, o impasse de um trabalho de massa, que não deixava tempo para transmitir o Espírito de maneira viva. A nossa pergunta era: **como transmitir a mensagem viva de Cristo, no meio de todos aqueles santos, de tal maneira que nascesse uma vida cristã consciente, com verdadeira união na celebração da Eucaristia e com a perspectiva de uma existência social mais humana.**²³

Essa reflexão do padre Riemslag marca um período histórico em que a congregação passa a assumir uma nova pastoral, com fortes traços ao aspecto social, não mais a totalidade de uma Igreja sacramentalista (batismo, crisma, casamento e primeira comunhão). Trata-se, agora, de uma Igreja que reflete a existência social do homem. Entretanto, esse novo trabalho da Igreja terá ainda a permanência dos métodos antigos. Padre João Boonekamp, nesse mesmo encontro, dirá que “não se deve esperar uma Igreja totalmente renovada. O velho e o novo estarão caminhando lado a lado”. Porém, o novo acabou sendo mais aceito, na medida em que o processo de conscientização começava a dar frutos a partir dos engajamentos, na Comunidade Cristã, dos muitos cursos de formação de que os comunitários participavam.

Um passo fundamental para a nova pastoral se deu quando o padre Gommers, a irmã Sabina e o diácono Lino Ribeiro da Ponte apresentaram, em 11 de fevereiro de 1969, durante a reunião anual dos padres, um documento com os princípios básicos da Comunidade Cristã

²³ Relatório da Prelazia, reunião de fevereiro de 1967.

na Prelazia de Cametá, discorrendo a respeito de sua finalidade, membros, direção, método de trabalho e lastro financeiro. Quanto à finalidade, o texto apontava:

As comunidades desejam a educação do senso comunitário de batizados que compreendam melhor as exigências de seu batismo e comprometam-se livremente a trabalhar no seu ambiente, concorrendo deste modo para a crescente humanização de toda a Prelazia, usando como principal método a conscientização da mensagem evangélica, dirigida ao homem todo, promovido por meio do diálogo, cursos, reuniões, retiros, semanas catequéticas, palestras, encontros, conferências, orientações técnicas, serviço de boa imprensa, movimentos juvenis, etc.²⁴

Começa, neste momento, um processo de formação junto aos comunitários, com uma nova narrativa de discurso voltado às problemáticas sociais, com o diálogo com os textos bíblicos e a formação total do homem. Assim, essas ações possibilitaram uma formação engajada na matriz espiritual libertadora da Teologia da Libertação. Nesse sentido, são importantes as colocações do animador João Blood, da Comunidade Cristã da Vila de Maiuatá, que testemunhou essa nova linha de pastoral na Prelazia:

O novo acabou sendo cada vez mais aceito, na medida em que o processo de conscientização começasse a dar frutos no sentido de as pessoas terem começado a sentir como é bom estarem lutando continuamente com fé por um ideal que surgiu desde o início de nosso despertar!²⁵

Esse texto foi aprovado por todos os padres presentes. Assim, a data de 11 de fevereiro de 1969 é considerada o dia da fundação oficial das Comunidades Cristãs na Prelazia de Cametá. Nesse direcionamento, o jornalzinho *Comunidade Cristã* servia de divulgação de informação aos comunitários, estabelecendo um processo de mediação entre os propósitos da Igreja e os interesses dos comunitários. O primeiro número foi distribuído nas comunidades em junho de 1969. Era apenas uma folha frente e verso mimeografada, que continha uma reflexão sobre a Comunidade, algumas notícias e comunicações. Desta maneira, iniciou na Prelazia de Cametá um novo estilo de Igreja a partir das Comunidades Cristãs.

Além do mais, no relatório da Diocese de Cametá, observa-se que, após a nomeação do padre lazarista Riemslog, em sua administração as Comunidades Cristãs receberam reforço na organização e na formação, o que implica dizer que a formação comunitária ganhava uma nova dimensão. No ano de 1971 já existiam 78 CCs organizadas na Prelazia; com isso, a realização de cursos em várias áreas, desde Formação de Parteiras até cursos de Contabilidade e Planejamento, como também o III Curso de Lideranças, que teve uma

²⁴ Relatório da Reunião dos Padres de Cametá, 11-12 fev. 1969.

²⁵ Reunião de 11 de fevereiro de 1969. Comunidade Cristã, Cametá, n. 01, jun. 1969.

duração de 42 dias de estudos, com 174 participantes, passou a ser uma realidade. Daí foi organizada a primeira Comunidade Cristã de bairro em Cametá, a Comunidade de Antônio Franco, em 28 de janeiro de 1972. Nesse mesmo ano a Prelazia já contava com 95 CCs organizadas.

Segundo Favacho (1987, p. 56), a formação constituía um fator importante:

Há uma variedade de cursos e encontros durante o ano, de acordo com as necessidades sentidas pelas comunidades. Como a intenção da pastoral é a formação de toda a comunidade e não apenas de líderes isolados, há uma insistência na renovação dos representantes, do mesmo modo na equipe da comunidade. Praticamente, em toda as CCs, há anualmente eleições para escolha de uma nova equipe.

Esse aspecto da CC é o fator dinâmico de uma nova pastoral, de formação e participação democrática, em que os participantes, a todo instante, estão reunidos para os debates na comunidade, tanto de razão pastoral, quanto social.

Com a organização das CCs na Prelazia, começaram a surgir os problemas, entre eles “o problema da terra”, por conta da política federal para a Amazônia, e ao mesmo tempo a preocupação em resolvê-los, e as decisões dos comunitários seguiram: “devemos denunciar abertamente situações de injustiças e violência”; “apoiar e animar todas as justas organizações das classes dos lavradores”; “devemos apoiar o desejo de uma verdadeira reforma agrária”; “animar as Comunidades que anunciam o espírito de união do povo baseado na fé”.²⁶ Portanto, esses direcionamentos apontavam a postura da Igreja na Prelazia de Cametá, que apoiava seus comunitários, dando com isso formação para o senso crítico, com desdobramentos ao engajamento do povo nas dimensões sociais organizadas.

Na edição de 31 de outubro de 1977, por ocasião dos 25 anos de fundação da Prelazia de Cametá, o padre Riemslag descreve esse momento às Comunidades:

“João Batista anunciou Jesus. E quando Jesus apareceu, ele o marcou com o “maior”. Aí Jesus começou a defender os fracos e criticar os “privilegiados” que eram egoístas. Ele comia na casa de “pecadores”.

Os discípulos de João Batista começaram a duvidar se Jesus era realmente o Messias. E João os mandou a Jesus para que perguntassem pessoalmente a Ele se era Ele mesmo o Messias.

Jesus escutou e não disse sim ou não. Mas respondeu assim: “Vejam o que está acontecendo: Os cegos veem e a Boa Notícia é anunciada aos pobres. Felizes os que não duvidam”.

Em tudo isso está uma lição para ver os 25 anos de Prelazia quando nasce a esperança do pobre. Quando se deu voz e vez ao povo abandonado do interior. Quando ensinamos a viver sem egoísmo e quando começamos a exigir uma vida cristã daqueles que pedem os sacramentos. Depois de 25 anos talvez nossa resposta

²⁶ Comunidade Cristã, n. 67, nov. 1977.

às pessoas que duvidam possa ser aquela de Jesus Cristo: “Vejam o que está acontecendo”.²⁷

O relato do padre Riemslag é um ponto forte nesse processo de formação das lideranças comunitárias. Com a chegada dos padres holandeses, haverá um novo direcionamento pastoral que terá um ordenamento a partir dos pobres, os excluídos. Essas pessoas que relatam são os pobres, que no processo de formação irão tomando consciência da importância da organização social enquanto categoria construtiva. Portanto, os comunitários começaram a ganhar esperança, acreditando que seria possível lutar por qualidade de vida. Nesse processo, a formação que a Prelazia proporcionava aos comunitários os nutria de uma consciência crítica combativa em face das injustiças sociais.

Entretanto, somente no ano de 1979 foi ministrado, para 1.300 pessoas, um curso de formação de lideranças, algo novo à época para essas pessoas, que nunca haviam participado de nenhum curso.²⁸ E era nesse contexto, de um novo trabalho pastoral, que a Prelazia se manifestava. Isso quer dizer que o povo começava a se organizar, tanto nos trabalhos comunitários quanto em organizações sociais. A fala do padre Riemslag, em comemoração aos vinte cinco anos da Prelazia, enfatizava a esperança do pobre e, segundo ele, deu voz ao povo abandonado do interior, por isso a ênfase: “Vejam o que está acontecendo”.

Esse cenário é de extrema importância para os padres lazaristas, que começavam a ver a aurora do trabalho pastoral nas pessoas que antes não davam a devida importância ao engajamento social e, muito menos, a uma participação atuante na Igreja, pela razão de ser uma Igreja centrada na figura do padre.

Portanto, nesse envolvimento com as Comunidades Cristãs, teremos a participação dos animadores, que representavam, na ausência dos padres, um trabalho junto às comunidades.

4.3 ANIMADORES DE COMUNIDADES E FORMAÇÃO SOCIAL

O trabalho dos animadores nas Comunidades Cristãs, a princípio, representou uma função importante, pois eram encarregados de animar as comunidades com a promoção de festas religiosas de santos, além de resolver conflitos.²⁹ Cada paróquia tinha um grupo de animadores. Eles eram responsáveis por visitar aproximadamente certo número (cinco a dez)

²⁷ Comunidade Cristã, n. 66, out. 1977.

²⁸ Jornalzinho das Comunidades, 1979.

²⁹ Jornalzinho das Comunidades, 1975.

comunidades de sua própria região, a fim de fazer reuniões com a equipe coordenadora da comunidade e com o povo em geral: animação da comunidade, avaliação da caminhada, problemas, acertos e novos planos constituíam suas atividades. Faziam contatos com a Equipe Central, que era responsável pelas pastorais da Prelazia. Nessa perspectiva, havia muito investimento na formação dos agentes comunitários por meio de cursos em todas as áreas. A maior parte deles se realizava no prédio do antigo seminário menor da Prelazia, localizado na Aldeia (Cametá). Os últimos dados referentes aos cursos de formação são do ano de 1975.³⁰ Neles, porém, é clara a importância dada à formação ampla aos comunitários:

Quadro 1 – Cursos oferecidos pela Prelazia de Cametá, 1970.

TIPO DE CURSO	QUANTIDADE	PARTICIPANTES
Liderança	5	150
Criatividade comunitária	2	40
Fé e vida	2	60
Fundação de cantinas comunitárias	1	20
Problemas de terra	2	80
TOTAL	12	360

Fonte: Prelazia de Cametá. Relatório da Equipe Central, 1975.

Os chamados Cursos de Lideranças eram realizados todos os anos e em todas as paróquias, com a participação de representantes das comunidades. Segundo Frencken (2010), esses cursos tornaram-se o eixo central na formação dos que dirigiam os trabalhos comunitários. Nesses cursos, chama-se a atenção para os temas: “O líder é quem indica o caminho”, “Ser gente”, “Comunidades”, “Liderança”, “Libertação do homem e direitos humanos num mundo em mudança e desenvolvimento”.³¹ Tratava-se de formação ministrada pelos professores do Instituto de Pastoral Regional (IPAR), membros da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) e pelos próprios padres e demais membros de assessoria da Prelazia.

Em um desses Cursos de Lideranças, em comemoração dos dez anos de Comunidade Cristã na Prelazia, se avaliava a questão da conscientização:

³⁰ Relatório do Congresso dos 30 anos das Comunidades Cristãs na Prelazia de Cametá, 1990.

³¹ Relatório da Equipe Central, 1975.

Em 1979 a CC completará dez anos. Foi em 1969 que combinamos: “A Comunidade Cristã da Prelazia tem por finalidade a educação do senso comunitário dos batizados que compreendam melhor a exigência do seu batismo e comprometam-se livremente a trabalhar no seu ambiente, concorrendo deste modo para a crescente humanização da Prelazia”. Como método escolhemos: **“O primeiro método será o da conscientização da Mensagem Evangélica, na abundância de vida do seu conteúdo dirigido ao homem total”**.

É por esse motivo que o tema dos cursos de Liderança X é: COMUNIDADE CRISTÃ. Queremos seriamente fazer uma avaliação. Queremos ver se a CC conscientiza mesmo e como pode melhorar a conscientização.

Nos parece que nem tudo vai como deveria ser. Pois há tipos de conscientização. Tem trabalhos que nos ajudam a melhorar a nossa vida e há serviços que nos tiram da realidade... Dissemos que existe tipos de consciência! Há consciência ingênuas (inocentes) e consciência crítica.

Consciência ingênuas é uma visão inocente da realidade. Não enxerga o que se acha por detrás das palavras, dos gestos, dos planos, dos relatórios, das declarações. Assiste aos acontecimentos sem lhes investigar as causas sem medir lhes as consequências. Ou as vezes pega só os aspectos mais brilhantes e sedutores da realidade. Entusiasma-se: bate palmas, canta hinos. É consciência festiva.

Consciência crítica é a visão que cava, não fica naquilo que aparece, tenta atingir o subsolo do real, quer descobrir as veredas secretas. A consciência crítica quer descobrir o que uma palavra, um trabalho, um plano é de verdade. Quer saber para transformar, para melhorar! É uma consciência engajada, quer participar e faz participar.

Com essa consciência crítica vamos julgar a CC nos cursos de Liderança X.³²

Esses cursos serviram para a formação dos comunitários, em um processo em que havia as contradições no entendimento de pastoral. Após dez anos de comunidade, nem todos estavam compreendendo o processo de conscientização. Alguns preferiam aceitar a situação de forma pacífica, o que seria a consciência ingênuas. Entretanto, a consciência crítica seria uma resposta a uma mudança de mentalidade e de atitudes em relação às questões sociais.

Observa-se que era uma formação voltada para a realidade da sociedade. Esse processo proporcionou condições para refletir a realidade, para poder transformá-la. Segundo o depoimento da comunitária professora Deolinda Cordeiro, 65 anos, da CC de Mupi, percebemos essa mudança de mentalidade:

Nós somos oriundos da Igreja Católica. Todos os movimentos sociais têm na Igreja a sua origem. Nós iniciamos a trabalhar na Comunidade Cristã na década de 1970 e participamos na CC do Mupi, e através da Comunidade, nós conhecemos nossos direitos. Conhecemos que o ser humano não é somente a questão da fé, mas um todo. Libertar a pessoa da escravidão com a opção que a Igreja fez pelos pobres. A Igreja começou a organizar o sindicato, o partido político foi o último. Tudo isso foi através dos cursos promovidos pela Igreja. Daí fomos criando ferramentas pra lutar contra a opressão. Depois, nós mulheres, sentimos a necessidade de se organizar. Fomos vendo que a mulher tinha direitos que não conseguia, era marginalizada pelos maridos (machismo). Mulher só era pra cozinhar e fazer a vontade do marido. Também organizamos o movimento das mulheres, hoje temos associações... Hoje a gente mostra o valor da mulher. Quando a gente fazia um vestibular, a gente era aprovada, porque já tínhamos um conhecimento através dos

³² Jornalzinho da Diocese, 1978.

cursos nas comunidades cristãs. A Igreja nos trouxe o despertar da nossa consciência.

É importante destacar que a formação que a Prelazia proporcionava aos comunitários, segundo Deolinda, era de aspecto de uma consciência crítica da realidade. Despertava o senso crítico, como também o valor da mulher, na questão de gênero. Um despertar para a atuação na sociedade ao lado do homem. Uma posição não como submissa ao marido, mas como protagonista da sua própria história. Esse depoimento é importante, porque rompe com essa tradição machista de sociedade, que tenta a todo o momento desqualificar a mulher. Essa visão de gênero, nesse período, ganha uma notoriedade de igualdade, que contrasta com a tradição de uma sociedade machista.

Com toda essa formação, os trabalhos estavam integrados ao perfil adotado pela Prelazia. Nessa articulação, a Equipe Central era composta por três padres, que tinham mandato de cinco anos, e seria a ligação com as demais pastorais, sendo que em 1985 foi ampliada com representantes dos diversos setores (catequese, agricultura, saúde, CPT), passando a ser denominada ECAS (Equipe Central Ampliada com Setores). O depoimento de um dos membros dessa equipe ratifica esse modelo. Frencken (2010) afirma que era uma equipe, não no formato de cúpula, mas uma espécie de brigada volante, a serviço de todas as comunidades:

A nossa função era de visitar, todos os anos, todas as comunidades, coordenar e preparar os cursos, manter, em especial, contato com os animadores. As nossas visitas duravam 24 horas com chegada à tarde, à noite reunião com a equipe coordenadora da comunidade, pela manhã celebração da Missa (até a Oração Eucarística na responsabilidade da comunidade), depois reunião com toda a comunidade, almoço e partida para a próxima comunidade. Cada um de nós visitava mais ou menos cem comunidades por ano. Mais tarde a Equipe Central mudou para Equipe Central ampliada com setores. Foram incluídos os coordenadores das diversas áreas pastorais: catequese (Jesus, Benedita e demais outras), saúde (Liduína/Natalina), agricultura (Bernardo/Sací), Bíblia (padre Jaime) e mais outras.

Observa-se que era uma equipe centrada em organizar as Comunidades Cristãs. Nos intervalos das visitas havia os encontros de formação. Toda essa organização dava estrutura para que as comunidades se mantivessem conectadas com o restante das comunidades.

Nesse sentido, as comunidades, para se manterem atualizadas a respeito do que estava acontecendo no movimento comunitário, recebiam mensalmente um jornal chamado *Jornalzinho das Comunidades Cristãs*, com notícias das próprias comunidades e alguns avisos. O primeiro número fora distribuído nas comunidades em junho de 1976. Já em 1978 a Prelazia possuía 3.331 assinaturas em sete paróquias, sendo que Cameté possuía 1.254 e a

Vila de Carapajó, 603 assinaturas.³³ O município de Cametá possuía mais da metade das assinaturas do *Jornalzinho*. Percebe-se, nesse montante de assinaturas, o interesse das pessoas em manter-se informadas e, ao mesmo tempo, um hábito formativo da leitura. Outro fato importante era que em muitas comunidades havia uma biblioteca como espaço de formação.

Assim, a partir do *Jornalzinho*, a Prelazia criou uma pequena loja chamada “Boa Imprensa”, instalada na feira pública de Cametá, mais tarde com o nome “Centro Informativo da Prelazia”, que seria o ponto de encontro dos comunitários com os acontecimentos da Prelazia. Nesse sentido, os comunitários ganhavam formação, no sentido espiritual e social.

Dessa maneira se concretizou o novo jeito de Igreja: as Comunidades Cristãs. A palavra *caminho* se tornou síntese vivencial para as primeiras comunidades cristãs, destaca Suess (1986, p. 32). Essa forma de “caminho” acabou sendo compreendida também como síntese vivencial das populações atendidas pelos serviços da Igreja.

Um dos depoimentos marcantes desse período de formação foi de um senhor de idade em um dos cursos de liderança em 1975:

Antes o padre nos visitava, nos presenteando com muitas coisas. Mas, quando ele partia, ficávamos nós só esperando pela vontade dele. Agora é diferente: eu estou participando de um curso de formação, junto com pessoas de outras comunidades, estudando como nós podemos tomar conta da nossa vida. Provavelmente eu não verei os resultados deste trabalho, mas meus filhos e netos sim.³⁴

Esse depoimento marca um momento histórico para a formação dos comunitários. Há certo entusiasmo em participar do curso de formação, o que não havia anteriormente, pois a Igreja era apenas sacramento, e agora, uma Igreja preocupada com a situação social dos pobres. O homem que deu o depoimento é consciente desse momento, como bem enfatiza: “não verei essas mudanças, mas meus netos verão”. Esse momento é de extrema importância, pois os comunitários deixam de ser meros espectadores sociais para ser sujeitos históricos de mudanças, a partir das formações ministradas pela Igreja.

O primeiro encontro de lideranças ocorreu em 1969, e já sinalizava uma Igreja comprometida com a formação. Num artigo do *Informativo da Prelazia* relatava-se esse acontecimento:

A diversão ficou por conta do padre Geraldão Gommers, dos demais seminaristas e voluntários que, nos intervalos dos trabalhos e a noite após as reuniões ao som do violão do Zeca Favacho, entoavam belas canções do padre Zezinho, Roberto Carlos e outros, e ainda faziam brincadeiras e contavam piadas. Aos participantes

³³ *Jornalzinho das Comunidades Cristãs*, 1977.

³⁴ *Jornalzinho das Comunidades Cristãs*, 1975.

do curso compunham as outras equipes de trabalho. Durante as aulas e estudos todos os padres tinham suas funções e matérias a serem relatadas, sempre dentro do tema central do curso: líder é aquele que serve, baseado no Evangelho de Lucas, 22, 24-27, que diz: o maior entre vós seja como quem está servindo, e eu porém, estou no meio de vós como aquele que serve. (FREITAS, 2009).

Esse primeiro encontro contou com a participação de 45 pessoas de várias paróquias da Prelazia (Oeiras do Pará, Igarapé Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Baião e Cametá). Percebe-se que o direcionamento estava centrado na formação de lideranças, tanto no aspecto religioso quanto no social. O artigo continua:

O principal objetivo desse importante curso era formar líderes comunitários para a nova caminhada da Igreja, baseado nas diretrizes do Concílio Vaticano II. Foram 11 dias de muitos trabalhos, estudos bíblicos, momentos celebrativos e espirituais, ensaios de cantos litúrgicos e diversões. Os assessores do curso foram os padres: Henrique Riemslog, Geraldo Gommers, e irmã Sabina de Baião. (FREITAS, 2009).

Nesse sentido, aos poucos essa Igreja foi crescendo na dinâmica de formação, que correspondia a uma prática voltada para a realidade social.

No entanto, dos movimentos das Comunidades Cristãs surge uma relação com os movimentos sociais, pois a grande maioria dos membros dos movimentos é de participantes das comunidades.

4.4 COMUNIDADE CRISTÃ E ENGAJAMENTO SOCIAL

Os movimentos sociais no município de Cametá percorreram uma trajetória singular à do restante do Brasil. Foram movimentos que surgiram ligados à Igreja Católica, nesse caso, à Prelazia de Cametá. Nesse sentido, nos últimos 20 anos, o município de Cametá foi marcado por uma organização social que abrangeu diversos setores da sociedade, dentre os quais se destaca a organização da Igreja Católica em Comunidades Cristãs, com a sua efetiva contribuição na formação de lideranças políticas a partir da década de 1970.

Assim, as Comunidades Cristãs, como ficaram denominadas, tornaram-se sinal de um novo modo de organização social, refletida pela fé, com forte engajamento social, e foram ocupando espaços nas organizações sociais. Essa prática das comunidades apontava para uma “sociedade alternativa”, em que as pessoas são mais importantes que as coisas e todos podiam viver com dignidade. Uma sociedade que respeitava a liberdade humana, no serviço de um autêntico bem comum, sem qualquer tipo de restrições (MATOS, 1985).

Nessa trajetória, as Comunidades Cristãs marcaram seus passos na opção preferencial pelos pobres, como categoria construtiva. Esse aspecto foi fundamental para o

enfrentamento político em defesa aos seus direitos. As comunidades, dessa maneira, a partir de sua formação, materializaram uma conscientização política e crítica ao sistema capitalista, segundo Boff (1989, p. 98.).

Na Prelazia de Cametá, essa formação crítica ganhou adeptos entre os comunitários. O veículo de comunicação entre as comunidades refletia essa dinâmica crítica da sociedade, como se constata nas figuras 1 e 2.

Figura 1 – A nova forma de se organizar para conquistar direitos.



Fonte: Diocese de Cametá.

Figura 2 – Uma análise de como o povo era manipulado.



Fonte: Diocese de Cametá.

As capas das edições do *Jornalzinho das Comunidades*, uma de agosto de 1983 e a outra de agosto de 1988, têm muito a dizer sobre esse momento de formação crítica. A primeira capa ilustra o *ontem*, na figura do tubarão, que representa o sistema capitalista, que

come os outros peixes, no que seria a exploração do sistema; o *hoje* consiste nos peixes a organizar-se em sindicatos, movimentos de mulheres, pastoral de pescadores, movimento da feira, encontro Anilzinho e 25 de Julho; já o *amanhã* é esse povo já organizado, expulsando o tubarão, o sistema capitalista.

A segunda capa, já em 1988, cinco anos após a primeira, demonstra a consciência crítica do povo. A política para eles é simbolizada em um circo, com os partidos em volta, e no centro do circo, o dinheiro. Entretanto, surge no meio da multidão um novo partido, que se apresenta contra esse circo, o Partido dos Trabalhadores. Esse partido surge ligado ao povo, pois estaria contra a velha política do circo.

No entanto, essa formação, que se concretizou nas Comunidades Cristãs, teve como desdobramento o engajamento nas diversas esferas da sociedade civil, marcando um período forte de conscientização crítica. Uma das frases marcantes nesse contexto é do padre Gommers (1981): “que cresçam como gente”. Esta frase marca o pilar de sustentação das CCs: uma formação voltada para o sujeito. Gommers (1981, p. 38) afirmava ainda a importância do método de Paulo Freire:

Seguíamos o método de Paulo Freire: os cursos sempre partiram de questionamentos, devendo todos construir respostas em grupo. Aprendia-se julgar, ser sujeito, consciente de sua responsabilidade em relação à sua própria história. Aprendia-se a dar nomes ao seu próprio mundo, formar pensamentos próprios. Nós padres, descobríamos a riqueza deste povo, dando início ao nosso próprio curso: aprender a escutar.

As palavras do padre Gommers direcionavam o rumo pastoral da Prelazia, um direcionamento para o despertar do sujeito histórico, comprometido com a sua realidade. Além do mais, para Gommers, dando início ao nosso próprio curso, aprender a escutar, nesse caso, seria referente a eles, os padres: escutar os problemas do povo. Dessa situação, a formação garantiria as condições de organização de uma vida melhor, daí a frase: cresçam como gente.

Entretanto, todo esse trabalho ocorria em um momento histórico de ditadura militar no país, e ainda com um agravante, pois era baseado no método de um “inimigo da nação”, assim intitulado pelos militares, que era o professor Paulo Freire, já exilado no Chile. Nesse engajamento popular, temos o depoimento da agente de pastoral da Educação Popular que trabalhou na Prelazia na década de 1980, Salete Aquime, que confirmou o método Paulo Freire junto às comunidades cristãs:

A Prelazia desenvolveu um processo bastante amplo de educação popular nas comunidades. Era baseada no método do Paulo Freire de formação política,

formação com as mulheres, formação com os trabalhadores rurais, sindicato. O forte da educação popular nas comunidades, era a formação de jovens e adultos. As localidades distantes que tinha um número alto de analfabetos, a gente treinava, passava por um processo de formação de monitores. Esses monitores desciam as comunidades, em sua maioria da própria comunidade. Essa clientela era mais de mulheres, pois os homens estavam no trabalho da agricultura. No contexto global de educação popular mais amplo, era todo esse trabalho de formação política, formação sindical, discutindo a conjuntura atual no contexto, do mundo, do estado e município. Era um processo bastante ampliado de educação para as bases.

Portanto, essa estrutura de organização se materializou na formação dessas lideranças cristãs, que, ao despertarem para o engajamento, declinaram para os campos da política, com a criação do Partido dos Trabalhadores, em 1980, na retomada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cametá para os verdadeiros agricultores rurais, livres da manipulação política das elites locais, com forte presença de pessoas ligadas às Comunidades Cristãs. Nesse sentido, perceberemos um processo de mudanças no formato das lideranças comunitárias, que então reportarão um compromisso de caráter social.

Nesse direcionamento, principalmente a partir de 1977, a Equipe Central da Prelazia apresentou um plano prioritário. Favacho (1984) segue discorrendo que o principal método do movimento seria a conscientização da “Mensagem Evangélica”, na abundância de vida do seu conteúdo dirigido ao homem total. Esta conscientização será promovida por meio de diálogo, de cursos, retiros, semanas catequéticas, etc. (FAVACHO, 1984, p. 92). É importante nesse contexto o depoimento do comunitário que foi o segundo vereador eleito pelo PT no município de Cametá, José Cordeiro (CC de Mupi):

A primeira etapa de luta foi nossa formação na Comunidade Cristã. Uma segunda etapa foi nossas lutas e uma terceira foi a militância na política. Nas Comunidades participamos de muitos cursos junto com os padres holandeses. Depois que a gente engaja (participa efetivamente) fica com o compromisso profundo. Toda essa formação, foi muito importante. Conheço pessoas que foram alfabetizadas na leitura da Bíblia, e hoje são lideranças. Na militância política, lutamos para organizar escolas, setor da Estrada, setor de Baixo (ano que foi vereador pelo Partido dos Trabalhadores – 1988-1992). Essa formação que tivemos foi na comunidade. Fizemos frente contra um grileiro que expulsou o pessoal da Comunidade de Anilzinho, no qual fomos vitoriosos com a ajuda da Igreja, isso em 1980. Depois, tomamos o Sindicato dos Trabalhadores Rurais dos chamados “pelegos”, que eram pessoas que estavam a serviço dos políticos locais, não representavam os trabalhadores rurais, na verdade. Depois, organizamos os pescadores na Z-16. Interessante, que criamos a Lei Anilzinho, mas não tinha legalidade, não se enquadrava na legislação brasileira, tanto a nível municipal quanto estadual. Nas discussões foi criar um partido. Eu me lembro que uma pessoa falava que não se legalizava partido para roubar. Tinha outros que falavam, se a gente tomou o sindicato no voto, a gente poderia tomar o PMDB ou o PDS, que seria melhor do que criar outro partido. Mas prevaleceu foi a criação do Partido dos Trabalhadores, que inclusive veio o Lula por aqui, depois foi fundar o sindicato em Baião e em seguida o Partido. Hoje, nós não temos formação pra dar outro passo, nós nivelamos o conhecimento, eu acho... Hoje precisamos fazer um novo ordenamento social...

O depoimento do comunitário reafirma a formação nas comunidades e o compromisso com a transformação social no embate político. Pela primeira vez na história, um trabalhador rural ocupa o Parlamento Municipal, que outrora era ocupado pela elite local: famílias de influência, comerciantes, etc. Agora temos um novo sujeito social, que sai da Comunidade Cristã para ocupar espaços sociais.

Nesse campo político dos comunitários ao partido dos trabalhadores, houve dois vereadores, José Cordeiro e Manoel Maria. O segundo se converteu ao projeto do partido da direita, já o primeiro se manteve fiel aos propósitos do projeto social de compromisso com os trabalhadores. Nesse cenário político, é importante pontuar o que houve nesse processo de formação, pessoas que preferiram o projeto dominante da elite local.

Quanto a essa formação, no que diz respeito às lideranças das CCs, Favacho (1984) conta que o plano traduzia uma latente, visava à formação de líderes ou futuros líderes para o interior e as cidades. Estes líderes seriam uma representação dos religiosos nesse local. Segundo ainda Favacho (1984), na região da Prelazia havia três tipos de lideranças: a oficial (prefeitos, vereadores e outras autoridades governamentais); a tradicional (exercida por pessoas de grande prestígio em determinadas áreas: antigos moradores do lugar que possuem grandes laços familiares ou antigos comerciantes ou mesmo proprietários de terra, ou ainda chefes de turmas de pesca); e as lideranças de classe, que surgiam das bases.

Nesse cenário é que surgem os novos autores, agora não mais os tradicionais, mas os que surgem nas bases das Comunidades Cristãs. O depoimento de Luiz Gonzaga (Zé Capina), 73 anos, que participou desse momento inicial da formação das Comunidades, conta um pouco dessa sua experiência enquanto participante da CC do Livramento, que fica na localidade da Estrada:

A nossa formação escrita é baixa, a gente não conseguiu uma formação do fundamental completo. Mas antes, no momento que iniciamos a luta da comunidade, a gente não tinha livro, simplesmente uma quinta série, lá de trás da década de [19]60.

A Igreja Católica nos ajudou muito no início dessa formação ... A Igreja trabalhou muito, juntando essas pessoas, por exemplo: no início da década de [19]70, já com a formação das Comunidades Cristãs e a opção pelos pobres, o bispo com os padres holandeses iniciaram essa nossa formação.

Eu tive esse privilégio de tá nesse movimento de formação como membro e fundador da Comunidade do Livramento na Estrada. Em 1970 o Pe. Geraldinho pediu que alguém da comunidade viesse pra Cametá, fazer o curso de liderança, e eu já vim participar do Liderança 5, essa época era dezembro de 1973. Em 14 de fevereiro de 1974, eu fundei a Comunidade Cristã do Livramento. Começamos a cantar as músicas dos movimentos sociais.

A formação que a Igreja deu, nós conseguimos ir avançando, ampliando as discussões, criando outras e outras lideranças, formando outras comunidades, e que deu uma grande junção de pessoas...

E hoje está aí o movimento amplo no município de Cametá, avançamos no sindicato, na política... Se nós não tivéssemos o apoio da Igreja, aí nós não teríamos conseguido avançar. Isso foi o início de nossa formação. Daí eu fui presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cametá no ano de 1997, vereador em 2004. A Igreja trabalhou na formação, mas ela tem um limite.

O depoimento de Zé Capina vem ratificar a formação recebida nas Comunidades Cristãs aos seus comunitários. Percebe-se que é um povo sem uma formação formal do Estado. Muitos eram analfabetos, que, nesse processo nas comunidades, foram despertando para a formação escrita. Como disse Zé Cordeiro, muitos se alfabetizaram lendo a Bíblia pelo método de Paulo Freire de refletir a realidade.

A Prelazia, nesse sentido, proporcionava essa formação engajada dos sujeitos, o que, segundo Favacho (1984), correspondia a uma consciência da responsabilidade com os problemas sociais e políticos. Os cantos nas comunidades, criados pelos comunitários, retratavam a realidade sofrida do povo, falavam da luta de classes, da opressão e da miséria, da fome e da falta de saúde e educação, do problema da terra e da exploração da classe dominante. Nesse caso, reforçavam a união do povo, da esperança, e o compromisso de um mundo mais humano e fraterno. Os cantos nas comunidades expressavam uma Igreja que não era somente espiritual, mas comprometida com a realidade despojada. Vejamos a letra do canto *Baião das Comunidades*, escrita pelo cantor Zé Vicente:

Somos gente nova vivendo a união.
Somos povo semente de uma nova nação, ê, ê.
Somos gente nova vivendo o amor.
Somos comunidade, povo do Senhor, ê, ê.

— Vou convidar meus irmãos trabalhadores,
Operários, lavradores, biscateiros e outros mais.
E junto vamos celebrar a confiança,
Nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz, ê, ê.

— Vamos chamar os índios que ainda resistem,
As tribos que ainda insistem no direito de viver.
E juntos vamos, reunidos na memória,
Celebrar uma vitória que vai ter que acontecer, ê, ê.

— Convido os negros, irmãos no sangue e na sina,
Seu gingado nos ensina a dança da redenção.
De braços dados, no terreiro da irmandade,
Vamos sambar de verdade enquanto chega a razão, ê, ê.

— Vamos chamar Oneide, Rosa, Ana e Maria,
A mulher que noite e dia luta e faz nascer o amor.
E reunidas no altar da liberdade,
Vamos cantar de verdade, vamos pisar sobre a dor, ê, ê.

Assim, o movimento das CCs na Prelazia apresentou um novo ordenamento de Igreja, não mais baseada nos sacramentos (batismo, crisma, casamento, primeira comunhão),

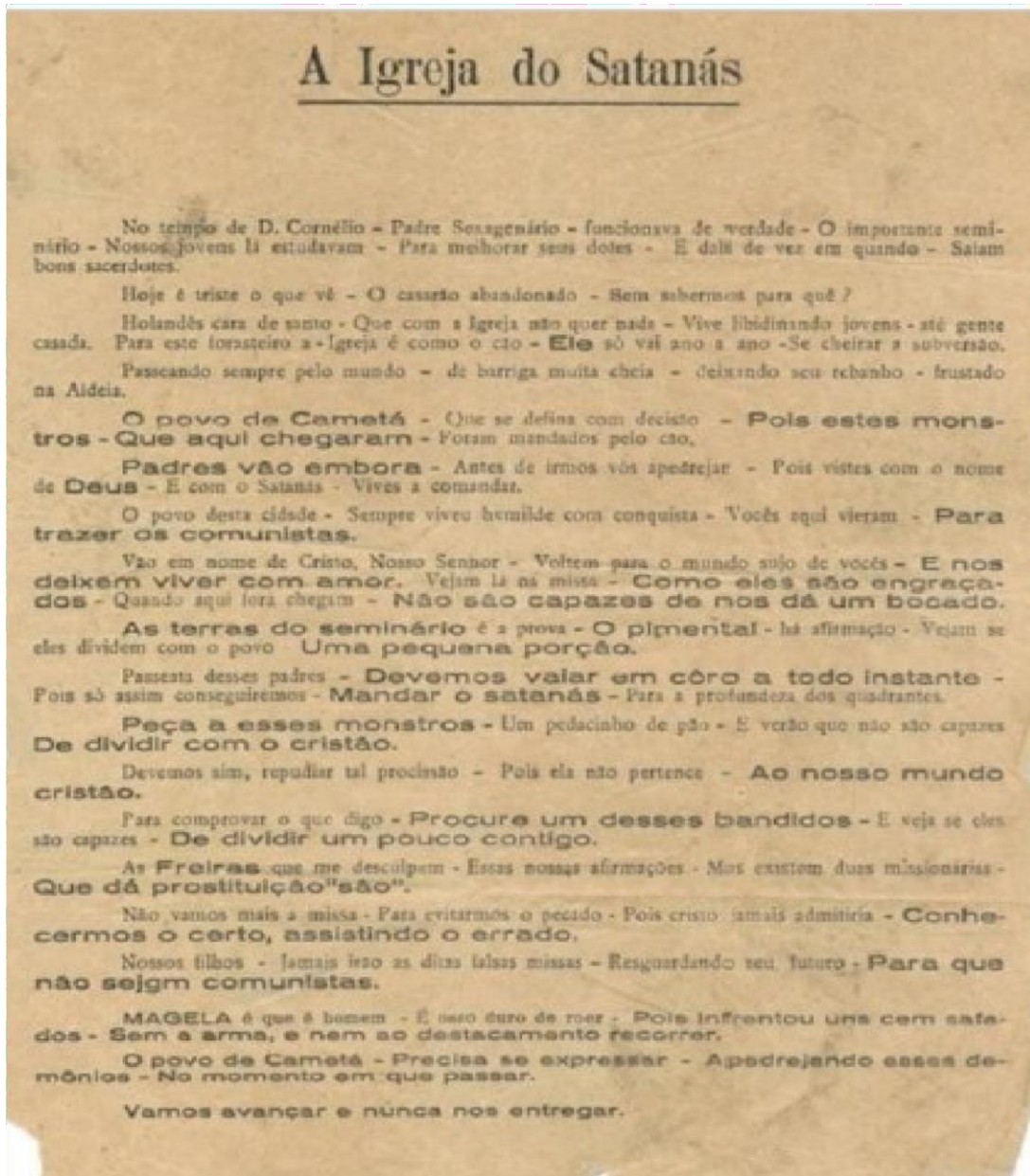
mas uma nova prática de cooperação, dos mutirões, da ajuda mútua. Nesse aspecto, os padres contribuíam para que o povo fosse descobrindo suas próprias possibilidades para se promover. A ex-coordenadora da Comissão Pastoral da Terra e ex-deputada estadual pelo Partido dos Trabalhadores, Aida Maria Farias, 56 anos, conta um pouco de sua participação nas comunidades, em especial da Cidade de Cametá, da CC de Bairro Novo:

A minha militância eu tive foi na Igreja. Eu fui catequista na Comunidade Cristã do Bairro Novo em Cametá, depois fui do JUBANO (Juventude do Bairro Novo), Pastoral da Juventude. Participei de muitos cursos de formação promovidos pela Prelazia. Fui para a CPT, onde a gente tinha uma leitura da realidade. Fiz muitos cursos de Fé e Política, onde a gente ajudava a população a se organizar, não só do ponto de vista da sua fé, mas da organização social. Ajudamos a criar cooperativas, para a associação da produção... e era uma organização dos agentes de pastoral, dos animadores e das lideranças. Essa forma de capacitar as pessoas foi até os anos [19]90, depois mudou o rumo da Prelazia... Nesse processo fui eleita deputada estadual somente com a ajuda dos movimentos em um momento muito difícil.

O depoimento de Aida nos demonstra o poder que teve o trabalho em conjunto da Prelazia, que visava ao despertar da consciência crítica. Aida foi eleita deputada estadual pelo PT em 1990, somente com a ajuda das comunidades da Prelazia. A única deputada mulher na história da política do Baixo Tocantins até o presente.

Esse momento é muito importante, porque a Prelazia assumiu uma prática a favor dos pobres. Além do mais, com uma abordagem teórica que mais se aproximava da realidade, a Teologia da Libertação, que propunha uma Igreja materializada na realidade do povo. Entretanto, essa postura da Igreja incomodou a elite local, que se via ameaçada no seu *status quo*. Aquele pessoal antes manipulado por essa elite agora era rebelde, por culpa dos padres estrangeiros. Percebia-se, então, que o trabalho de formação proporcionada pela Prelazia despertava uma organização e, ao mesmo tempo, um engajamento social. Com isso, surgem nesse momento novos autores, pois a política também pertence ao trabalhador, a produção do trabalho poderia ser organizada, livre dos atravessadores. Entretanto, esse tipo de formação começou a incomodar a elite local, que começou a distribuir panfletos difamatórios para que o povo se revoltasse contra o trabalho de formação dos padres holandeses, como se vê nas figuras 3 e 4.

Figura 3 – Panfleto intitulado “A Igreja do Satanás”, distribuído na cidade de Cametá em 1980 para colocar o povo contra os padres holandeses.



Fonte: Acervo particular de Aida Maria Farias.

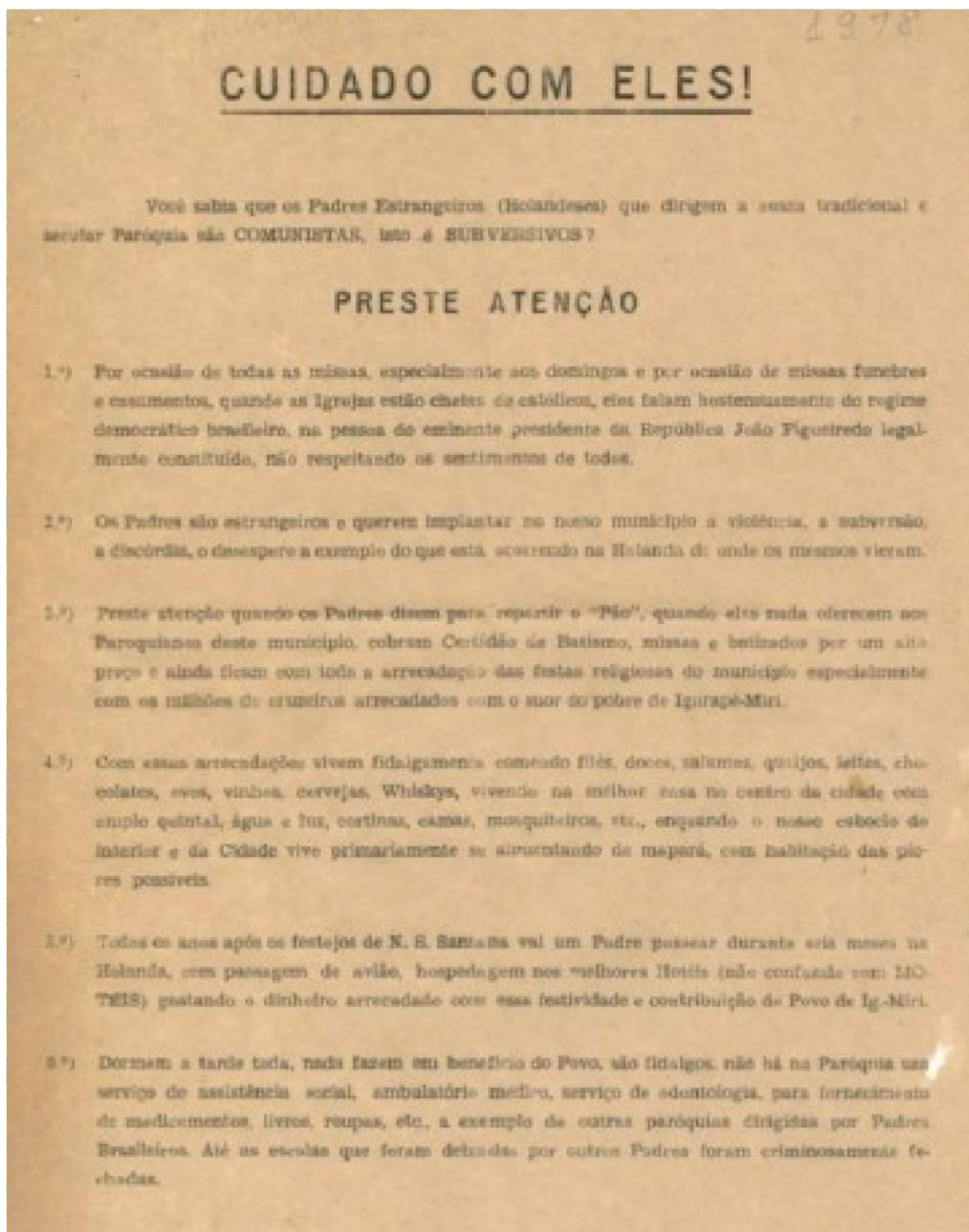
Excerto: “[...] **O povo de Cametá** que se defina com decisão – **pois estes monstros** – Que aqui chegaram – foram mandados pelo cão. **Padres vão embora** – antes de irmos vós apedrejar – pois viestes com o nome de **Deus** – E com o Satanás – vives a comandar. O povo desta cidade sempre viveu humilde com conquistas – vocês aqui vieram – **para trazer os comunistas**. Vão embora para o mundo sujo de vocês – **e nos deixem viver com amor**.

Passateas desses padres – **Devemos vaiar em côro a todo o instante** – Pois só assim conseguiremos – **Mandar o satanás** – Para as profundezas dos quadrantes. **Peça a esses monstros** – um pedacinho de pão – E verão que não são capazes – **De dividir com o cristão**.

Devemos sim, repudiar tal procissão – Pois ela não pertence – **Ao nosso mundo cristão**.

Para comprovar o que digo – **Procure um desses bandidos** – E veja se eles são capazes – **De dividir um pouco contigo**. [...]”

Figura 4 – Panfleto intitulado “Cuidado com Eles”, distribuído na cidade de Igarapé Miri em 1978 e alusivo aos “padres estrangeiros” (holandeses).



Fonte: Acervo particular de Aida Maria Farias.

Essa forma obscura de atacar não intimidou os padres holandeses. A elite política local pretendia, com esses panfletos, manipular a população contra os padres e provocar uma revolta. Nessa conjuntura de uma Igreja progressista, a Prelazia de Cametá intensificou, ainda mais, o compromisso com a formação e o propósito de organizar os comunitários para que

conquistassem seus direitos. Esse processo de formação despertou o senso crítico para a realidade social, como já descrito. Em 1984 ocorreu a primeira manifestação pública da categoria organizada pelas CCs, no dia 25 de julho, Dia do Trabalhador Rural. Houve nesse dia missa, atos públicos e manifestação.

Figura 5 – Missa celebrada pelo bispo D. José Elias e padre Leônides em 25 de julho de 1984, Dia do Trabalhador Rural.



Fonte: Acervo particular de Aida Maria Farias.

Figura 6 – Durante protesto, discurso do comunitário e animador de comunidade Francisco, conhecido como Chicão, 1984.



Fonte: Acervo particular de Aida Maria Farias.

Figura 7 – Passeata pelas ruas da cidade de Cametá, 1984.



Fonte: Acervo particular de Aida Maria Farias.

Esse momento de missa campal, passeata e discurso marca um momento ímpar no movimento social no município de Cametá. Os comunitários se identificam com o momento em que vivem, querem participar, enquanto cidadãos de direitos. Não aceitam a maneira como estão sendo governados, por isso, esse fato sinaliza a chegada de novos autores sociais.

Nesse sentido, o comunitário e também liderança Nilton (Lamparina), 72 anos, da CC de Paruru de Joana Celes, que foi animador de comunidade, ex-coordenador da Colônia dos Pescadores, e também candidato a vereador pelo Partido dos Trabalhadores, relata:

O Pe. Geraldinho dizia pra gente que somente quando a gente pobre assumisse o poder, é que as coisas irão mudar pra gente. O Pe. Geraldão (Gommers) orientava a gente, como nós deveria se comportar em determinadas situações, no caso, ele falava pra gente, olha, aquele espaço é do fazendeiro, tomem muito cuidado, ali é nosso espaço, pode ficar a vontade. Na realidade, nós comunitários recebíamos orientações dos padres. Nessa orientação, participamos de cursos, palestras nas comunidades, que a gente conseguiu entender que deveríamos lutar pelos nossos direitos.

Esse depoimento do comunitário Nilton referenda muito bem a situação que os comunitários enfrentavam: um embate de classes. Por isso, a formação proporcionada pela Prelazia era importante, pois quem participava do movimento das comunidades, na sua maioria, era o povo pobre, que ao longo do processo de formação foi compreendendo a necessidade de lutar por seus direitos sociais.

Já o depoimento de Benedita Castro (Bena Castro), 65 anos, da CC de Oeiras do Pará, que foi catequista da comunidade e vereadora pelo PT, relata:

O movimento da comunidade me ajudou muito na minha liderança política, eu fui compreendendo que deveria entrar na política e lutar pela transformação social... Pe. Arnold dizia: “Olha, Bena, vai participar do curso Fé e Política”. Esse movimento me ajudou muito no que represento como liderança, principalmente na representação feminina.

Nesse depoimento, percebe-se a importância dos cursos de formação, principalmente o Fé e Política, que era uma forma de despertar para o campo da política. Por isso muitos comunitários foram para esse enfrentamento político, do qual outrora estavam ausentes. Benedita conseguiu eleger-se vereadora pelo Partido dos Trabalhadores em Oeiras do Pará, como uma representação feminina, o que é muito raro nas câmaras municipais. E toda a sua formação foi a partir das Comunidades Cristãs.

O animador Roberto Pina, da CC de Espírito Santo, em Igarapé Miri, conseguiu ser prefeito desse município no período de 2005-2008. Antes foi coordenador do Movimento do Desenvolvimento do Baixo Tocantins (MODEST). Ele relata:

O Partido dos Trabalhadores foi criado em grande parte com o apoio da Igreja, e as Comunidades Cristã é o principal, como posso dizer, o principal elo da Igreja. Daí vem gente que entra como ativista social, político, sindicalista. A formação foi da Igreja, que começou a dar voz, dar formação, ajudar a definir o projeto de mudança, que teve opção pelos pobres, jovens, os excluídos. A minha principal formação foi da Igreja, que me deu lado, qual projeto que deveria defender. Pra mim o papel da Igreja foi fundamental para as principais lideranças do nosso movimento, da nossa luta, seja no sindicato, SINTEPP, política, nas organizações sociais, etc.

Roberto reforça o papel das Comunidades Cristãs, que possibilitaram à classe trabalhadora uma organização efetiva nas diversas denominações sociais. O papel da Igreja nesse processo todo foi o passo inicial para que os trabalhadores pudessem ocupar espaços, tanto na política, quanto nas questões sociais.

Assim, o trabalho de pastoral da Prelazia fomentou a formação no aspecto crítico social. Essa concretude de ação percebe-se também no depoimento de Evandro Cardoso, agrônomo, 51 anos:

A minha trajetória nas Comunidades Cristãs, ela se dá muito precocemente. Iniciou na CC de Boa Vista, que era uma referência na Paróquia de Oeiras do Pará, mas que ficava próximo à Paróquia de Cameté, para evento de formação, os cursos de liderança, que a Igreja promovia nessa Comunidade, que permitia acolher aproximadamente umas 70 pessoas. Nessa convivência a gente ia tomando gosto pelas discussões, pelos discursos, pela leitura crítica da realidade e pelos debates que ocorria. Com apenas 13 anos eu já estava envolvido. Daí comecei a atuar na militância pastoral. O padre Arnold foi um tutor que tive no processo de formação, junto com as irmãs vicentinas, que foram importantes nesse processo político. Fui catequista, coordenador da Pastoral da Juventude. Eu sou o resultado do trabalho das Comunidades Cristãs. Fui literalmente parido pelas comunidades cristãs nesse processo de formação de conhecimento da realidade. Desde muito jovem eu fui vendo a realidade que as pessoas vivenciavam, os conflitos. Obviamente você vai

introjetando e começando a tomar conhecimento à sua volta. Nesse processo de formação de fé e de política que as pastorais da Igreja promoviam junto com as CCs foram essenciais na minha formação, e passar a enfrentar esse sistema na busca da transformação dessa realidade... Nesse processo, muitas lideranças se forjaram na luta e acumularam os embates, tanto as CCs do interior quanto nos bairros das cidades. Nesse processo fui prefeito da Cidade de Oeiras do Pará, entre 1993-1996, com uma diferença de 84 votos. Essa conquista foi graças ao trabalho das Comunidades Cristãs.

O depoimento do agrônomo Evandro é muito importante nesse processo de formação de militância política orgânica, de enfrentamento das oligarquias municipais. É nítido que o trabalho nas comunidades possibilitava o embate político, e sua vitória como prefeito – o primeiro do Partido dos Trabalhadores na região Tocantina –, foi o resultado desse trabalho de formação, em que novos autores começavam a ocupar espaço político.

É importante observar que, no aspecto da formação, se compreendia a coletividade, uma nova maneira de ser líder, não como o patrão com poderes aos seus subalternos, mas sim o líder que caminha junto, faz as ponderações e estimula outros a ser líderes.

Entretanto, esse trabalho de pastoral incomodou, como já foi relatado, as lideranças políticas locais, que, não satisfeitas com esse movimento, começaram a denegrir a imagem da Igreja. O deputado Gerson Peres trouxe a Cametá a Igreja Católica Apostólica Brasileira,³⁵ na pessoa do ex-seminarista Eduardo Motta, hoje falecido, conhecido como Barbudinho, já nomeado bispo. Essa Igreja foi fundada por um dissidente, ex-bispo da Igreja Católica Apostólica Romana, e possui todos os rituais da Igreja de Roma. Fez isso para confundir as pessoas, uma maneira de atrapalhar os trabalhos dos missionários no município de Cametá, uma vez que a panfletagem não surtiu o devido efeito. Agora seria mais fácil confundir o povo com um ritual semelhante ao da Igreja de Roma.

Portanto, nessa conjuntura, os movimentos sociais no município de Cametá possuem sua gênese no seio da Igreja, e de certa forma, confrontando-se com o regime autoritário dos militares, foram ocupando espaços na sociedade, segundo Gohn (1992, p. 25):

Que os movimentos são frutos de ideias e práticas. As práticas fluem e refluem. As ideias persistem, e se transformam agregando elementos novos, negando velhos, segundo a conjuntura dos tempos históricos. Os movimentos são históricos e têm, embutidos, uma historicidade particular, que se expressa em suas práticas, na sua composição, em suas articulações e em suas demandas.

³⁵ A Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) é uma igreja que não está em comunhão com a Igreja Católica Apostólica Romana, principalmente por negar o dogma romano da infalibilidade papal e por admitir uma postura menos rígida diante de algumas determinações da Igreja Católica Apostólica Romana em questões que dizem respeito à obrigatoriedade do celibato sacerdotal e à proibição do divórcio. Foi fundada em 1945 pelo ex-bispo católico romano Carlos Duarte Costa.

Nesse sentido, a contribuição das CCs na formação de lideranças em Cameté vem sendo escrita em um processo histórico que centralizava o papel do pobre, pondo-o como protagonista. Acompanha uma história de lutas, derrotas e vitórias. Essa luta foi traçada com os comunitários, a partir dos padres lazaristas, e potencializada com o bispo D. Elias e muitos outros religiosos, que partiram para o enfrentamento de lutas em uma substância que ultrapassou as CCs, no compromisso com os problemas sociais, e materializada nas responsabilidades para o bem comum. Por isso, os fatos históricos marcam a trajetória dessa luta de um povo que, a partir de sua fé, se viu imbuído em concretizar, nas palavras do padre João Boonekamp, “o Projeto de Deus a partir do aqui e agora”, e para chegar a esse enfrentamento partiu de um processo de formação. Esse processo deu-se a partir das Comunidades Cristãs, como agora é testemunhado por quem participou dele.

Portanto, ao longo dos dez anos de administração do lazarista padre Riemslag, se observou todo um processo que abrangeu a criação das Comunidades Cristãs, a efetiva formação dos comunitários e seu engajamento social. O trabalho pastoral dos padres holandeses começava a refletir-se na sociedade civil, nos seus diversos desdobramentos.

Nesse confronto com a elite local, os padres holandeses foram criticados por seu trabalho pastoral, pois essa elite não permitia o despertar da consciência crítica. No entanto, essa forma de organização em Comunidades Cristãs teve, segundo Favacho (1984), rejeição e aceitação por parte das pessoas, e houve muitas que preferiram mudar de religião. Por fim, no dia 24 de agosto de 1980, padre Riemslag encerra seus trabalhos à frente da Prelazia e a entrega nas mãos do novo bispo, que também era lazarista, D. José Elias Chaves.

4.5 PERÍODO DE D. JOSÉ ELIAS CHAVES

Após aproximadamente dez anos de administração do padre Riemslag, a Prelazia recebia um novo bispo, D. Elias Chaves, também lazarista, mas originário da província do Rio de Janeiro. D. Elias era um homem culto, natural da cidade de Bambuí, Minas Gerais; fez seus estudos secundários no Seminário do Caraça, também em Minas Gerais, e superiores em Petrópolis, no Rio de Janeiro, e pós-graduação em Paris. Ao desembarcar em Cameté para tomar posse como bispo, já sabia o que o esperava. Assim, comprometeu-se com as causas dos pobres, e em seu discurso de posse enfatizou o seguinte:

Serei bispo de todos e para todos, mas como vicentino e colhendo a grande opção preferencial da CNBB pelos pobres, serei principalmente bispo dos pobres e para os pobres. E eu, que escolhera como lema do meu brasão episcopal a frase do

profeta Isaías: “O Senhor enviou-me para evangelizar os pobres”, numa carta que escrevi a meu coirmão do Sul, eu dizia estar muito feliz: “Depois de tantos anos, somente agora vou ser de fato missionário dos pobres, como queria S. Vicente de Paulo, nosso fundador...”³⁶

É importante que o novo bispo destaca seu compromisso com os pobres, o que compartilha com a pastoral da Prelazia, implantada pelos holandeses a partir das Comunidades Cristãs. Desse modo, irá observar que essa Igreja que assumirá como bispo é uma Igreja popular, e na sua mensagem ao *Jornalzinho* enfatiza esse contexto:

Aos caros Padres, Irmãos e Fiéis da Prelazia de Cametá
Pela primeira vez, desde que cheguei a Cametá muita alegria me dirijo a vocês, por meio do nosso *Jornalzinho*, para enviar-lhes os meus agradecimentos e a minha mensagem.
Fiquei muito emocionado e satisfeito com a calorosa recepção em Cametá no dia 24, manifestações dos lavradores, dos jovens, das crianças e do povo em geral, tudo muito bem preparado e organizado pelos nossos padres e irmãs e pelas comunidades, culminando com aquela maravilhosa liturgia de cunho tão popular, como é do meu agrado. Comoveu-me de modo particular ver reunidos todos os padres e irmãs da Prelazia e as representações das Comunidades da cidade e do interior com suas faixas e cartazes, e sua intensa participação na liturgia...³⁷

Nesse sentido, o novo bispo prossegue o trabalho de formação social que a Igreja adotava, o que não aconteceu em muitas partes do Brasil, em que os trabalhos foram desmontados rumo ao conservadorismo.

Um dos fatos marcantes dessa presença no engajamento foi o gesto do então administrador, padre Riemslag, na sua ordenação episcopal em Bambuí, que o marcaria para o resto de sua vida. O então administrador Riemslag, no momento do ofertório, levou um saquinho de terra e disse:

“Este saquinho traz terra da Prelazia de Cametá; mais precisamente terra da comunidade cristã do Anilzinho, onde um grileiro quer tomar as terras dos pobres comunitários e expulsá-los de lá. A Prelazia decidiu assumir a causa dos comunitários e defendê-los contra o grileiro. Eu trago aqui este pouco de terra do Anilzinho, para que o nosso novo bispo tome conhecimento e assuma também a causa e a defesa dos nossos pobres comunitários.” Fiquei profundamente emocionado e empenhado nesta causa...³⁸

Esse fato rememora um momento histórico: o administrador apostólico padre Riemslag fez um gesto simbólico com o saquinho de terra da Comunidade de Anilzinho, como um sinal do compromisso social que esperava o novo bispo. Esse problema ocorrera na comunidade de Anilzinho e era referente ao conflito de terra e à grilagem. O novo bispo, nesse sentido, poderia ignorar aquele problema na comunidade e deixar aquela gente à sua

³⁶ Discurso de D. José Elias ao tomar posse como bispo da então Prelazia de Cametá, 1980.

³⁷ *Jornalzinho das Comunidades*, 1980.

³⁸ Depoimento de D. José Elias Chaves, em sua ordenação episcopal em Bambuí, Minas Gerais, em 1980.

própria sorte. No entanto, assumiu o compromisso com os comunitários no enfrentamento dos supostos proprietários das terras – este fato é um capítulo à parte na história da Prelazia.

Assim, continuou a formação dos comunitários no sentido da organização enquanto categorias. Com a pastoral da pesca, incentivava os ribeirinhos a se unirem em categorias:

Estamos aí lutando para organizar a nossa classe. Como está a discussão da organização dos pescadores em nossa comunidade? Já estamos nos mexendo? Ou estamos de braços cruzados? Vamos despertar, que nossa vida vai melhorar quando estivermos unidos e organizados.

Queremos, desde já, convidar as comunidades que têm pescadores, para o encontro em Aldeia nos dias 20 e 21 de agosto. Não esqueçam, pois será de suma importância para todos nós. Contamos com a presença de todas as comunidades pesqueiras de Cametá! Quem assessorará este encontro, será o coordenador da Pastoral dos Pescadores da CNBB.

Venham participar! O encontro é de vocês e para vocês!³⁹

Esse momento de formação dos pescadores equivale ao compromisso com as causas dos ribeirinhos. Anteriormente, segundo Favacho (1984), participavam enquanto subordinados aos donos das redes de pesca do Mapará, que representavam uma espécie de liderança. Após dois anos, criam a Colônia dos Pescadores Z-16, que a princípio não seria aceita pela Federação dos Pescadores do Pará, segundo nota do *Jornalzinho*:

A Colônia dos Pescadores Z-16 de Cametá representada pela Junta Governativa eleita em Assembleia Geral no dia 05 de abril de 1990 e referendada e empossada pela Assembleia Geral do dia 02 de junho do corrente ano repudia veemente a posição radical do presidente da Federação dos Pescadores do Pará, Sr. Orlando Palheta Lobato que ao se fazer presente à referida Assembleia, recusou-se a assinar a lista dos presentes e manteve irredutível quanto a vontade da Assembleia que decidiu por unanimidade como de fato decidiu empossar a Junta Governativa acima referida...⁴⁰

Esse foi um momento muito turbulento na história da Colônia dos Pescadores Z-16 de Cametá. Os comunitários ganharam as eleições para a colônia; porém, o presidente da Federação dos Pescadores do Pará se recusou a empossar a nova diretoria, o que se tornou caso de polícia, pois o presidente da Federação tinha preferência na chapa perdedora. Podemos dizer, ainda, que os comunitários acreditavam no poder de sua formação e reafirmavam a sua consciência crítica, ao perceber algo de errado.

Outro fato de destaque nesse protagonismo das Comunidades Cristãs é a fundação do Sindicato dos Feirantes:

No dia 13 de maio de 1990, no auditório INSA fundou-se mais novo Sindicato de nosso município.
SINDICATO DOS FEIRANTES DO MUNICIPIO DE CAMETÁ-PA

³⁹ *Jornalzinho das Comunidades*, 1988.

⁴⁰ *Jornalzinho das Comunidades*, 1990.

Contou com a presença de 40 feirantes e dois parlamentares à Assembleia: o vereador Alvim Ferreira (PMDB), o presidente da Câmara Municipal dos vereadores Manoel Maria Louzada (PT).

Nesta nova década que se inicia vamos começar a democratizar nosso meio social. Nosso Sindicato tem muito a ver com os pescadores e trabalhadores rurais, e por que não dizer com todas as CCs. Pois, é desta feira que o Município se alimenta; porém companheiros nossa fome continua. Fome de: Espaço para trabalhar; higiene e relações humanas no trabalho; respeito e dignidade humana.⁴¹

Esse período é importante, pois os comunitários começam a ocupar os espaços na sociedade civil, e de forma organizada. Nessa assembleia esteve presente o vereador Manoel Maria, que foi o primeiro vereador eleito pelo PT no município de Cametá, e depois saiu do partido. Nesse sentido, temos muitos comunitários que militarão nos sindicatos, partidos políticos, colônias de pescadores, cooperativas, etc.

Portanto, os relatórios de alguns cursos de formação descreviam sobre o tema Fé e Política, destacando a importância desse contexto para os comunitários e sua prática rumo a uma organização de classe.⁴² A política estava inserida na vida das pessoas.

Com tudo isso, o novo bispo criou as pastorais da Juventude, da Pesca, da Educação Popular, cursos de formação. Enfim, os comunitários foram ocupando ainda mais os espaços na sociedade civil, com a formação do homem total e a consciência crítica da realidade. Nesse sentido, o espaço das Comunidades Cristãs materializou outros espaços, denominados como movimentos sociais.

4.6 DE UM POVO SUBALTERNO A SUJEITOS HISTÓRICOS

A partir de todo esse trabalho de formação que a Prelazia proporcionou aos seus comunitários, houve grandes efeitos no campo da militância social. A sua posição contra as injustiças sociais encontrou um embate forte dos políticos que dominavam a política local. O bispo Dom Elias seria agora alvo de ataques. Em uma ocasião, o então deputado federal Gerson Peres chamou-o “comunista” em um artigo publicado no jornal *O Liberal*. Em uma determinada ocasião, o bispo iria celebrar no Seminário Menor Pe. Josimo⁴³, no bairro da Cidade Nova, em Cametá, e o seu carro ficou atolado na lama; nesse momento, passa o deputado pelo local e se oferece para tirar da lama o veículo do religioso. Na conversa, D.

⁴¹ Jornalzinho das Comunidades, 1990.

⁴² Relatório do 2º Encontro de animadores, ocorrido no ano de 1981, no Seminário da Aldeia, em Cametá.

⁴³ Josimo Moraes Tavares nasceu em Marabá, Pará e foi assassinado em 10 de maio de 1986 em Imperatriz, Maranhão. Foi sacerdote católico, coordenador da Comissão Pastoral da Terra. Foi assassinado a mando de fazendeiros da microrregião do Bico do Papagaio (atual estado de Tocantins) por sua defesa dos trabalhadores rurais. D. Elias colocou o nome do padre no Seminário Menor, por ele representar a defesa dos trabalhadores.

Elias pede explicações: “Por que você me chamou de comunista no seu artigo no jornal?” O político desconversou e disse que não tinha chamado o bispo de comunista. D. Elias respondeu: “Você chamou, eu tenho o jornal”. O deputado disse: “Qualquer dia eu passo em sua casa para conversarmos”⁴⁴. Esse dia nunca aconteceu.

Essa Igreja, agora, defendia os pobres, estava ao lado deles, de modo contrário ao passado. Uma ilustração do *Jornalzinho* descreve esse fato (figura 8).

Figura 8 – A nova opção da Igreja, agora pelos pobres.



Fonte: Diocese de Cameté.

Assim, constata-se uma Igreja que antes estava ao lado dos poderosos, e que agora fazia a opção pelos pobres. Entretanto, esse ano é 1990, e o padre Alexandre, autor desse artigo no *Jornalzinho*, questiona a postura de alguns padres que estavam acomodados nas paróquias como reizinhos, e alertava os comunitários para que questionassem os seus padres.

Ele queria dizer que seria preciso reafirmar o compromisso da Igreja com os pobres. A opção adotada tanto pelos holandeses quanto por dom Elias, a favor dos pobres, encontrou muitos obstáculos, no entanto, souberam conduzir o processo. Em sua homilia em ocasião da festa do padroeiro da cidade de Cameté, São João Batista, D. Elias se expressou assim:

Sem sombras de dúvidas em nosso continente Latino-Americano e por conseguinte no Brasil, e também em nossa Prelazia, vê-se claramente a urgência dessa função profética, em face das situações de injustiças sociais, de opressão... que nós experimentamos há muito tempo, e que levaram os bispos em Medellín e Puebla a falarem de uma “situação institucionalizada de pecado” que é preciso denunciar. Por isso, no decurso dos últimos anos, tem havido tantos conflitos, perseguições e calúnias contra nossos bispos, padres e leigos que, seguindo as orientações oficiais da Igreja no Concílio Vaticano II e nos documentos de Medellín e Puebla, se puseram definitivamente a favor dos pobres e contra toda a sorte de injustiça e

⁴⁴ Relato de D. Elias Chaves, 1994.

opressão e, daí, foram tantas vezes vilipendiados, injustiçados, perseguidos e até expulsos do país...⁴⁵

A posição do bispo ratificava a postura que a Igreja tomou em face das injustiças causadas pelo sistema capitalista. Assim, a Prelazia, na estrutura das Comunidades Cristãs, formava os comunitários para atuarem como sujeitos ativos na organização das comunidades, e posteriormente nos movimentos sociais.

Já no ano de 1989, a Prelazia realizou o primeiro Congresso das Comunidades para celebrar os 20 anos de caminhada comunitária. No relatório do congresso, dizia-se que as comunidades conheciam de perto as dificuldades em que vivia o povo da cidade e do interior.⁴⁶ A crise econômica batia na porta e na mesa do pobre, a falta de trabalho e de recursos era uma realidade dura. Os que trabalhavam nem sempre recebiam salários justos, dizia o relatório final do congresso. Em outro artigo, publicado no *Jornalzinho das Comunidades* em julho de 1990 pelo padre Sebastião Carvalho Chaves:

Não podemos cruzar os braços e aceitar a situação. No que estava ao alcance a Prelazia procurava chegar com seu povo. A Prelazia apoiou o Sindicato dos Feirantes e a luta dos pescadores, que estavam em dificuldades com a Federação dos Pescadores do Pará. As Comunidades Cristãs estavam atentas para defender os direitos de todos.⁴⁷

Era nessa luta sistemática de organização e formação que a Prelazia conduzia os comunitários, em uma perspectiva democrática, de modo que as decisões eram tomadas em assembleias. Essa organização proporcionou: a tomada dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais para os trabalhadores rurais; a fundação do Sindicato dos Feirantes de Cametá; a posse da Junta Governativa da Colônia dos Pescadores Z-16 de Cametá pelos trabalhadores da pesca; o encontro Anilzinho em Tuerê, na Transamazônica; Assembleia dos Pescadores; Encontro da Saúde; além da vitória de muitos comunitários na política e encontros de produção e comercialização.⁴⁸

Assim, com todo esse trabalho de formação, o povo foi adquirindo rumos diferentes, compreendendo as razões para a organização social; a Prelazia, num conjunto de cursos de formação para os comunitários, despertou a consciência crítica deles, e com isso fomentou o interesse concreto em uma organização por direitos sociais.

⁴⁵ *Jornalzinho das Comunidades*, junho de 1983.

⁴⁶ Relatório do 1º Congresso das Comunidades, 1989.

⁴⁷ *Jornalzinho das Comunidades*, julho de 1990.

⁴⁸ *Jornalzinho das Comunidades*, julho de 1990.

Neste sentido, o salmo composto no encontro de Anilzinho na Transamazônica, que marcou o primeiro dia de liturgia, resume toda essa história de formação da consciência crítica.⁴⁹

SALMO DO TOCANTINS

O Tocantins, que nasce na região da Transamazônica e que desce por Tucuruí, Baião, Mocajuba, Cametá, Limoeiro do Ajuru, Igarapé-Miri, Oeiras do Pará e Bagre, levando para baixo toda a repressão sobre o sindicato, a política partidária, a economia, a ganância pela terra e pelo poder, os conflitos que causam morte sobre todos os municípios e companheiros.

Mas a maré teimosa vem contra este gigante, através das CEBs, associações de professores, movimentos de mulheres, jovens, CPT, formação de monitores agrícolas, PT e outros.

E, para encorajamento nessa viagem, nosso barco é rumo a nova sociedade, onde os pobres sejam respeitados, onde as mulheres tenham vez e voz, o homem do campo tenha a sua terra para trabalhar, onde todos tenham educação libertadora, estrada, saúde e alimentação adequada. É com isso que contamos neste barco com Jesus, o Deus Libertador, que não larga seu povo sozinho:

“Eis que estarei com vocês

Até o final dos tempos.”

A luta e a certeza que Deus acampou entre nós é que anima e ajunta forças de todas as comunidades na grande frase:

“Coragem, eu venci o mundo”.

José Bigode e Companheiros.

Portanto, esse povo cresceu e se tornou gente, que, a partir de sua formação na Comunidade Cristã, compreendeu o poder da organização social, com amplo aspecto democrático. Por fim, fica como reflexão a frase escrita sobre o túmulo do padre Geraldinho, na cidade de Amsterdã, Holanda: *Há muito a ser feito.*

⁴⁹ Jornalzinho das Comunidades, novembro de 1988.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É lícito, no momento conclusivo deste trabalho dissertativo, afirmar a grande contribuição que a Igreja da Diocese de Cametá proporcionou, enquanto formação social, a partir das Comunidades Cristãs, aos comunitários. Podemos dizer ainda que a história de lutas e vitórias deste povo tem a sua gênese no movimento das Comunidades Cristãs.

Nesse sentido, percebe-se que, a partir de uma crise dentro da Igreja Católica, precisamente a partir de 1950 e com a possibilidade da realização do Concílio Vaticano II, foi possível o surgimento de uma nova pastoral, principalmente na América Latina, e especialmente no Brasil, com as Comunidades Eclesiais de Base, que naquele momento representaram uma alternativa de renovação na Igreja.

Assim, nessa busca por uma renovação, a Prelazia de Cametá contou com a presença dos padres holandeses, que compreenderam esse período histórico. Com isso, organizaram seus cristãos no que seria para eles essa renovação, que ora se representou por meio das Comunidade Cristãs (CCs), que tinham como tema a formação do homem total e a consciência crítica.

No entanto, os trabalhos pastorais compreendiam uma Igreja-povo, em que o pobre era o protagonista dessa história. Com isso, dinamizaram muitos cursos de formação que se realizavam tanto nas paróquias quanto na cidade de Cametá, com o propósito de capacitar para uma consciência crítica, que libertasse o povo da alienação rumo a uma nova sociedade.

É importante destacar que esse povo, a princípio, encontrava-se sem rumo, entregue à sua própria sorte; mas, com a chegada dos padres lazaristas, foi possível uma nova configuração no cenário de uma organização social, que, por outro lado, veio a incomodar as elites locais, acostumadas a explorar esse povo.

Assim, podemos refletir: O que estamos fazendo nos nossos movimentos sociais, nas universidades, para provocar a consciência crítica? Muitas vezes estamos acomodados, vendo a cada dia crescer as correntes neofacistas. Deixamos de militar, tanto nas universidades quanto nos movimentos sociais. Intelectuais como Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Freire e Caio Prado – pra citar apenas estes – militaram nas bases, fazendo confrontos e conscientizando. Também a própria Igreja deixou suas bases para se fechar em suas paróquias, em uma pastoral espiritualista, o que, segundo Libânio (1983), seria a volta da grande disciplina.

Portanto, acredito que um mundo melhor é possível, e para isso é preciso coragem e militância, como a de Antonio Gramsci, que enfrentou o governo fascista de Benito Mussolini. Foi preso, mas não se curvou a uma ideologia que apequena o ser humano.

Coragem como a dos padres holandeses, que vivenciaram o horror do nazismo, com Adolf Hitler. Foram humilhados com a invasão nazista em seu país. Porém, na região Tocantina, encontraram forças para organizar o povo e enfrentar a ditadura militar no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALDUNATE, José (Org.). **Direitos humanos, direitos dos pobres**. São Paulo: Vozes, 1992. (Teologia e Libertação, Desafios da Vida na Sociedade, 4).
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ANDRADE, Paulo Fernando. **Capitalismo e socialismo: diálogo entre a doutrina social da Igreja e a Teologia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1993.
- ARNS, Dom Paulo Evaristo; WRIGHT, James. **Brasil: nunca mais**. São Paulo: Vozes, 1985.
- ASSEMBLEIA da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. XVIII. Igreja e Problema da Terra. 1980.
- ASSEMBLEIA Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos. II. Roma, 25 nov.-8 dez. 1985.
- BARROS, Raimundo Caramuru. **Comunidades eclesiais de base: uma opção decisiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 1968. (Coleção Novos Caminhos).
- BEOZZO, Pe. José Oscar. **A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II – de Medellín a Santo Domingo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- BERG, Adriano van den. **Vi um novo céu e uma nova terra: pastoral de comunidade na Prelazia de Cametá**. Caderno editado por ocasião do Jubileu de Prata da Prelazia de Cametá do Tocantins, 29 de novembro de 1977. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1977.
- BETTO, Frei. Prática Pastoral e Prática Política. **Tempo e presença**, Rio de Janeiro, n. 26 – Fé e Política, p. 11-29, março, 1980.
- _____. **O que é comunidade eclesial de base**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Primeiros Passos).
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1981.
- BISPOS DA AMÉRICA LATINA. **II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: conclusões de Medellín**. São Paulo: Vozes, 1992.
- BOFF, CLODOVIS. **Comunidade eclesial, comunidade política: ensaio de eclesiologia política**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. **Como trabalhar com o povo: metodologia do trabalho popular**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. Como vejo a teologia latino-americana trinta anos depois. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina**. Porto Alegre: Soter; São Paulo: Loyola, 2000. p. 84-85.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: as Comunidades Eclesiais de Base reinventam a Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **E a Igreja se fez povo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Igreja: carisma e poder**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **O caminhar da Igreja com os oprimidos: do Vale de Lágrimas à Terra Prometida**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Quarenta anos da Teologia da Libertação. **Comissão Pastoral da Terra**, Goiânia, 11 ago. 2011. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/artigos/751-quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao>>.

BOFF, Leonardo; MIRANDA, Márcia. Qual a contribuição dos militantes cristãos na política partidária? **Cadernos Fé e Política**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 5-20, 1989.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório: Mortos e desaparecidos políticos**. Brasília, 10 dez. 2014. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Prefácio de Jean Ladrière. Trad. Ruth Joffily. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

CARVALHO, Delza Maria. **Política e exclusão social: Um estudo sobre o município de Cametá – PA**. Belém: Camutás, 2008.

CASTRO, Edna Maria Ramos de; MOURA, Edila Arnaud Ferreira; MAIA, Maria Lúcia Sá (Org.). **Industrialização e grandes projetos: desorganização e reorganização do espaço**. Belém: Ed. UFPA, 1995.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COMBLIN, José. **História da teologia católica**. São Paulo: Vozes, 1969.

_____. **O Espírito Santo e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1987. (Coleção Teologia e Libertação, série 11, 4).

COMUNIDADE CRISTÃ: Boletim das Comunidades Cristãs da Prelazia de Cametá. Cametá, PA, n. 36, fev. 1974.

COMUNIDADE CRISTÃ: Boletim das Comunidades Cristãs da Prelazia de Cametá. Cametá, nº 67, nov. 1977.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Pastoral da Terra: posse e conflito**. São Paulo: Paulinas, 1976.

_____. **A Igreja e o problema da terra**. Documento aprovado pela CNBB em 14 de fevereiro de 1980. Itaiaci [Indaiatuba, SP], 1980.

CONCLUSÕES da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Medellín, Colômbia, 1968.

CONCLUSÕES da Conferência de Puebla – Texto Oficial. Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. São Paulo: Paulus, 1987.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Plano de emergência para a Igreja do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. (Cadernos da CNBB, 1).

CONSTITUIÇÃO Dogmática Lumen Gentium. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONSTITUIÇÃO Pastoral Gaudium et Spes. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DECRETO Conciliar Ad Gentes. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

DECRETO Conciliar Presbyterorum Ordinis. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

DECRETO Conciliar Unitatis Redintegratio. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

DOCUMENTO de Puebla. Documentos do CELAM. São Paulo: Paulus, 2004.

DOCUMENTO dos Bispos do Nordeste. Eu Ouvi o Clamor do Meu Povo. [S.l.], 1978.

DOCUMENTOS de Medellín. Presença da Igreja na Atual Transformação da América Latina à Luz do Concílio Vaticano II. Medellín, 1968.

DOIMO, Ana Maria. **Movimento social urbano, igreja e participação popular**. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro: ANPOCS; Relume Dumará, 1995.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**. São Paulo: Loyola, 1977.

_____. **De Medellín a Puebla**. São Paulo: Loyola, 1978.

_____. **Ética comunitária**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Teologia da libertação: um panorama de seu desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1999.

EVANGELIZAÇÃO no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Texto Oficial. Puebla de los Ángeles, México, 27 jan.-13 fev. 1979. São Paulo: Paulinas, 1979.

FAVACHO, José Coutinho; **O catolicismo amazônico e as CEBs diante das transformações sociais em ocorrência na região**: estudo pastoral da Prelazia de Cametá, à luz da Teologia da Libertação. 1984. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1984.

FIEL, Raimundo de Melo. **Comunidades cristãs de Cametá**: comemorativo à realização do I Curso de Lideranças Comunitárias em 1969. Cametá: Novo Tempo, 2014. (Novo Tempo Cabano, 12).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização – teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, Manoel Wanzeler de. O início das Comunidades Cristãs: lembranças inesquecíveis. **Informativo da Prelazia**, Cametá, jun. 2009.

FREITAS, Maria Carmelita. **Uma opção renovadora**: a Igreja no Brasil e o planejamento pastoral – estudos genético-interpretativo. São Paulo: Loyola, 1997.

FRENCKEN, Geraldo. **Em missão**: os padres da Congregação da Missão (Lazaristas) no Nordeste e Norte do Brasil. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A educação e a crise do capitalismo real**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **A produtividade da escola improdutiva**. Um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GADOTTI, Moacir; GUTIÉRREZ, Francisco (Org.). **A economia popular**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Questões da Nossa Época, 25).

GAUDIUM et Spes: Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no Mundo de hoje. 7 de dezembro de 1965, Proêmio, I. In: SANCTIS, Frei Antônio de. (Org.). **Encíclicas e documentos sociais**. São Paulo: LTR, 1991.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOHN, Maria da Gloria. **História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 2009a.

_____. **Movimentos sociais e lutas sociais na história do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2009b.

_____. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2014.

GOMMERS, Gerard. **Kerk die kiest voor haar volk: kerkvernieuwing in Brazilië met speciale aandacht voor de Prelazie van Cameté**. [Igreja que escolhe seu povo: renovação da Igreja no Brasil, com atenção especial à Prelazia de Cameté]. Dissertação (Mestrado). Nijmegen, Netherlands: [S.n.], 1977.

_____. **Samen CC**. Nijmegen, Netherlands: [S.n.], 1981.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. Trad. Carolina Bori. 4. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1975.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GRZYBOWSKI, Cândido. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**. Trad. Jorge Soares. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **A força da história dos pobres**. São Paulo: Vozes, 1981.

_____. **Falar com Deus a partir do sofrimento do inocente**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **O Deus da vida**. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **A verdade vos libertará: confrontos**. São Paulo: Loyola, 2000a.

_____. **Beber no próprio poço: perspectiva**. São Paulo: Loyola, 2000b.

_____. **Teologia da libertação – perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2000c.

_____. **Fome de Deus: fé e espiritualidade no mundo atual**. São Paulo: Schwarcz, 2013.

HECK, Egon; SUESS, Paulo. **Provocar rupturas, construir o reino: memória, martírio e missão de Vicente Cañas**. São Paulo: Loyola, 2017.

HOBSBAWM, Eric. **Pessoas extraordinárias: resistências, rebelião e jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

HOORNAERT, Eduardo. Situação histórica do Catolicismo no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, n. 3, p. 574-601, 1966.

HOORNAERT, Eduardo (Org.). **História da Igreja na Amazônia**. São Paulo: Vozes, 1984.

HORN, Geraldo Balduino; DIEZ, Carmem Lúcia. **Metodologia da pesquisa**. Curitiba: IESDE, 2005.

JORNADA TEOLÓGICA DOM HELDER CÂMARA. IV. Teologia para um novo tempo. Construindo um novo mundo. Recife, 30 jul.-03 ago 2001. **Anais...** Gráfica Dom Bosco, 2001.

JURAS, Anastácio Afonso; CINTRA, Israel Hidenburgo Aniceto; LUDOVINO, Rui Manuel Rosário. A pesca na área de influência da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, estado do Pará. **Boletim Técnico-Científico do CEPNOR**, Belém, v. 4, n. 1, p. 77-88, 2004.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Primeiros Passos).

_____. **História das ideias socialistas no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

LIBÂNIO, J. B. **O que é pastoral**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Primeiros Passos).

_____. **A volta à grande disciplina**. São Paulo: Loyola, 1983.

_____. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005.

LIVRO de Tombo da Paróquia de Cametá. Cametá, [S.d.].

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja de Lutero a nossos dias**. V. 4 – A Era Contemporânea. Trad: Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 1997.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. Trad. Edgard Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MATOS, Henrique C. José. **CEBs: uma interpretação para o ser cristão hoje**. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. T. 1 – Período Colonial. São Paulo: Paulinas, 1993.

MINICUCCI, Agostinho. **Psicologia aplicada à administração**. São Paulo: Atlas, 1983.

PERANI, Cláudio. **Comunidades eclesiais de base e movimento popular**. Salvador: Cadernos do CEAS, 1975.

_____. CEBs: alguns questionamentos. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 56, 1978.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Câmara: o profeta da paz**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Lúcio Flávio. A desorganização do grande projeto. In: CASTRO, Edna; MOURA, Edila A. F.; MAIA, Maria Lúcia S. (Org.). **Industrialização e grandes projetos: desorganização e reorganização do espaço**. Belém: Ed. UFPA, 1995.

PLANO de Pastoral. 11-12 fev. 1969. **Comunidade Cristã: Boletim das Comunidades Cristãs da Prelazia de Cametá**, Cametá, n. 01, jun. 1969.

PORTELLI, Hugues. **Os socialismos no discurso social católico**. São Paulo: Paulinas, 1990.

PUCCI, Bruno. **A nova práxis educacional da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1985.

REGAN, David. **Igreja para a libertação: retrato pastoral da Igreja no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

RELATÓRIO da Assembleia da Prelazia de Cametá. Cametá, 09-13 jan. 1984.

RELATÓRIO da Comunidade Cristã. Cametá, 1981.

RELATÓRIO da Equipe Central de Pastoral da Prelazia de Cametá. Cametá, 1975.

RELATÓRIO da Prelazia de Cametá. Reunião de fev. 1967. Cametá, 1967.

RELATÓRIO da Prelazia de Cametá. Cametá, 1972.

RELATÓRIO da Reunião dos Padres de Cametá. Cametá, 11-12 fev. 1969.

RELATÓRIO do Congresso dos 30 anos das Comunidades Cristãs na Prelazia de Cametá. Cametá, 1990.

RELATÓRIO do Segundo Encontro de Animadores, ocorrido no ano de 1981 no Seminário da Aldeia, em Cametá. Cametá, 1981.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global, 2015.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Religião e classes populares**. Petrópolis: Vozes, 1980.

ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra o Estado**. São Paulo: Kairós, 1979.

RUIZ, Castor Mari Martin Bartolomé. **A força transformadora e simbólica das CEBs**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SABER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena:** experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo – 1970-1980. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Marinilson Barbosa. **Construindo lideranças:** implicações pessoais, comunitárias e educacionais. São Paulo: Sulina, 2004.

SOUZA, Raimundo Valdomiro. **Campesinato na Amazônia:** da subordinação à luta pelo poder. Belém: NAEA, 2002.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento:** movimentos sociais e o confronto político. Trad. Ana Maria Sallum. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa:** a árvore da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1987. V. 1.

TURSI, Carlos; FRENCKEN, Geraldo (Org.). **Mantemham as lâmpadas acesas:** revisando o caminho, recriando a caminhada. Um diálogo de Aloísio Lorscheider com O Grupo. Fortaleza: Ed. UFC, 2008.

WANZELER, João Batista. **Educação em movimento, trabalhadores rurais em formação:** um estudo sobre lideranças no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Cametá/PA – décadas de 1970-1990. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Trad. Daniel Grace. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS

AIDA MARIA FARIAS, 56 anos, participou da CC do Bairro Novo – Cametá. Socióloga, mestre em Educação, ex-deputada estadual pelo PT, CPT, atualmente professora da Rede Distrital de Educação de Brasília.

BENEDITA CASTRO, 65 anos, comunitária, professora, ex-vereadora pelo PT.

DEOLINDA CORDEIRO, 67 anos, professora, coordenadora da Associação de Mulheres, comunitária da CC do Mupi.

EVANDRO CARDOSO, 51 anos, animador de comunidade, agrônomo, ex-prefeito pelo PT do município de Oeiras do Pará.

GERALDO FRENCKEN, 75 anos, holandês, trabalhou na Diocese de Cametá no período de 1970 a 1980.

JOSÉ MARIA CORDEIRO, 69 anos, ex-vereador, ex-secretário de Administração de Cametá no período 2001-2002 durante o governo do PT, comunitário da CC do Mupi.

LUIZ GONZAGA (ZÉ CAPINA), 73 anos, animador de comunidade, ex-vereador, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cametá, comunitário da CC do Livramento/Estrada.

NILTON (LAMPARINA), 73 anos, animador de comunidade, ex-presidente da Colônia de Pescadores Z-16 de Cametá, candidato a vereador pelo PT em 2000.

ROBERTO PINA, 68, anos, animador de comunidade, ex-prefeito do município de Igarapé Miri, ex-presidente do MODEST.

SALETE AQUIME PANTOJA, 55, anos, socióloga, mestre em Educação pela UFPA, ex-agente de pastoral da Diocese de Cametá, ex-secretária de Educação na gestão do PT em Cametá no período 2001-2004, candidata a deputada estadual pelo PT em 2002.

APÊNDICE B – PRIMEIROS PADRES HOLANDESES A CHEGAR À PRELAZIA DE
CAMETÁ

Padres Fernando van Dijk, Thiago van Rijn e Geraldo Pater.

Em 1937 chega o padre Roberto Pladet.

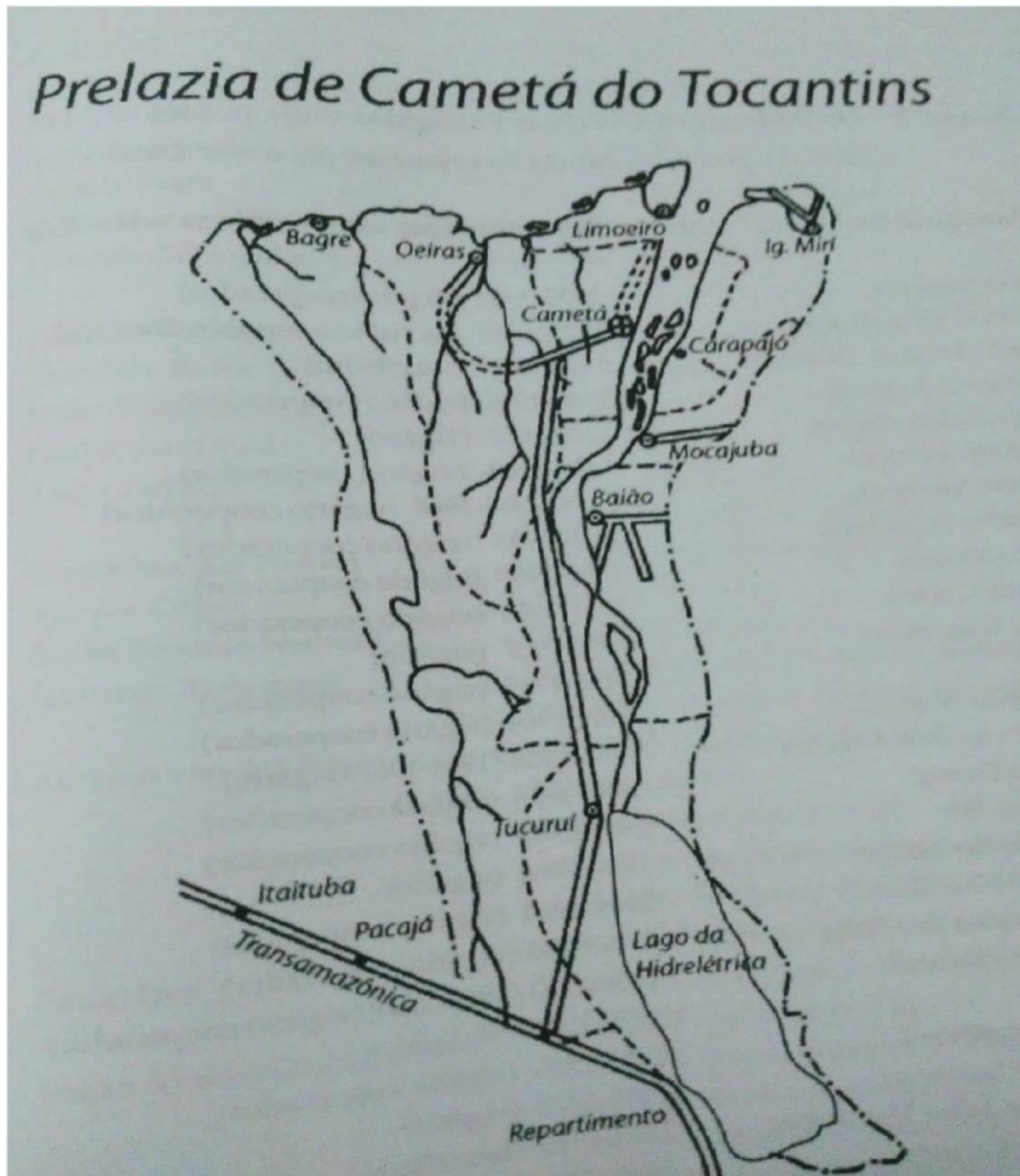
Em 1938: padres Pedro Hermans e Cornélio Veerman.

Em 1941 chega a Cametá o Pe. Thiago Poels, juntamente com as primeiras irmãs vicentinas.

Posteriormente, todos passando por Cametá, chegam os padres Teodoro Kroes, João Alberto Hermans, Pedro Smeets, Henrique Roemslag, Pedro Nota, Bernardo Gales, Adriano Naalden, Assis Beckers, Paulo Hos, João Boonekamp, Martinho Reinders, Arnaldo Konings, Geraldo Paridaen, Geraldo Gommers, Jaime Kriek, Lino van Lin, Adriano van der Heiden, André Rombouts, Afonso de Vree, Geraldo Frencken.

ANEXOS

ANEXO A – GALERIA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa da Prelazia de Cametá – 1980.

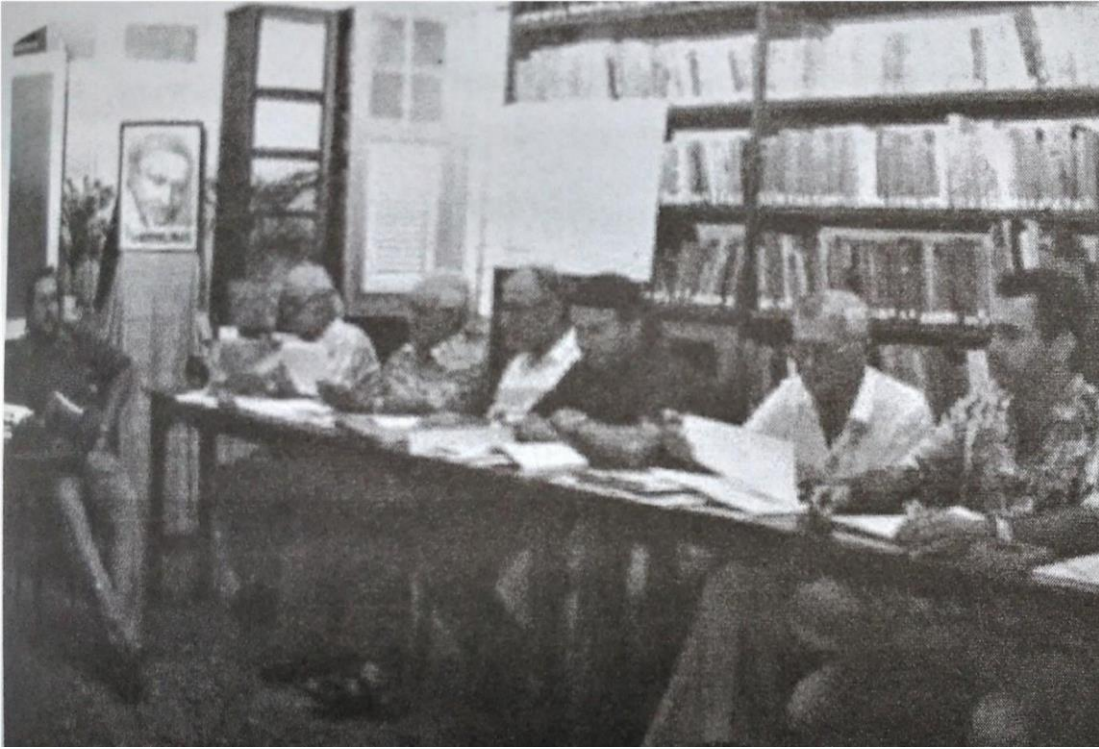
Fonte: Frencken (2010).

Imagem 2 – Capa de exemplar do jornalzinho da Diocese de Cametá.



Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 3 – Assembleia Provincial de 1982: padres Germano Nalepa, Raimundo Limbertie, João Boonekamp, Frederico Knibbeler, Piercarlo Beltrando e Henrique Riemslag.



Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 4 – Intervalo do Encontro dos padres lazaristas.



Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 5 – Encontro de formação com os animadores. Com cachimbo, Pe. Geraldo Gommers.



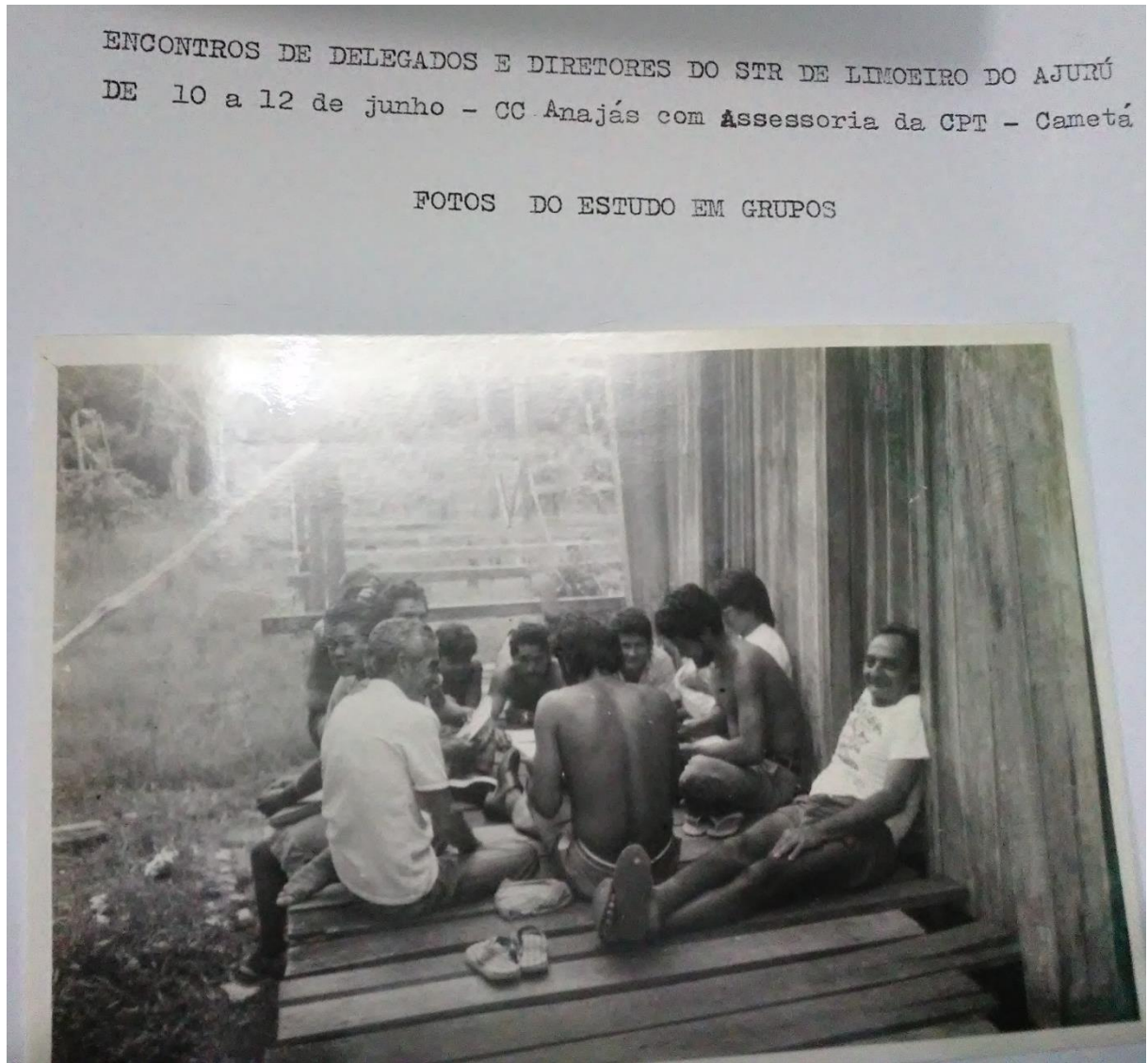
Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagens 6, 7 – Encontro sindical em 1985.



Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 8 – Membros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Ajuru.



Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 9 – D. Elias no encontro de Anilzinho.



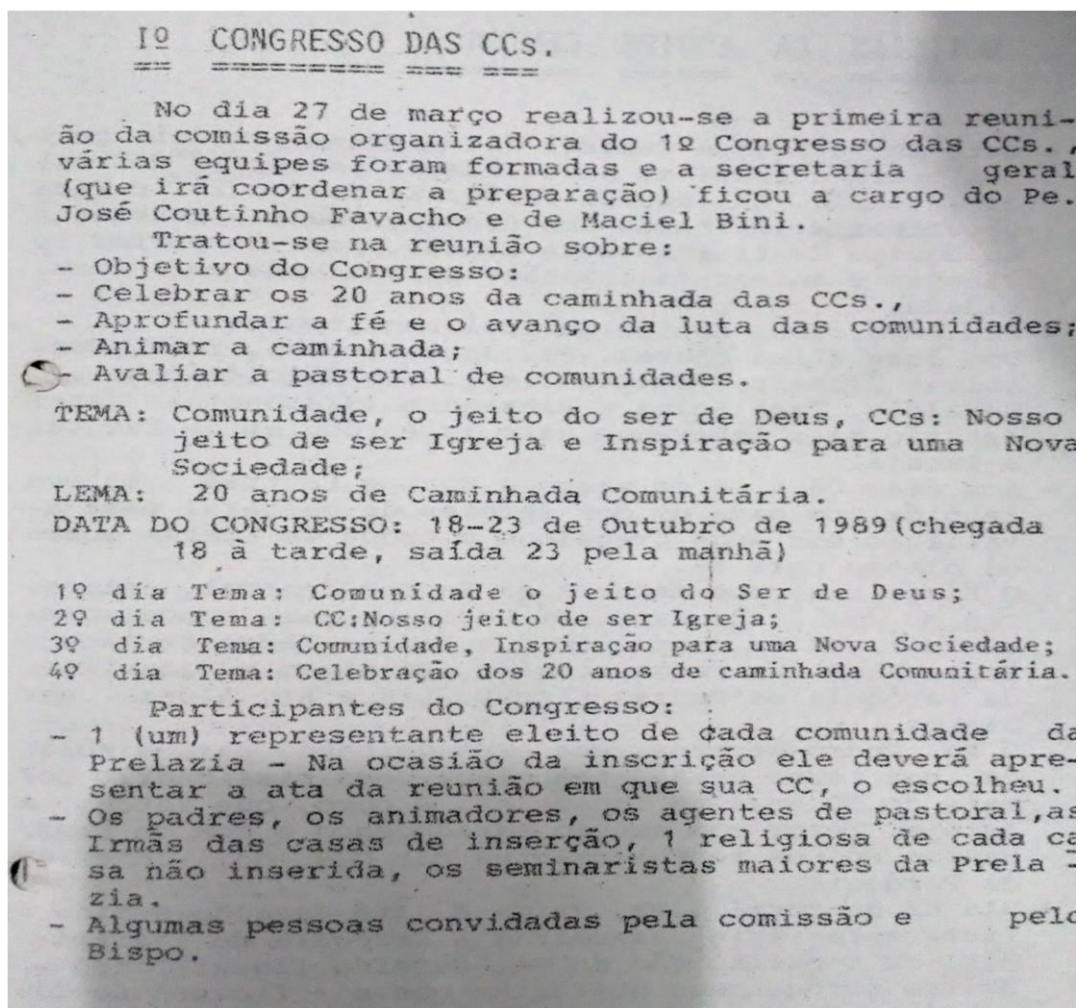
Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 10 – Encontro de Lideranças – 1969.



Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 11 – 1º Congresso das CCs.



Fonte: Acervo da Diocese de Cameté.

Imagem 12 – Encontro dos 20 anos de CCs.



Fonte: Acervo da Diocese de Cameté.

Imagem 13 – Assessor da CNBB, o primeiro da esquerda na mesa, Pe. Favacho.



Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 14 – Congresso 20 anos de CCs: Pe. Geraldo Gommers, o quarto da esquerda para a direita.



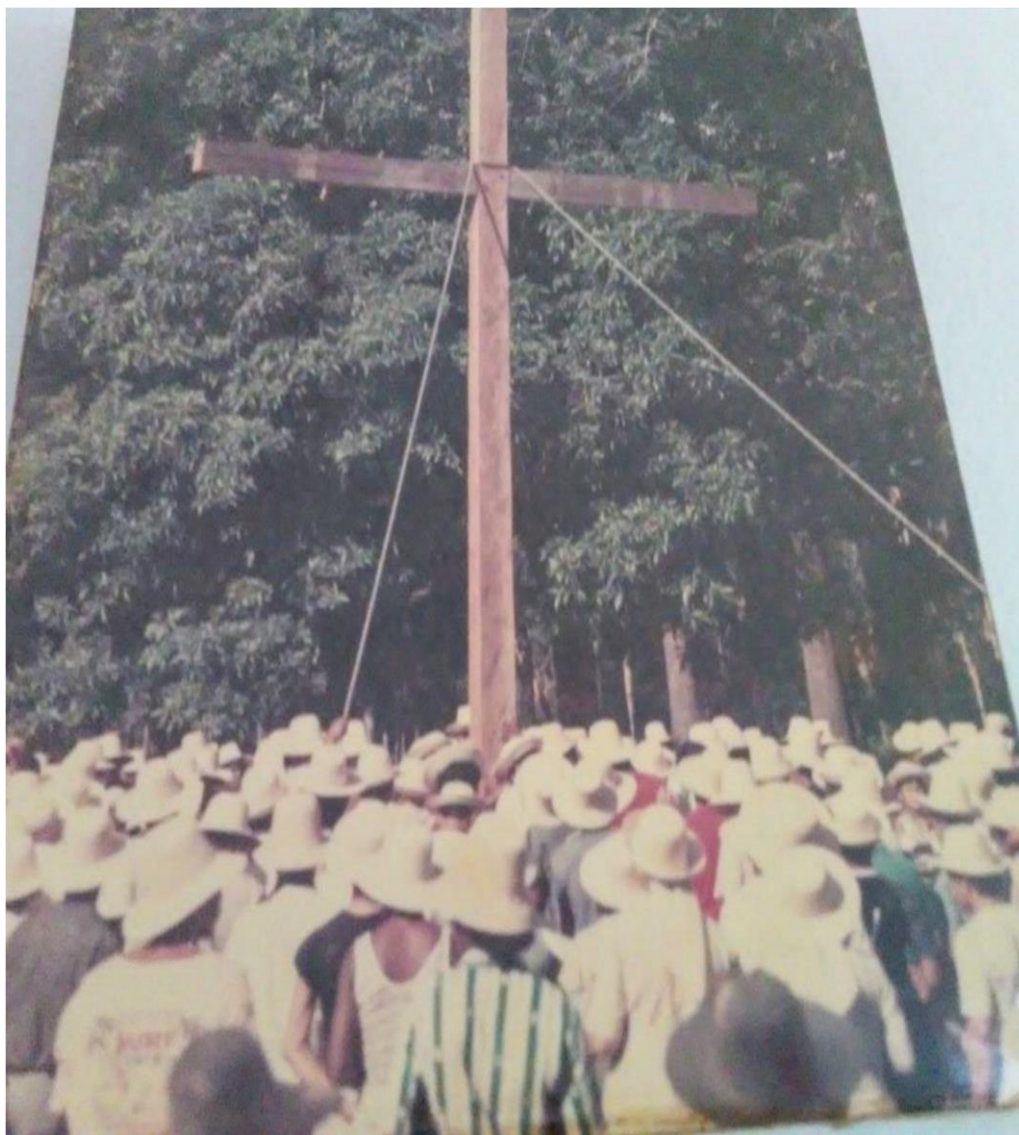
Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 15 – Encontro para juntos levantar a cruz.



Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 16 – Levantamento da cruz.



Fonte: Acervo da Diocese de Cametá.

Imagem 17 – Ordenação episcopal de D. Elias: do lado esquerdo, Pe. Henrique.

Bambuí-MG maio de 1981



Fonte: Internet.

ANEXO B – O POVO CONTA A SUA HISTÓRIA

20 ANOS DE CAMINHADA COMUNITÁRIA

I

Mil novecentos e sessenta e nove,
Data cheia de glória,
Em que nós, em comunidade,
Começamos a nossa história.

II

Começo de caminhada,
Nem poderíamos imaginar
Que um dia essa data,
Viéssemos a festejar.

III

O começo foi muito bom
Os grandes não se importavam.
Porque as injustiças,
A gente não denunciava.

IV

Aos poucos fomos aprendendo,
A como se organizar.
E então os nossos direitos,
Começamos a reivindicar.

V

A repressão chegou,
E aí não foi brincadeira.
Muita gente caiu fora,
Fizeram a maior besteira.

VI

Mas a luta continuou,
Esquentando pra valer,
Tomamos o sindicato,
Fundamos o PT.

VII

Foi mais uma esperança,
Que começou a nascer.
De um dia colocarmos,
Gente nossa no poder.

VIII

Vinte anos se passaram,
Muita coisa aconteceu.

A esperança do povo,
A cada dia cresceu.

IX

Foram vinte anos de luta,
De trabalho, de coragem.
De troca de experiências,
De muita aprendizagem.

X

Aqui termina meus versos,
Pedindo a companheirada,
Muita fé e perseverança,
Continuemos a caminhada.

Raimundo M. Fiel

HINO DAS CEBs

Refrão:

*CEBs, povo unido,
Semente da nova sociedade.
CEBs é força, é vida,
É luta é caminhada.*

*As CEBs despertam as organizações,
Instrumento de luta, de reivindicações,
Da cidade ao campo não tem distinção,
De raça, de cor e de religião.*

ANEXO C – COMUNITÁRIOS QUE ASSUMIRAM O PARLAMENTO

Comunitários ligados às comunidades cristãs que se elegeram ao executivo e ao parlamento de 1988 a 1990

Conquista de espaço no Parlamento

Vereadores (as) e uma deputada estadual eleitos na região: Cametá, Oeiras do Pará, Baião, Mocajuba, Limoeiro do Ajuru e Igarapé Miri:

CAMETÁ: José Cordeiro, Manoel Maria, Prof. Fortunato, Juca Castro, José Antônio, José Fernandes Barra e outros.

OEIRAS DO PARÁ: Maria José Santiago, Glória Gaia, Benedita Castro.

BAIÃO: Nilton Lopes, Jandira.

IGARAPÉ MIRI: Benoca, Raimundo Velho, Carmozinha.

LIMOEIRO DO AJURU: Raimundo Cavalcante, Tucuxi, Edno Brabo, Joana Barra.

MOCAJUBA: Edno Rocha, Nelson Meireles.

Deputada estadual eleita pela Região Tocantina: Aida Maria.

A conquista das gestões municipais e a representação no Parlamento

Prefeitos eleitos pelo PT:

1992 – Evandro Miranda (Oeiras do Pará)

2000 – Edno Rocha – como vice-prefeito (Mocajuba)

2000 – Quaresma (Cametá)

2004 – Nilton Lopes (Baião)

Nazareno Diniz – como vice-prefeito (Limoeiro)

2008 – Roberto Pina (Igarapé Miri)

2012 – Iracio Nunes (Cametá)